

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E
MEIO AMBIENTE**

**Abordagem perceptiva em Geografia dos ambientes vividos por
migrantes: o caso de Ibaté - SP**

ANGÉLICA MESQUITA KÖPKE

ARARAQUARA - SP

2013

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E
MEIO AMBIENTE**

**Abordagem perceptiva em Geografia dos Ambientes vividos por
migrantes: o caso de Ibaté -SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, curso de Mestrado, do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA - como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientada: Angélica Mesquita Köpke

Orientadora: Prof^a. Dra. Janaína F. F. Cintrão

ARARAQUARA - SP

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

K86a Köpke, Angélica M. R. Mesquita

Abordagem perceptiva em Geografia dos ambientes vividos por migrantes: o caso de Ibaté - SP/Angélica M. R. Mesquita Köpke - Araraquara: Centro Universitário de Araraquara, 2013.
122f.

Dissertação (Mestrado) - Centro Universitário de Araraquara
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade

Orientador: Profa. Dra. Janaína F. Ferri Cintrão

1. Percepção Ambiental. 2. Geografia. 3. Migração. I. Título.

CDU 504.03



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

www.uniara.com.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO ALUNO: Angélica Maria Rocha Mesquita Kopke

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, curso de Mestrado, do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA - como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Janaina Florinda Ferri Cintrão
UNIARA - Araraquara

Prof. Dr. Leonardo Rios
UNIARA - Araraquara

Prof. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira
UNESP - Rio Claro

Araraquara - SP, 16 de maio de 2013.

Dedico este trabalho

Aos meus pais Sônia e Manuel (*in memoriam*) que com muito esforço conseguiram me educar e hoje tenho muito orgulho deles.

Ao João, Lucas e Mariana, pela compreensão e apoio incondicional em todos os momentos desse estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a Deus por estar sempre presente em minha vida.

À Prof^a Dra. Janaina Florinda Ferri Cintrão, pela grande capacidade em orientar, pela paciência e amizade dispensadas durante o desenvolvimento desse trabalho.

Aos atores que compuseram o universo desta pesquisa, que apesar de suas atividades cotidianas dispuseram de tempo e atenção ao conceder-me as entrevistas.

À Banca examinadora de Qualificação e Defesa, Prof^a Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira e Prof. Dr. Leonardo Rios, pelas valiosas contribuições oferecidas para o término desse trabalho.

Agradecimento especial à minha mãe Sônia, por todas as orações e pensamentos positivos.

Ao meu esposo João, pessoa maravilhosa e companheiro inseparável, pelo carinho e apoio. E aos meus filhos Lucas e Mariana, pela compreensão demonstrada e pela abnegação com que furtou os diversos momentos do convívio familiar e de lazer.

À minha querida irmã Cris, que apesar da distância esteve presente e nos momentos de desânimo ofereceu estímulos positivos.

À todos os colegas de Mestrado, pelos momentos de descontração no trajeto de elaboração desta pesquisa.

Às secretárias do curso, Ivani e Silvia pela disposição em ajudar quando necessário.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram das mais diversas formas para a concretização deste sonho e que por ventura não foram citados, mas que mereceriam estar aqui. Obrigada por possibilitarem essa experiência enriquecedora e gratificante.

RESUMO

Refletir sobre a relação do homem com a natureza buscando entender a construção das diferentes ideias sobre essa interação, nos instigou a tentar compreender como os seres humanos percebem e compreendem o mundo onde habitam. A percepção ambiental é uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio e que ocorre através de mecanismos perceptivos e principalmente cognitivos. Na Geografia, o estudo da percepção é importante porque por meio deste ato se dá a compreensão do espaço geográfico. Nesse contexto, a migração é uma abordagem de elevada importância, para entender o modo de viver e as implicações que a mudança de meio ambiente provoca na vida das pessoas. Esse trabalho pretende descrever e interpretar a percepção do meio ambiente de trabalhadores rurais migrantes que desenvolvem suas atividades no município de Ibaté, localizado no interior do Estado de São Paulo, procurando compreender como se dão as relações desses indivíduos com o meio do lugar de origem e de destino. Procura, também, identificar como os sujeitos envolvidos percebem os principais problemas ambientais nos lugares vividos. Busca, ainda nesse estudo, identificar um recurso de aprendizagem para o ensino de Geografia. No que se refere ao aspecto metodológico, trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. A busca de informações se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas, dando liberdade para desenvolver cada situação na direção adequada, explorando amplamente as questões, com um roteiro pré-estabelecido. Autores como Rio, (1999) e Tuan, (1980) entre outros, balizaram e deram embasamento teórico à pesquisa para a compreensão da percepção ambiental. Os resultados alcançados permitem salientar a intensidade com que a maioria dos trabalhadores entrevistados percebe o ambiente natural e a paisagem da Terra de origem. Outro fato evidenciado nesse estudo foi a necessidade de envolver a participação popular em ações ambientais, manifestada através das sugestões apresentadas por eles em prol do meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção Ambiental; Geografia; Migração.

ABSTRACT

The thoughts over the relationship between men and nature, and the seeking for understanding the main frame of how different ideas can build this relation, have instigated us to understand how humans concept the world where they live. The environmental perception is a mental ability of interaction between subject and places, which happens through perceptive, and specially, cognitive mechanisms. In Geography, the study of perception is important because through this the geographic spaces are perceived. In this context, migration is also an important approach in order to understand lifestyles and the implication of environmental changes directly on people's life. In accordance to this, this work aims to describe and interpret the environmental perception of migrant tillers who work in Ibaté, a city located in São Paulo state, in order to understand how the relationship between origin and destiny places are made. Also, the present study aims to identify the perception of the involved subjects concerning environmental problems in origin and destiny regions, and furthermore, there are research objectives to identify a learning resource for teaching geography. Concerning the methodological aspects of this work, this is an explanatory research with qualitative purposes. Data was acquired through semi-structured interviews, which gave the interviewer freedom to adjust the conversation for better guidance, exploring the proposed questions in a pre-established script at most. Rio (1999) and Tuan (1980), among several other authors, have marked out and established the theoretical basis of research in the quest for the environmental perception. The results reached allow us to point the intensity which workers perceive the natural environment around them and their origin place. Besides, this study also revealed a need to involve people's participation in environmental actions, expressed through suggestions given in favor of the environment.

KEY-WORDS: Environmental perception, Geography, Migration.

LISTA DE FIGURAS

	PÁGINA
Figura 01	Localização de Ibaté e dos principais municípios circunvizinhos..... 21
Figura 02	Figura e fundo..... 28
Figura 03	Esquema teórico do processo perceptivo..... 42
Figura 04	Princípio do desenvolvimento sustentável..... 44
Figura 05	Trabalhador no corte da cana..... 66
Figura 06	Mapa de localização do Município de Barbalha- Ceará..... 67
Figura 07	Mapa de localização dos municípios de Terezinha e Brejão - PE..... 69
Figura 08	Localização dos municípios de Iaçú e Pé de Serra no estado da Bahia. 70
Figura 09	Trabalhadores entrevistados no plantio da cana..... 72
Figura 10	Moradia de um dos trabalhadores..... 73
Figura 11	Balneário das Três Gamelas, Iaçú-Bahia..... 80
Figura 12	Lugar citado como agradável pelo E09..... 85
Figura 13	Mata do alemão em Ibaté - SP..... 99
Figura 14	Lixo jogado na rua em Ibaté..... 100
Figura 15	Alguns moradores conversando na calçada no bairro Icaraí-Ibaté..... 101
Figura 16	Praça central de Ibaté em momentos distintos..... 102

LISTA DE TABELAS

PÁGINA

Tabela 01	Caracterização dos entrevistados	63
-----------	--	----

LISTA DE QUADRO

	PÁGINA
Quadro 01 Posturas e pensamentos frente às questões ambientais.....	21
Quadro 02 Concepções de Meio Ambiente.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C	-	Antes de Cristo
BA	-	Bahia
CE	-	Ceará
EA	-	Educação Ambiental
FEI	-	Folha Especial de Ibaté
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	-	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
op. cit.	-	Obra citada
PE	-	Pernambuco
PIB	-	Produto Interno Bruto
UNESCO-		Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana: a cidade como um todo e a rua onde moram. Yi Fu Tuan. Topofilia (1980 p.222).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
Justificativa	18
Objetivo Geral	19
Objetivos específicos.....	19
Metodologia	20
Caracterização da área de estudo	20
Sujeitos e amostragem.....	23
Técnicas da pesquisa	23
1 PERCEPÇÃO.....	26
1.1 Percepção e paisagem.....	32
1.1.1 Percepção na Geografia	33
1.1.2 A Paisagem no ensino de Geografia.....	35
1.1.3 Espaço, lugar e paisagem	37
1.1.4 Percepção, Educação Ambiental, Sustentabilidade.....	40
2 MIGRAÇÃO, AGROINDÚSTRIA, TRABALHO.....	48
2.1 Migração temporária.....	50
2.2 Agroindústrias no estado de São Paulo	52
2.2.1 Campeões de produtividade.....	55
2.2.2 O trabalho no canavial.....	57
3 A PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS MIGRANTES DE IBATÉ-SP ...	60
3.1 Caracterização dos trabalhadores rurais migrantes	61
3.1.1 A realidade dos entrevistados	64
3.1.2 Sensações dos trabalhadores.....	78
3.1.3 Motivação para migrar	86

3.1.4	As manifestações cognitivas.....	90
3.1.5	Julgamento, expectativa, avaliação	95
3.1.6	Condutas individuais ou coletivas	103
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICE	118
	Roteiro de entrevistas	119

INTRODUÇÃO

As propostas que emergiram da modernidade têm provocado profundas mudanças no meio ambiente a partir das relações dos seres humanos com a natureza. Para Giddens (1991), estamos negando a nossa história ambiental dos e nos lugares, desconfigurando as paisagens exteriores e interiores. Desde uma perspectiva interdisciplinar estas consequências devem ser enfrentadas entrelaçando entidades naturais e culturais, pela união de campos das ciências humanas e naturais.

Em função do conhecimento científico e das novas tecnologias, estudos realizados pela Geografia, pela Psicologia e demais ciências têm apresentado uma grande evolução no seu modo de pensar, agir e pesquisar, sobretudo no emprego de novas técnicas e métodos de abordagens que objetivam compreender e interpretar a complexa relação que se estabelece entre o homem e o meio ambiente.

A partir dessa visão que integra o homem à natureza, geógrafos como Lowenthal e Tuan (*apud* Almeida 2007), procuram entender como aconteceram os processos de deslocamento e ocupação de diferentes povos pelo meio ambiente e como esses indivíduos percebem e se relacionam com esse ambiente natural.

Nesse contexto, por meio de diferentes olhares sobre um determinado tema que envolve o meio ambiente e somando-se a história de vida da pesquisadora, surge essa pesquisa na possibilidade de entender e interpretar qual a percepção de ambiente que compõem a história de vida de cada indivíduo.

A luta pela sobrevivência sempre atuou como o fator responsável pelo êxodo de diferentes populações, em busca de uma terra onde o alimento fosse mais fácil de ser adquirido. Assim, a migração dos povos faz parte da história da humanidade. Desde os tempos mais remotos o ser humano vive em constante deslocamento, sempre buscando melhores condições de vida.

Faz parte das crenças do universo judaico cristão, e que se encontra no livro do êxodo, a promessa que Deus fez a Moisés de ir para uma terra promissora onde segundo Santos (1999), passa a idéia de uma nova realidade, de um espaço novo e diferente que, no fundo, trata-se do mito que cada indivíduo carrega dentro de si, na esperança de viver uma realidade

melhor. A migração implica novas relações com os lugares para o migrante. Essas experiências formam a base constitutiva dos significados que o ambiente natural recebe.

O estudo da percepção ambiental de uma determinada população configura-se como uma ferramenta essencial tanto para a compreensão acerca de comportamentos vigentes, como para o planejamento de ações que promovam a sensibilização e o desenvolvimento de posturas éticas e responsáveis perante o meio ambiente.

Os indivíduos constroem seu espaço perceptivo através do contato direto e íntimo com o meio ambiente vivido (PINHEIRO, 2003). Assim, o respeito à natureza deve ser um valor incorporado ao conceito de desenvolvimento, principalmente quando se trata de tomá-lo numa perspectiva das populações locais (MORET e SANTOS, 2010).

A percepção ambiental é uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio e que ocorre através de mecanismos perceptivos, e principalmente cognitivos. Os mecanismos perceptivos são dirigidos pelos estímulos externos enquanto os cognitivos contam com a participação da inteligência humana.

Nas últimas décadas, a percepção do meio natural tem sido abalada progressivamente, em função do êxodo rural e da urbanização. Os indivíduos que crescem em ambientes urbanizados tendem a perder a sua sensibilização e percepção em relação ao meio natural, deixando de criar com ele vínculos fortes o suficiente, para que possa ser construída uma valoração mental dos elementos (MARCZWSKI, 2006).

Normalmente os ambientes campestres estão longe dos grandes centros urbanos, a vida atribulada e corrida imposta pelas cidades, muitas vezes, impossibilitam as visitas aos ambientes naturais seja pela distância, custo financeiro ou até mesmo escassez de tempo. Em grandes centros urbanos é mais comum ir a jogos, shopping e cinema.

A percepção do indivíduo sobre o ambiente onde vive – seu espaço geográfico – pode contribuir para uma postura política necessária à reestruturação do espaço, com consequente melhoria da qualidade de vida. Essa percepção do meio ambiente pode variar entre indivíduos ou grupos dentro de uma mesma sociedade, e que como resultado dessas percepções, são geradas decisões e são tomadas atitudes com relação ao ambiente que podem contribuir para sua degradação ou conservação.

Conscientes de que a degradação ambiental está ligada diretamente à vida cotidiana, e que também os aspectos ambientais analisados junto à população são aqueles onde a alteração do meio ambiente é mais visível, portanto, capazes de serem percebidos, pesquisadores como

Rio (1999) e Tuan (1980) passaram a estudar o comportamento humano, atitudes e valores em relação ao meio ambiente.

Ao olhar uma determinada paisagem, cada indivíduo relembra cenas ou situações similares de experiências vividas no passado, junto com uma emoção particular que é fortemente conectada a esta memória e, conseqüentemente, estes sentimentos influenciarão fortemente as impressões e as avaliações do que é percebido (OHTA 2001 *apud* BORGES, 2010 p.18).

Os símbolos e significados que compõem a paisagem refletem o que as pessoas no grupo cultural definem ser apropriados ou inapropriados entre eles mesmos e o ambiente físico. Através de fenômenos socioculturais, o ambiente físico é transformado dentro da paisagem que é o reflexo de como nós nos definimos (GREIDER e GARKOVICH 1994 *apud* BORGES 2010 p.19).

Os indivíduos percebem e categorizam o que é dado, o ambiente natural e social em termos de subjetividade, dando como certo símbolos e significados, e deste modo, definem as situações as quais eles estão inseridos.

O princípio que norteou esse trabalho foi o desenvolvimento da questão da percepção ambiental de trabalhadores migrantes sazonais no corte da cana em Ibaté – SP, em três momentos:

- Articular questões preliminares sobre a percepção ambiental e suas diferentes formas de compreensão.
- Investigar os movimentos migratórios, na tentativa de construir a trajetória dos migrantes, sujeitos dessa pesquisa.
- Descrever o trabalho na agroindústria, particularmente o envolvimento do trabalhador no setor sucroalcooleiro.

Após a construção desses três primeiros momentos, chegou-se ao cruzamento dos dados teóricos construídos durante o percurso de nosso trabalho, com os dados pesquisados durante as entrevistas.

JUSTIFICATIVA

As inquietações que iniciaram esse estudo se deram em duas etapas:

- Durante a reflexão da autora sobre si mesma, que também faz parte do processo de migração, embora em outro momento e por motivo diverso. Casada com paulistano, migrou para São Paulo na década de 1980 e vivenciou as dificuldades características de um processo migratório, num **meio ambiente diferente**, com valores diferentes, e com costumes e sotaque estranhos ao povo do lugar de destino.
- Durante a prática docente, através da observação dos alunos, principalmente, migrantes nordestinos, das escolas das cidades da região central de São Paulo, em especial a cidade de Ibaté.

Como professora de Geografia e somando os conhecimentos adquiridos na graduação em psicologia, ao abordar, em sala de aula, o tema migração e a trajetória do trabalhador rural, observou-se que os alunos migrantes eram em grande maioria descendentes de nordestinos e ainda que esses eram filhos de trabalhadores rurais que vieram com os pais ou parentes, para trabalhar no corte da cana de açúcar. No início do próximo ano letivo esses alunos não estavam mais matriculados na sua respectiva turma, mas voltavam a frequentar as aulas, regularmente, em meados do mês de maio, período que se iniciavam as atividades com a cana-de-açúcar.

Verificou-se que quando eram abordados os temas relacionados ao **meio ambiente na cidade de origem** de alunos migrantes, havia um grande interesse dos demais educandos despertando, inclusive, a curiosidade dos mais indisciplinados, esses últimos ficavam em silêncio, mais atentos, ouvindo o relato do colega que tinha vindo de outra região.

A presença desses estudantes migrantes, que acompanham os pais enquanto trabalhadores rurais é reflexo da dinâmica migratória, que acontece há algum tempo e que na década de 1970 e 1980, trouxe para essa região grandes contingentes de mineiros, que tinham sido expulsos por um violento processo causado pela apropriação de suas terras pelos grandes latifundiários, e que a partir da década de 1990 vemos o acirramento da migração de nordestinos para os canaviais paulistas (MELO, 2008).

A partir do estudo sobre a **Percepção Ambiental de migrantes** pretendemos desenvolver pesquisas que possam mostrar alternativas didáticas e dispor de fonte para desenvolvimento posterior de outras pesquisas sobre o tema.

Portanto, a pesquisa de campo foi realizada com trabalhadores rurais, migrantes nordestinos, mas um dos objetivos dessa pesquisa foi identificar a **percepção ambiental** desses sujeitos e aplicá-la no contexto educacional das cidades, que recebem os filhos desses migrantes enquanto alunos.

Na escola, o professor poderá orientar os alunos sobre o tema abordado, e esses de posse de questões elaboradas a partir do roteiro de entrevistas dessa pesquisa, poderão envolver os pais e familiares. Essas questões levarão os sujeitos envolvidos a uma reflexão, compreensão e aprendizagem dos assuntos abordados no tema.

Objetivos

Objetivo Geral:

Descrever e entender qual é a percepção ambiental de trabalhadores rurais migrantes sazonais em Ibaté, interior de São Paulo, a fim de compreender a sua relação com o meio ambiente do lugar de origem e de destino, visando uma melhor compreensão dessa paisagem para, posteriormente, aplicá-la em sala de aula.

Objetivos específicos:

1. Identificar a compreensão de meio ambiente e educação ambiental por parte dos trabalhadores rurais migrantes nordestinos;
2. Identificar a percepção dos migrantes sobre os principais problemas ambientais da região de origem e da região de destino;
3. Identificar e analisar como se dão as relações dos migrantes com o meio ambiente do lugar de origem e de destino.

Metodologia

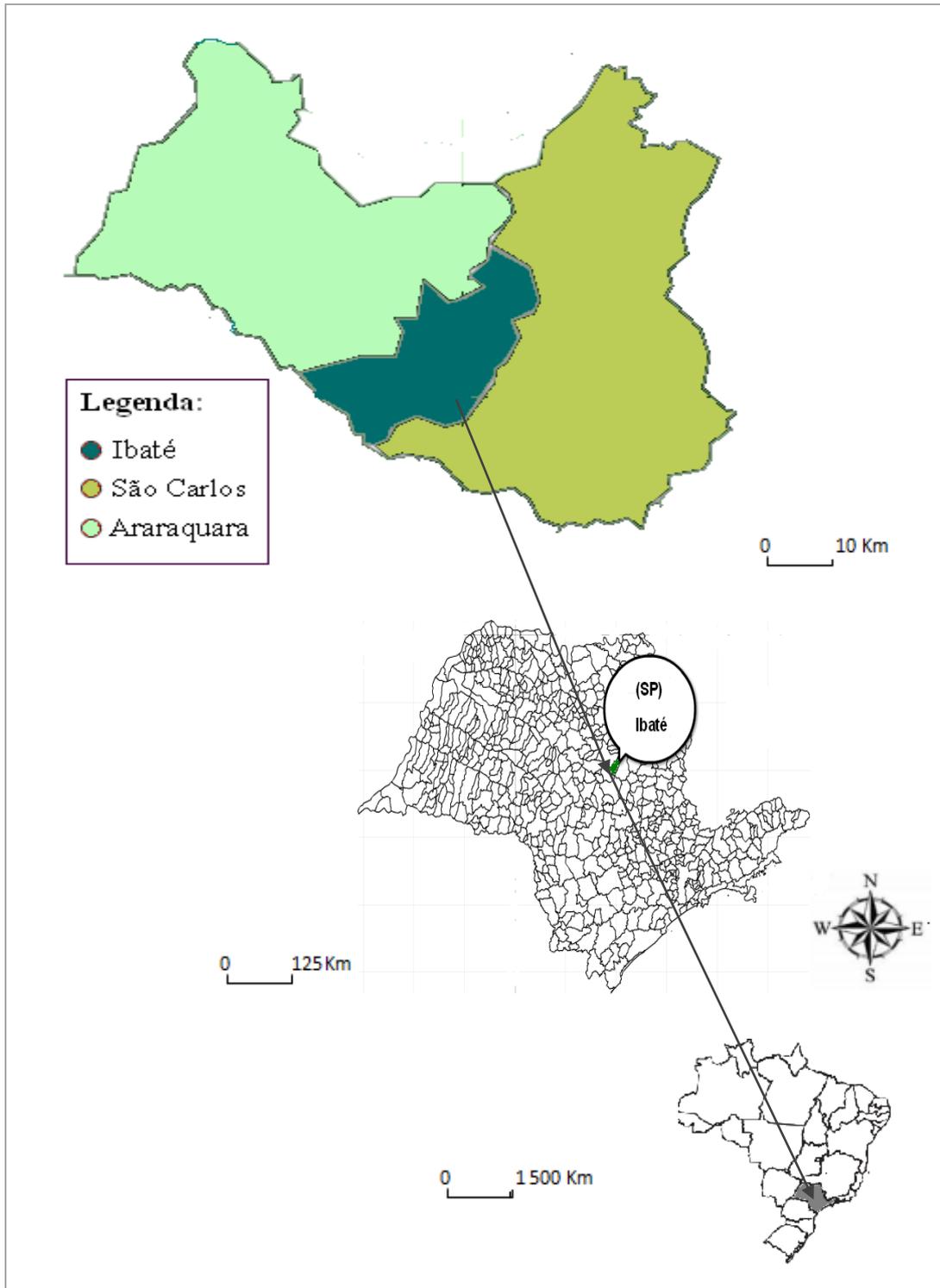
Caracterização da área de estudo

A cidade de Ibaté começou a ser povoada no final do século XIX, após a fundação da cidade de São Carlos. Fazia somente cinco anos que havia sido abolida a escravidão no Brasil. São Carlos do Pinhal contava com um pouco mais de três décadas. O café era o ouro verde e nesta região do Estado de São Paulo estavam algumas das maiores fazendas cafeeiras (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBATÉ-PMI, 2012).

E foi nesta época em que aventura e idealismo se misturavam, que o Tenente-coronel João Evangelista de Toledo chegou em Ibaté com seus genros José Cândido Porto e Cândido Tripeno em janeiro de 1893. As terras de Sesmarias Corrente, a partir daquele momento iriam receber pessoas que viam futuro em viver sobre uma bela colina, ao lado da estação ferroviária de Visconde do Pinhal, inaugurada em 1855, com o prolongamento da linha férrea que vinha de Rio Claro (PMI, *op.cit*).

Com o incremento da cultura do Café nessa região, os fazendeiros que possuíam suas fazendas localizadas próximas à Estação Visconde do Pinhal, doaram as primeiras terras quando começou a se formar o povoado. Seu primeiro nome foi São João Batista da Lagoa, porque conforme contam antigos moradores, no leito das estradas, principalmente as de rodagem, conforme a pessoa vai andando tem a impressão visual de imensas lagoas secas, atualmente pouco visíveis em decorrência da urbanização. Os que discordam da versão oficial no que se refere ao nome lagoa seca embasam na constatação de que a palavra viria de ybaté que em tupi-guarani significa lugar alto, o cume, e não lagoa seca (PMI,*op.cit*).

FIGURA 01 – Localização de Ibaté e dos principais municípios circunvizinhos no estado de São Paulo - Brasil
Base cartográfica: IBGE – Maio - 2013



Conhecida também como “Encanto do Planalto”, essa cidade tranquila com pouco mais de 30.734 habitantes (IBGE, 2010), conta com cerca de 290 quilômetros quadrados de superfície total, situada na região central do Estado de São Paulo, encontra-se a aproximadamente 247 quilômetros da cidade de São Paulo e fica entre duas importantes cidades da região, Araraquara e São Carlos (Figura 01), tornando-a uma espécie de cidade dormitório. A proximidade dessas duas cidades garante emprego urbano para a população de Ibaté. Diariamente milhares de pessoas se deslocam para trabalhar em cidades vizinhas, a maioria mulheres que exercem atividades como domésticas e os homens são trabalhadores em diferentes indústrias (FOLHA ESPECIAL IBATE, 2007).

A base da economia é a produção sucroalcooleira, portanto o município depende muito da safra da cana-de-açúcar. Isso se deve ao fato de ter poucas empresas instaladas no município. Para a economia local, a atividade da cana-de-açúcar representa mais de 50% do que é produzido no município. Segundo Daniel Vicente, presidente do sindicato dos empregados rurais de Ibaté, em relato ao jornal a Folha de Ibaté, no ano de 2011 a Usina da Serra fez o mesmo número de contratações em relação a ano anterior, apesar da mecanização (FOLHA ESPECIAL IBATE, 2012).

Também outras usinas da região contratam trabalhadores do município e acabam contribuindo para o desenvolvimento local. Ainda o sindicalista Daniel Vicente estima que Ibaté tem contribuído com mão-de-obra para as usinas da região, com mais de 4 mil trabalhadores. O comércio local depende muito desse período da safra da cana e da riqueza que gera. Muitos passam a investir somente depois que a safra inicia. A cidade depende da cana-de-açúcar (FEI, *op.cit.*).

No entanto, o emprego no corte da cana não é feito pelos moradores locais. Essa atividade por ser sazonal, atrai todos os anos cerca de 700 migrantes procedentes de cidades da região nordeste e de Minas Gerais, que chegam sempre no início da safra. Esses trabalhadores ficam em alojamentos na Fazenda Água Branca, divisa com Ribeirão Bonito outros na Usina da Serra e ainda outros ficam em casas que alugam nos bairros Icaraí e Jardim Cruzado (FEI, *op.cit.*).

Esses migrantes, costumam mudar a dinâmica da cidade durante a safra da cana. Eles vêm em busca de trabalho e muitos acabam se fixando na cidade. Mesmo sendo significativo o número de migrantes, em geral eles não causam problemas, na verdade, acabam gerando

riqueza oferecendo mão de obra em contrapartida à receptividade que recebem do povo ibateense (FEI, *op. cit.*).

Sujeitos e amostragem

A população selecionada para o levantamento de dados da pesquisa sobre percepção ambiental foi formada por dez trabalhadores rurais migrantes sazonais, que trabalharam no corte na safra da cana de açúcar na cidade de Ibaté, durante os meses de maio a dezembro de 2012, época em que as usinas da região contrataram 1.200 trabalhadores, entre esses, 700 são procedentes da região nordeste e 500 são da região de Ibaté, segundo informação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibaté.

Técnicas da pesquisa

Para alcançar os objetivos desse estudo foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica com a utilização de métodos de objetivo exploratório, com abordagens qualitativas.

O estudo exploratório da pesquisa partiu do levantamento bibliográfico de fontes secundárias que de acordo com Marconi e Lakatos (2007), abrange consultas a bibliografias tornadas públicas em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, capítulos de obras publicadas por autores organizadores, artigos de periódicos, dissertações, teses, resumos, relatórios, palestras, etc., até meios de comunicação orais, audiovisuais, do objeto e sujeito pesquisados, da legislação pertinente e dos atores locais envolvidos a fim esmiuçar o conhecimento sobre o assunto.

Foi elaborado um roteiro composto por perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE 01) depois aplicado em fase de pré-testagem. Em seguida fizemos as correções necessárias e chegamos ao material em anexo, que posteriormente foi aplicado pela pesquisadora aos dez trabalhadores rurais migrantes. Nesse roteiro de entrevistas o número de questões utilizadas levou em consideração os objetivos específicos propostos na pesquisa.

O contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado por indicação da secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibaté, que após exaustivas visitas concordou em

agendar uma reunião entre a pesquisadora e o trabalhador que apresentaria o primeiro migrante que aceitasse participar da pesquisa.

De acordo com informação dessa secretária do sindicato, esse trabalhador conhecido como “turmeiro”, organiza e acompanha diariamente os trabalhadores ao seu local de trabalho e por esse motivo, teria mais facilidade para apresentar a pesquisadora às pessoas que se encaixassem no perfil necessário para participar da pesquisa.

Assim, a aproximação dos primeiros participantes aconteceu através do “turmeiro” que informou o endereço de cinco trabalhadores rurais e os outros seis foram sendo indicados pelos próprios entrevistados à medida em que aconteciam as entrevistas.

A pesquisa de campo foi realizada com apenas dez participantes porque tratam-se de pessoas de difícil acesso. Foram muitas as ocasiões em que as entrevistas tiveram que ser desmarcadas na última hora. Alguns alegavam precisar resolver problemas particulares, outros desmarcavam sem justificar e houve casos de não participação porque não haveria remuneração para isso.

O desenvolvimento da pesquisa se apoiou na análise qualitativa dos dados provenientes da pesquisa de campo, com a aplicação de questionários semi-estruturados e entrevistas abertas.

A entrevista semi-estruturada, quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, é uma forma de poder explorar mais amplamente a questão.

Na entrevista qualitativa o principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos da vida cotidiana, usando seus próprios termos.

A análise dos resultados foi realizada com base no esquema teórico do processo perceptivo de Vicente del Rio (1999), e com os aportes teóricos de Yu Fu Tuan (1980). O esquema teórico apresentado por Rio (1999), demonstra todas as etapas do processo perceptivo: Realidade, Sensações, Motivação, Cognição, Avaliação e Conduta, funcionando em uma relação sistêmica. Tendo como base fundamental de observação a Realidade, cada um desses elementos apresentados por Rio (*op.cit*) foi analisado e comparado com os dados obtidos na pesquisa.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de setembro e dezembro de 2012, na residência de cada trabalhador entrevistado, localizadas nos bairros Icaraí e Jardim Cruzado, na cidade de Ibaté.

Os levantamentos realizados junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibaté, indicaram que a safra 2012/13 começou um pouco mais tarde e tal atraso ocorreu devido às condições climáticas desfavoráveis, com poucas chuvas, com períodos longos de estiagem. As chuvas que aconteceram nos meses anteriores a abril, facilitaram apenas os tratamentos culturais como limpezas e adubações.

1 PERCEPÇÃO

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações (Yi Fu Tuan 1980 p.4).

O termo percepção, derivado do latim *perception*, na maioria dos dicionários da língua portuguesa tem como significado “ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; idéia; imagem; representação intelectual (MARIN, 2008 p.206)”.

O primeiro cientista a demonstrar qualitativamente a constância perceptiva, propriedade fundamental na percepção do espaço foi Martius, enquanto Stratton demonstrou, através de experimentos clássicos, o papel da aprendizagem na percepção. Em 1838, Wertheimer, responsável pelo lançamento formal do movimento Gestalt, foi considerado um pesquisador de grande influência no estudo da percepção. Sua discussão foi embasada na teoria das demonstrações: o olho direito visualizaria a imagem de maneira diferente do olho esquerdo, sendo esta, a responsável pela percepção de terceira dimensão (DAY, 1979).

Os estudos sobre esse tema começaram muito antes de existir a ciência da Psicologia numa tentativa de entender e explicar as observações realizadas pelo homem sobre o mundo que o rodeia e assim compreender o conjunto de eventos físicos, que atuam sobre o homem enquanto estrutura fisiológica (DAY, *op.cit.*).

Portanto, esse autor nos demonstra que as pesquisas sobre percepção foram realizadas por fisiologistas, depois na psicologia, mas entendemos que seu estudo é importante para as diferentes áreas, pois auxilia na compreensão das interações do indivíduo com o seu meio, uma vez que sensações e percepções correspondem à matéria-prima das experiências humanas.

Até o século XX, surgiram dois grandes movimentos acerca da percepção e da sensação: a concepção empirista e a concepção intelectualista. Para os empiristas, a sensação e a percepção dependem de coisas exteriores, pois são provocadas por estímulos externos que agem sobre os órgãos dos sentidos, nosso sistema nervoso recebe uma resposta que parte do cérebro e volta ao sistema nervoso até chegar aos sentidos na forma de sensação ou de uma associação de sensações numa percepção (CHAUÍ, 2009).

Seguindo o raciocínio dessa autora, as sensações são independentes umas das outras, e a tarefa de ordená-las cabe à percepção. Sensação e percepção são agentes passivos diante das atividades do campo exterior sobre nosso corpo.

Para os intelectualistas, sentir e perceber são fenômenos que dependem da capacidade do sujeito para decompor um objeto (a sensação) e de recompô-lo num todo dando-lhe organização e significado (a percepção). A percepção e a sensação são fenômenos relacionados diretamente com a capacidade intelectual do sujeito sendo tal sujeito ativo perante os acontecimentos externos a ele. E a sensação só é processada e conduzida a uma percepção, quando acontece uma atividade de entendimento do que a pessoa sente.

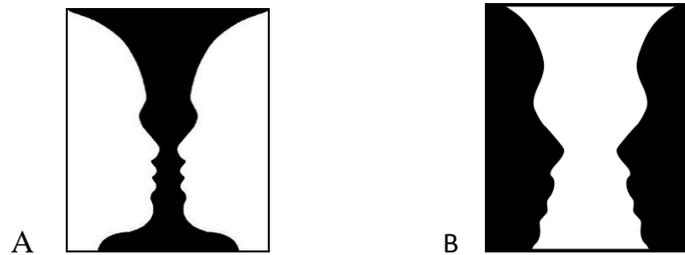
Para os empiristas as ideias são provenientes das percepções. Para os intelectualistas, a percepção e a sensação são sempre confusas e devem ser abandonadas quando o pensamento formula as ideias puras que dependem da atividade intelectual.

No entanto, apesar das diferenças, empiristas e intelectualistas acreditavam na relação de causa e efeito mediando o sujeito com as coisas exteriores. O conjunto de sensações organizadas em percepções, fazem a síntese do objeto percebido.

Porém, a fenomenologia e a Gestalt mostram que não há diferença entre sensação e percepção porque não temos sensações parciais, pontuais ou elementares. Experiências conhecidas como figura-e-fundo nos mostram que não temos sensações parciais, mas percepções globais.

Nas imagens a seguir percebemos formas, ou uma relação entre figura e fundo: Na imagem A podemos perceber ora dois perfis brancos com um fundo negro, ora um vaso negro sobre um fundo branco. Na figura B dois perfis negros sobre um fundo branco, ou um vaso branco sobre um fundo negro, conforme nos demonstram a Figura nº 02.

Figura 02- Figura-e-fundo – adaptado de Chauí (2009 p.134)



Essa concepção do conhecimento sensível surge com nova aparência diferente das linhas empiristas e intelectualistas, quando ocorre a formulação da fenomenologia na filosofia. Etimologicamente fenomenologia é o estudo do fenômeno. Foi o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), quem formulou as principais linhas dessa abordagem do real, a fenomenológica (MARTINS; ARANHA,1992).

O termo percepção para boa parte dos estudos de percepção ambiental, tem ampla conotação, muito próxima do olhar da fenomenologia. Inclui as percepções bio-fisiológicas (atividades vitais ao ser humano), mas inclui também as imagens que o sujeito forma mentalmente sobre a realidade, ou seja, sobre o mundo vivido. Assim, a percepção ambiental esta atrelada ao ato do contato com os elementos externos e internos da experiência E é tida como a expressão humana sobre sua realidade ambiental através de suas experiências e expectativas (FERREIRA 2005 *apud* TERAMUSSI, 2008).

Cada ser humano, que está inserido no meio ambiente, percebe, age, reage e responde de forma diferente no ambiente. As respostas resultam das percepções e julgamentos de cada indivíduo. E mesmo que nem todas as manifestações psicológicas fiquem evidentes, elas são constantes e afetam a conduta do indivíduo, na maioria das vezes de forma inconsciente (FAGGIONATO, 2007 *apud* MARCOMIN, 2008).

Para Ferreira (2005), a forma mais simples de interação do homem com o mundo provém de percepções e sensações. Por meio dos nossos órgãos do sentido, visão, audição, tato, paladar e olfato é que estabelecemos um conhecimento e uma experiência sensível com aquilo que nos rodeia.

A percepção ambiental para Palma (2005) é um tema que aborda a relação que a sociedade tem com o meio natural e a forma como ela se relaciona com este meio. O

entendimento dos aspectos positivos e negativos dos diferentes seguimentos da sociedade permite adequar ações às necessidades específicas de cada grupo, contribuindo para que as atitudes tomadas sejam coerentes (TORRES e OLIVEIRA, 2008).

Na relação entre percepção humana e meio ambiente, elementos físicos, sociais, psicológicos e imaginários, fazem parte da construção do espaço. O geógrafo Tuan (1980) em sua obra *Topofilia*, salienta a importância dos elementos citados, na percepção ambiental de habitantes vindos de diferentes regiões e culturas.

Para esse autor, a percepção é uma resposta dos sentidos a estímulos ambientais – percepção sensorial – e à atividade mental que é resultado da relação com o ambiente – percepção cognitiva. Esta percepção traz dados novos para o indivíduo compreender o seu entorno, ao estabelecer relações com o ambiente onde está inserido.

No entanto, para entender a preferência ambiental de uma pessoa seria necessário examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho, e os arredores físicos. Para entender as atitudes e preferências de determinado grupo é necessário conhecer sua história cultural e a experiência desse grupo no contexto de seu ambiente físico (TUAN, 1980).

A investigação da percepção na relação ser-humano ambiente contribui para que a utilização dos recursos ambientais seja menos impactante, proporcionando o estabelecimento das relações mais harmônicas entre o ser humano e o ambiente (SANTOS *et al*, 1996 *apud* LIMA 2003).

De acordo com Tuan (1980), cada indivíduo, a partir do estabelecimento de relações afetivas com o ambiente, adquire informações que interferem na sua forma de se relacionar com seu entorno e a partir de certo grau de envolvimento, pode provocar mudanças de atitudes.

Como escreveu Tuan (*op. cit.*) “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. E todo lugar tem um valor relativo atribuído a ele, em função de experiências individuais, criadas a partir de uma complexa relação entre sentimentos e idéias formados ao longo da vida do ser humano.

Cada indivíduo percebe seletivamente o que lhe é interessante conforme seu contexto sócio cultural, e através dos sentidos – visão, paladar, tato, olfato e audição – esta percepção leva ao aprendizado de informações sobre a realidade (LIMA, 2003).

Embora existam formas diferentes de apreender o ambiente, há a formação de um consenso coletivo sobre a qualidade ambiental relacionada ao espaço construído e ao meio natural.

Assim cada indivíduo possui uma visão própria de mundo que depende de suas próprias experiências, dos significados, dos sistemas de valores e das interpretações dos signos, que são inerentes ao indivíduo. Desse modo, o ambiente que envolve o ser humano, seja ele ambiente físico, psicológico, imaginário e social, influencia sua percepção e comportamento (DORNELLES, 2006).

Conforme Mendes (2005), a percepção é moldada tanto a partir da observação do indivíduo, como também dos fenômenos e das circunstâncias que o envolvem e o influenciam. Assim, os valores adquiridos durante sua experiência de vida, contribuirão na sua percepção individual.

A percepção não é apenas o reflexo do que é percebido, mas um processo que através do cérebro, envolve uma codificação e tradução dos estímulos, representando o que se percebe (BARAÚNA, 1999).

Para Oliveira (2012), estudar a percepção ambiental é de extrema importância para que possamos entender a inter-relação do homem com o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações, insatisfações, julgamentos e condutas.

A proposição da **UNESCO**, segundo Soares (2005), destaca a importância das pesquisas em percepção ambiental para o planejamento e gestão do ambiente:

“Uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes”.

A análise da percepção ambiental em segmentos de opinião visa equacionar problemas ligados a área ambiental, identificados a partir da análise dos dados a pesquisa (MERIGUETI 2005 *apud* OLIVEIRA 2012).

Segundo Oliveira (op. cit.), a percepção ambiental pode ser um componente gerencial poderoso, que a partir dos dados obtidos na pesquisa, vai possibilitar a estruturação de intervenções nos segmentos analisados e apresentar respostas para o trabalho de gestão do

território. As visões e posturas diferentes frente à problemática ambiental decorrem das formas diferentes do ser humano compreender a questão ambiental. Diferentes posturas, vão revelar diferentes noções e interpretações científicas sobre o meio ambiente.

As avaliações ambientais são direcionadas por compromissos sociais e utilizadas para alcançar metas sociais específicas, Redclift (1998 *apud* Oliveira 2012). Nas discussões sobre problemas ambientais, não estaremos nos referindo somente a eles, mas também sobre o seu papel dentro de um contexto social, por vezes influenciado por uma concepção política, econômica e ambiental dominante. No quadro N° 01 estão resumidas algumas destas posturas:

Quadro 01 - Posturas e pensamentos frente às questões ambientais

Fonte: MEC. Educação Profissional: Referenciais Curriculares da Educação Profissional 2000, *apud* Oliveira (2012), com adaptações.

Postura	Pensamento	Descrição
Ausência de consciência em relação às responsabilidades pela poluição	“Nosso negócio é produzir e dar emprego. A poluição não nos diz respeito”	A poluição é um mal necessário, símbolo do progresso tecnológico e elemento obrigatório de suas atividades.
Consciência sem comprometimento	“A poluição existe, mas outros devem cuidar dela”	Trata-se de uma atitude reativa: fazer apenas o necessário, para evitar multas e punições; não destinar esforços e recursos para atacar as fontes de poluição.
Comprometimento	“A poluição é um problema que deve ser resolvido por todos nós”	Responsabilidade coletiva gerando ataque diretamente nas fontes geradoras.
Sustentabilidade	“Nosso compromisso se estende às futuras gerações. Os recursos naturais não foram herdados por nós, de nossos antepassados, mas tomados emprestados aos nossos descendentes”	Responsabilidade social, ambiental gerando atitudes que promovam suporte e equilíbrio no uso e manutenção dos recursos.

Assim, percebe-se a importância de entender as diferentes posturas em relação ao meio ambiente, para resolver conflitos e planejar ações para utilização consciente dos recursos naturais. Portanto, “são de grande importância a pesquisa e a caracterização de concepções e formas de pensar sobre o meio ambiente existente dentro de um mesmo modelo cultural, de forma a auxiliar a elaboração de propostas educativas e de políticas ambientais que auxiliem na construção de sociedades sustentáveis” (HOEFFEL *et al* 2008 *apud* OLIVEIRA 2012).

1.1 Percepção e Paisagem

O termo paisagem agrupa diferentes conceitos em torno de seu significado. Assim “paisagem” é um termo polissêmico e está associado a uma vasta complexidade de percepções, idéias e fenômenos.

Klein (2000 *apud* Magni 2008) ao trabalhar com estudos historiográficos sobre a paisagem, que data o século XIX, destaca que os estudos da paisagem, feitos pelas ciências culturais desse período, buscaram suportes na Geologia, Física, Botânica e na Geografia. Portanto desde o início dos estudos sobre paisagem, se configura uma disposição acadêmica para a interdisciplinaridade.

A paisagem é um processo complexo, já que nada garante um ponto fixo, ou um referencial preciso que seja capaz de julgar os deslocamentos relacionados aos elementos que estruturam a paisagem. Como afirmou Lepetit (2001 p.34), na paisagem, “tudo muda até o ponto de vista do observador.”

O observador de uma paisagem é incapaz de apreender ao mesmo tempo todos os elementos de uma paisagem. O espaço, sob a forma sensível de paisagem, é o ponto de partida para entender o homem e o mundo (Magni, 2008). As necessidades básicas para a sobrevivência humana estão diretamente ligadas à sua capacidade de adaptação ao espaço. Os espaços econômicos, tanto agrícolas quanto industriais, estão orientados para a manutenção do homem. Também o deslocamento massivo de populações e os próprios processos de urbanização, estão atrelados à busca por melhores condições de vida.

Ao estudar o espaço, os pesquisadores procuram entender os processos de desvitalização dos grandes centros urbanos, chegando à conclusão de que há uma constante dos cidadãos e instituições, em encontrar melhores condições de vivência e crescimento.

Ainda nas cruzadas do período medieval, ou nas conquistas do Oriente e da América, todos esses movimentos ambicionavam a possibilidade de uma vida mais confortável. Nos momentos mais atuais as questões ecológicas colocam o espaço como materialidade essencial para a sobrevivência do homem no mundo.

A paisagem sensível é fenômeno sintético, agrega estruturas físicas e a sua significação: um desdobramento espontâneo da percepção do homem ao contemplar o espaço.

Nos estudos de percepção ambiental, encontramos como principais tendências: a percepção dos riscos ambientais, percepção da qualidade ambiental, percepção e valoração da paisagem, percepção para a conservação e gestão ambiental, percepção e educação ambiental, percepção e ecologia humana, percepção e planejamento ambiental (SCHMITT, 2005).

1.1.1 Percepção na Geografia

Segundo Lowental (1985) *apud* Almeida (2007), a partir da segunda metade do século XX, surgiu na Ciência geográfica uma nova forma de abordar e interpretar tanto o meio natural quanto o meio socialmente construído. Na década de 1960, essa abordagem do pensamento geográfico ganhou força, quando geógrafos e pesquisadores de áreas afins adotaram a percepção geográfica como fonte de análise e estudo.

De acordo com Almeida (2007), ao se referir à percepção com uma das formas de obter o conhecimento geográfico, destaca o quanto a percepção é importante para a construção de topofilias e topofobias, porque estes sentimentos são uma resposta mecânica dos sentidos aos estímulos externos, quando determinados fenômenos são destacados e registrados e outros são preteridos.

A Geografia Humanística busca valorizar a experiência de um indivíduo ou de um grupo, com o objetivo de entender o comportamento e a maneira de sentir das pessoas em

relação a determinadas categorias de análise geográfica como, espaço, paisagem, lugar e território. Assim, Corrêa (1995, p. 30 *apud* Almeida, 2007), destaca que:

A Geografia humanística, assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real

No Brasil, segundo Almeida (*op.cit*), a Geografia humanística surge como uma filosofia questionadora, pois criticou severamente outras correntes filosóficas, como a positivista, ao destacar o homem como o sujeito mais importante na construção do conhecimento.

De acordo com Moraes (2007), a percepção é um processo fundamental na relação do ser humano com o ambiente por meio de mecanismos perceptíveis e cognitivos. Estudar os processos relacionados à percepção ambiental é de fundamental importância para se entender melhor como se dão as inter-relações entre ser humano e ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas no presente e no passado.

Para Cosgrove (1983 *apud* Moraes *op. cit.*) a percepção dos indivíduos recebe forte influência dos pressupostos culturais, e ainda que a vida é produzida e reproduzida sob a influência de várias simbologias e formas de comunicação construídas pelos grupos sociais ao longo do tempo.

Refletir sobre a relação do ser humano com a natureza e entender como se construíram diferentes idéias sobre essa interação, pode ser estudada através da Geografia da Percepção, ramo da ciência Geográfica que procura entender como os seres humanos percebem e compreendem o mundo onde habitam.

A percepção na geografia tem sua grande importância, pois é através deste ato que se dá a compreensão do espaço geográfico, resultado da interação do homem com o seu meio.

1.1.2 A Paisagem no ensino de Geografia

O conceito de paisagem está presente na ciência e na arte. Porém somente a Geografia deu ao seu uso um valor científico, transformou-o em eixo de toda uma teoria da investigação (TROLL, 1997 p.02).

As concepções de paisagem desenvolvidas por diferentes autores desde o século XIX, até os dias atuais contribuíram para desenvolver a metodologia na ciência geográfica. O conceito de paisagem surge por volta dos séculos XVI e XVII e são anteriores à organização da ciência geográfica, que adquiriu status de ciência no século XIX.

Milton Santos, em seu livro *Metamorfose do Espaço Habitado* (1991), afirma que “Paisagem é tudo aquilo que nós vemos”, que está ao alcance dos nossos olhos. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada de valores, mas também de cores, movimento, odores, sons, etc. (Santos, 1991 p. 61). De acordo com Milton Santos, a paisagem reproduz níveis diferentes de forças produtivas:

Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (...) a cidade é essa heterogeneidade de forma, mas subordinada a um movimento global. (...) a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas (SANTOS, 1991, p.67-68).

Ainda para Milton Santos, a paisagem é um conjunto de objetos reais concretos. É transtemporal juntando objetos passados e presentes. Cada paisagem caracteriza-se por uma certa distribuição de formas e objetos, que não mudam de lugar, mas mudam de função, de significação, de valor sistêmico. (...) a paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual (SANTOS, 2002, p.103-104).

De acordo com os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais, a análise da paisagem deve focar a dinâmica de suas transformações e não apenas a descrição e o estudo do seu

mundo aparentemente estático. Conforme os PCNs, a leitura da paisagem pode ocorrer de forma direta, - pela observação da paisagem de um determinado lugar pelos alunos – ou indiretamente por meio de fotografias, da literatura, de vídeos, de relatos.

Consta no PCN (1998) que:

A leitura da paisagem mediante a identificação de suas estruturas auxilia também a perceber que muitos problemas enfrentados no bairro, na cidade, no município e em outras paisagens são resultados de ações. Quando se compara uma paisagem rural de agricultura comercial em confronto com outras de agricultura ecológica, rios poluídos ou não, grandes e pequenas cidades, pode-se ver e avaliar os resultados dessas ações, pois estão impressos na paisagem (*op.cit.p.137*).

A observação da paisagem deve começar pelas características que tocam cada um. Uma mesma paisagem pode ser interpretada de diferentes formas por cada pessoa que quer representar podendo ser comunicada oralmente, através de textos ou por desenhos. Ao observar uma paisagem, as pessoas buscam os aspectos com os quais se identificam.

Observação e descrição são procedimentos do processo de conhecimento não somente da Geografia, mas também das demais disciplinas. No caso da Geografia, existe uma generalização sobre a descrição como um procedimento de interpretação, definindo-a como a “descrição da Terra”, sendo que observação e descrição são pontos de partida para iniciar a leitura de uma paisagem. A descrição é um momento que caracteriza a metodologia.

Segundo os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1998), a simples descrição dos lugares não esgota a análise de seu objeto, sendo necessário explicar como se organizam os fatores que os constituem. Assim a explicação é o momento da interação entre os fatos. A explicação procura decompor o objeto em partes. Significa dizer que induz e deduz sobre a realidade.

Na Geografia, como o objeto da análise é o território e a paisagem, caracterizados por elementos naturais e sociais, faz-se necessário uma análise atenta nesses dois elementos da realidade. Essa análise é complexa, por ser uma ciência que trabalha sociedade e natureza, devendo explicar como dois conjuntos de elementos interagem não esquecendo que tanto a natureza como a sociedade guardam níveis de interações que lhes são específicas internamente.

1.1.3 Espaço, lugar e paisagem

O sentido de lugar se refere, antes de tudo, às noções de seus significados; intimidade; familiaridade; identidade, e singularidade. O cotidiano do indivíduo é permeado por inúmeros espaços/lugares que formam esse caleidoscópio de paisagens que chamamos de espaço vivido. No entanto, dentre os diferentes espaços/lugares pelos quais passamos, existem aqueles com os quais nos identificamos, nos reconhecemos e carregamos conosco todo o seu conteúdo simbólico, “those aspects of the lived-world that we distinguish as places are differentiated because they involve a concentration of our intentions, our attitudes, purposes and experience” (RELPH, 1975, p.43 *apud* MATOS, 2010).

Os estudos que envolvem as relações humanas com o ambiente tem sido centralizados principalmente no âmbito da Geografia, no processo interativo com o espaço, o lugar e a paisagem. A importância dessas definições explica inclusive as ressignificações pelas quais passaram essas categorias, quando da adoção dos termos na Geografia de base humanística (CORREA, 2008).

Seguindo na descrição de Correa (2008), o conceito de paisagem na década de setenta, não se restringia apenas à natureza mas também envolveria o ser humano com consciência, afetividade e conhecimento crítico; o espaço é definido como espaço vivido e lugares como dimensão existencial e perceptiva.

As transformações no espaço, resultantes do movimento de apropriação antrópica, fazem com que este espaço represente mais que uma necessidade imediata de sobrevivência, mas também todo um modelo de valores e significados. E ao ganhar essa densidade, que vêm das condições antropogênicas que o conceito tende a uma ressignificação que toma como termo o lugar.

Assim, a diferenciação entre as categorias, espaço e lugar, se dá mediante a construção cultural, social e histórica. Dependendo da história de vivências do perceptivo, cada categoria é tomada para si com um determinado significado: o que pode, no âmbito perceptivo individual, representar apenas um espaço, pode também para outro perceptivo representar um lugar (CORREA, 2008 p.40).

O surgimento da relação existente entre seres humanos e o ambiente tem como base a afetividade que se cria com os elementos e atributos desse espaço. Um espaço habitado perde sua inércia e apropria-se de um espírito que acompanha o desenvolvimento de seus habitantes e esses imprimem as próprias características e histórias incrustadas em sua configuração (CORREA, 2008). O conceito de lugar está associado à segurança e espaço está relacionado à liberdade, amplitude (TUAN, 1983).

Ainda segundo Tuan (op. cit.), o espaço se torna lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor - “lugar é uma pausa no movimento” – e ainda explica que “se pensarmos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (TUAN, op.cit. p.6).

Segundo Matos (2010), o lugar pode ser visto como uma expressão geográfica das interações entre as ações individuais e o processo histórico abstrato e essa visão se aproxima da idéia de lugar como espaço de cooperação e conflito, como destaca Santos (2002) que no lugar, cotidiano compartilhado com diferentes pessoas, firmas e instituições, cooperação e conflito são a base da vida comum. Porque cada um tem ação própria, a vida social se individualiza.

O lugar é o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2002 p. 322).

Para Correa (2008), é arquitetando a relação com os elementos do espaço que se dá a história do habitante, resultando muitas vezes numa relação intrínseca com o lugar em que esse espaço se transforma. Nesse momento, cabe falar em paisagem.

A paisagem, que existe através de suas formas, mostra-se, encontra-se no espaço e através dela dotamos o espaço de valor. No espaço, as formas que compõe a paisagem preenchem uma função como resposta às necessidades da sociedade. Uma paisagem apresenta conexão entre os elementos materiais, naturais ou construídos e elementos sociais com a inserção da construção da cultura que se dá pela paisagem e na paisagem, não podendo ser entendida isoladamente.

No processo de transformação do espaço, acontece uma troca entre o espaço e o ser humano que provoca essas alterações, imprimindo suas características e ao mesmo tempo internalizando a cultura existente e assim vai configurando lugares, cujos significados se apresentam diretamente ao ser humano na forma perceptiva das paisagens (Correa, 2008).

A apropriação do espaço, movida por interesses e determinações de grupos sociais, acaba inserindo mudanças na materialidade da paisagem e isso significa alteração no modo de viver e na interatividade dos moradores com o ambiente.

Assim, aprofundar o conhecimento da relação do ser humano com o ambiente, que culmina na construção do lugar atribuindo-lhe valores e significados, pode ser alcançado através do estudo da percepção ambiental de trabalhadores e poderá ser uma base para a criação de estratégias de trabalho para atingir os pressupostos da educação ambiental.

E ainda considerando que as vivências coletivas de um lugar habitado são a base das configurações ambientais e paisagísticas, essas vivências podem falar dos significados do lugar, assim tomamos a memória como um dos elementos intrínsecos ao fenômeno da percepção.

A memória influencia diretamente na forma do ser humano se relacionar com seu meio. A imagem das coisas, das pessoas e dos objetos que o cercam, são construídos com a associação da percepção imediata e dos detalhes retidos na memória. Assim, a ligação de afeto que o ser humano mantém com o meio depende dos sentidos que foram impressos em sua memória (MARIN, 2004).

Em seu artigo publicado sobre percepção ambiental e memória, Marin (op. cit.) apresenta a seguinte reflexão:

O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhados por uma luz de outro tempo? (BOSI, 1994, p.74).

A percepção ambiental é um ente que quando identificado a partir do resgate da memória, pode revelar e até justificar, os padrões comportamentais na relação do ser humano com seu meio (MARIN, 2004).

Assim como se entende, que o universo perceptivo e afetivo de uma criança se amplia quando sai do horizonte de sua casa exercendo influencia em seus padrões de comportamento, é possível especular sobre o conflito perceptivo de pessoas que buscam outras áreas, vindos de realidades perceptivas totalmente adversas.

É compreensível e esperado, que as pessoas que vêm de outras realidades, tenham comportamentos e interesses diferentes daquelas que viveram naquele lugar a maior parte de suas vidas, tendo estruturado em sua memória um conjunto de detalhes e uma acuidade sensitiva totalmente associada às características locais.

De acordo com Tuan (1980), para entender a preferência ambiental de uma pessoa só é possível examinando sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos.

Para entender as atitudes e preferências de grupo esse autor diz que é necessário conhecer a história cultural e a experiência física do meio ambiente. Pessoas visitantes ou nativas com diferentes antecedentes e experiências, também apresentam padrões de comportamentos distintos.

Segundo Marin (2004), as atitudes das pessoas hoje residentes em um lugar estão de algum modo, fundamentadas em sua história de vida, nos seus valores interesses e conhecimentos sobre o meio.

Quando se potencializa a expressão cultural de um povo no espaço por ele construído está se intensificando o processo de identificação dele com o meio ambiente gerando, conseqüentemente, uma valoração positiva que, em última análise, é determinante de comportamentos de apropriação e conservacionismo.

1.1.4 Percepção, Educação Ambiental, Sustentabilidade

A compreensão do espaço e seu nível de organização são questões cercadas de dúvidas, questionamentos e diferentes pontos de vista. Existem diferentes formas de enxergar o espaço, assim um comerciante enxerga um espaço totalmente diferente da percepção do geógrafo, biólogos ou ecólogos (MELAZO, 2005).

Para Santos (2002), o espaço é formado por um conjunto inseparável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, considerados como o quadro único onde a história acontece. Os sistemas de objetos regulam a forma como se dão as ações, enquanto o sistema de ações leva à criação de novos objetos ou se realiza sobre objetos que já existiam. Dessa forma o espaço encontra sua dinâmica e se transforma. Ainda nas palavras desse autor:

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem (op. cit. p. 104).

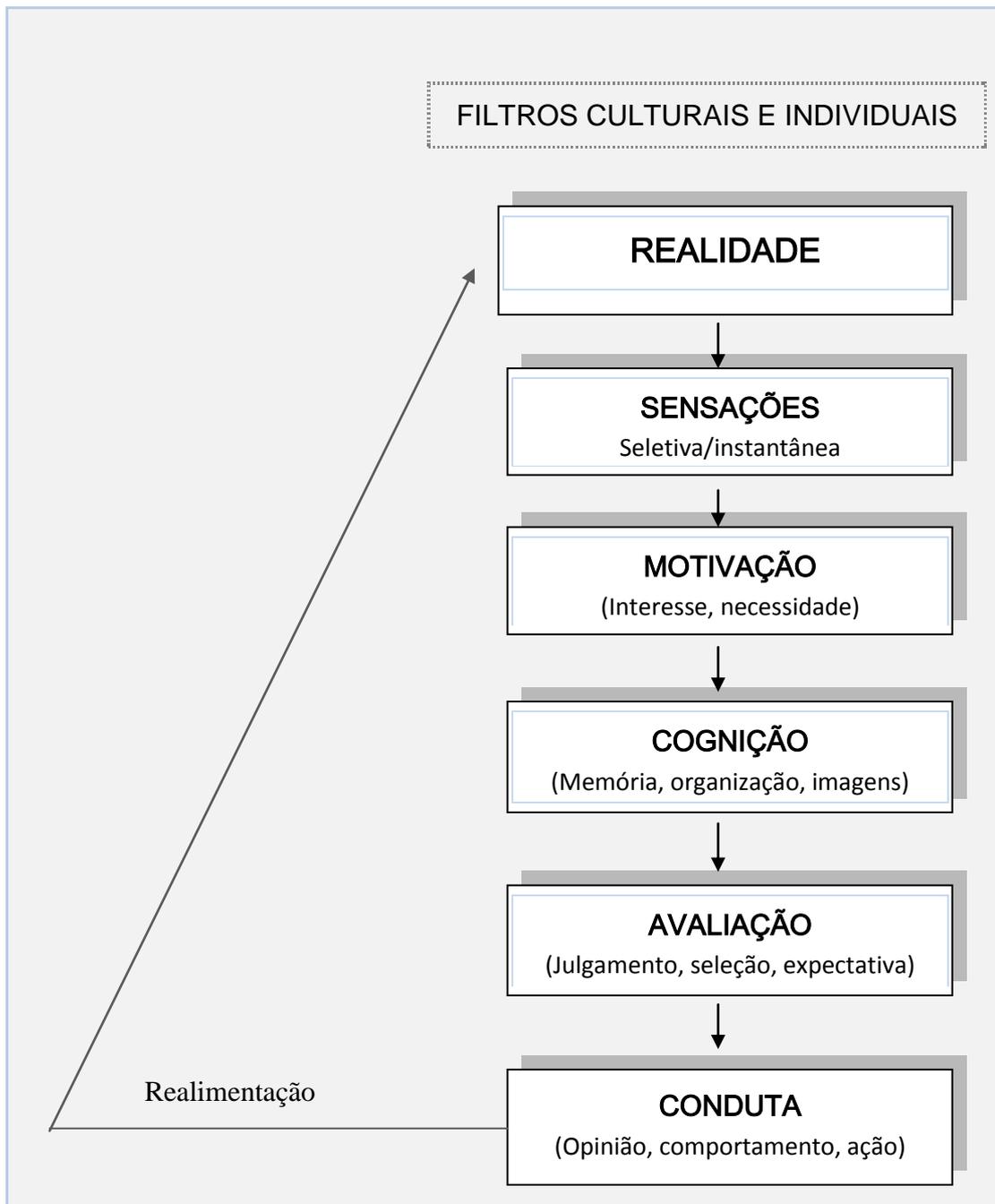
Nesse sentido, o termo paisagem torna-se fundamental e tem sido utilizado constantemente em estudos geográficos, uma vez que esse termo refere-se a qualquer parte da superfície terrestre, podendo ser encontrada em seu estado natural, sintética ou artificializada.

Para Melazo (*op. cit*), o estudo da percepção não é tarefa de um único campo do conhecimento. Em várias áreas, são encontradas diversas teorias sobre percepção, com diferentes enfoques. As sensações é que nos dão as qualidades, as impressões dos objetos e os significados e valores atribuídos por nós. A variedade de valores e significados atribuídos aos lugares e ambientes acabam tornando difícil a tarefa de identificação das percepções.

Percepção apresenta-se como um processo ativo da mente juntamente com os sentidos, ou seja, há uma contribuição da inteligência no processo perceptivo, que é motivada pelos valores éticos, morais, culturais, julgamento, experiências e expectativas daqueles que o percebem (MELAZO, 2005 p.45.51).

O esquema teórico do processo perceptivo apresentado por Rio (1999) demonstra o processo de percepção em todas suas etapas e nos faz compreender o mundo que nos rodeia, conforme mostra a Figura N° 03:

Figura 03. Esquema teórico do processo perceptivo (RIO, 1999)



Na concepção de Vicente del Rio (1999), a mente exerce parte ativa na construção da realidade percebida e conseqüentemente na definição da conduta. A mente do indivíduo organiza e representa essa realidade percebida através de esquemas perceptivos e imagens formadas mentalmente, com atributos específicos. Embora as percepções sejam subjetivas

para cada indivíduo, admite que existam recorrências comuns em relação às percepções e imagens e em relação às condutas possíveis.

Tuan (1980), em seu livro *TOPOFILIA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO, ATITUDES E VALORES DO MEIO AMBIENTE*, mostra a importância de alguns sentidos mais utilizados pelo ser humano na percepção ambiental, sendo a visão o sentido mais aguçado e evoluído entre os animais. Esse autor ainda destaca que, entre os cinco sentidos, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos outros sentidos, para repensar o mundo. Um mundo mais amplo e de mais informação, mais detalhado e específico, chega até o ser humano mais através dos olhos do que através dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato. Tuan (op.cit) considera que o homem é predominantemente um animal visual.

Assim, a sustentabilidade tem como grande desafio a capacidade de tratar as cidades e o seu meio natural em sua especificidade e em toda a sua complexidade, através de uma abordagem multidimensional e interdisciplinar que permita a superação dos desequilíbrios resultantes dessas trocas desiguais (MELAZO, 2005).

De acordo com esse autor, os espaços urbanos substituíram o meio ambiente natural e passaram a ser palcos das relações entre a comunidade humana e seu meio físico, que foi alterado pela própria ação antrópica. Assim, argumenta que é necessário que o homem mude sua postura frente às questões ambientais. E ainda, a idéia de que as cidades são espaços de caos, deve ser substituída, buscando novas alternativas para administrar os processos sociais que as produzem e as modificam. Devem buscar procedimentos e ações e esses devem compreender as especificidades dos espaços, incluindo suas relações com o espaço de entorno, dinâmica social, econômica e cultural, de maneira menos predatória ao meio ambiente. No entanto, para alavancar o processo de conscientização dos indivíduos se faz necessária a intervenção de políticas públicas, principalmente as das áreas de educação e meio ambiente.

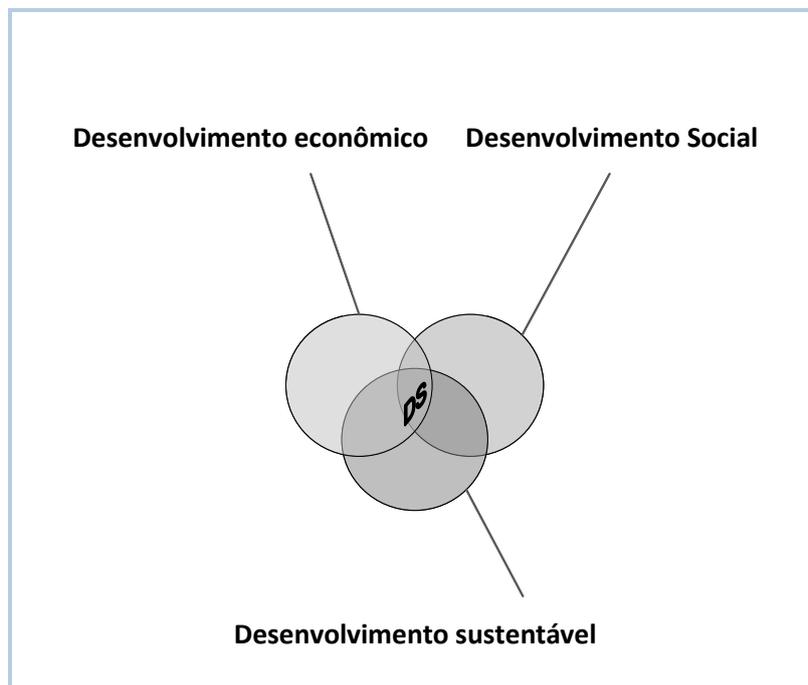
Nesse contexto, surge a discussão a respeito do desenvolvimento sustentável que traz à tona pré-requisitos para que esse processo aconteça na realidade a partir de três fatores. Esses fatores segundo Dias (2000), são o desenvolvimento econômico, a preservação ambiental e o desenvolvimento social e cultural da população, realizando-se simultaneamente em harmonia.

Esses fatores são fundamentais para a qualidade de vida da população atual e das futuras gerações.

Mesmo vivendo em um mundo com valores capitalistas, que gira em torno do capital financeiro, do poder de compra e das inovações tecnológicas, devemos pensar na concretização dos princípios do desenvolvimento sustentável na prática, mesmo que seja um processo a longo prazo. Nesse sentido são necessárias ações prioritárias como controle das poluições de cursos d'água, recuperação ambiental de áreas já degradadas, universalização da infra-estrutura básica de saneamento, educação e saúde para toda população, redução da violência urbana, entre outros (MELAZO, 2005).

Assim, a função principal da Educação Ambiental é formar cidadãos conscientes que atuem na realidade sócio-ambiental, comprometidos com o bem estar da sociedade, a nível local e global. A figura Nº 04 demonstra o princípio do desenvolvimento sustentável:

Figura 04. Princípio do Desenvolvimento Sustentável (MELAZO, 2005)



As preocupações com a qualidade de vida e com as questões relacionadas ao meio ambiente começaram a ganhar corpo no cenário mundial a partir da década de 1970. A

percepção dos limites do modelo de desenvolvimento, junto à pressão dos movimentos sociais das diferentes nações do mundo, reforçaram as discussões sobre os temas, aquecimento global, destruição das florestas, camada de ozônio, erosão dos solos entre outros.

Tais discussões tiveram como resposta a primeira Conferência sobre Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo, Suécia em 1974, surgindo assim a ideia de fóruns de discussão sobre o tema. Também nesse mesmo ano, ocorreu o Simpósio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, surgindo o termo desenvolvimento sustentável, que marca as discussões sobre questões ambientais até os dias atuais.

O conceito de desenvolvimento sustentável se consagra com a publicação do Relatório da Comissão Brundtland, em 1987, publicado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento. De acordo com esse relatório, desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das futuras gerações (RODRIGUES, 2004).

Conforme Rodrigues (op.cit), os conceitos de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade, por serem bastante complexos, permanecem com muitas dúvidas e contradições, tanto no campo conceitual, como no campo operacional.

Sustentabilidade é um termo que vem da Ecologia e significa tendência a estabilidade dos sistemas naturais, os ecossistemas e na forma de um equilíbrio dinâmico entre as formas vivas. Entretanto, operacionalizar esses conceitos para o sistema humano, incluindo suas relações sociais, econômicas, culturais, surgem as variáveis que explicam as dificuldades em se lidar com o tema.

O caminho para o desenvolvimento sustentável, deve buscar estratégias de desenvolvimento local e regional, baseadas no desenvolvimento humano e nas potencialidades locais, visando tirar da exclusão social a população marginalizada, incorporando-a, continuamente, ao processo produtivo (RODRIGUES, 2004 p.106).

Sendo um assunto interdisciplinar, pode contar com a participação da comunidade e as ações pedagógicas, as atividades relacionadas à criatividade, devem ser valorizadas, levando o homem a ter uma visão mais consciente em relação ao meio ambiente, aos aspectos culturais e sociais.

A Geografia, a História e as Ciências Naturais, podem trabalhar em parceria buscando implementar a temática ambiental, promovendo discussões e debates que possam contribuir para o enriquecimento do conteúdo da Educação Ambiental ou como fator de integração do homem com o meio ambiente (MELAZO, 2005).

O disposto na Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, diz que:

Art.1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art.2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

É papel da educação, transmitir conhecimentos e formar indivíduos capazes, desenvolvendo competências, que são diferentes de acordo com a cultura e a estrutura social, os elementos bióticos e abióticos de onde se vive, a Educação Ambiental, tem portanto, os mesmos papéis, sendo que as competências a serem desenvolvidas estão relacionadas aos elementos componentes do ambiente (DORNELLES, 2006).

No entanto, para Fiori (2006), é preciso levar em conta que a questão ambiental não é apenas escolar, mas científica, política e social. Está relacionada a um conjunto de medidas de proteção da biodiversidade no país e no planeta, e também relativas à melhoria do ambiente natural e construído e da qualidade de vida da população que habita esse planeta. A educação também tem um sentido bem mais amplo do que o definido pela aprendizagem escolar. Só ensinar e aprender não são suficientes, é preciso incorporar a dimensão ambiental na vida dos seres humanos.

Assim, Fiori (*op.cit*), entende que a Educação Ambiental, nessa dimensão mais ampla, ultrapassa os muros da instituição escolar, e passa a se constituir cada vez mais numa questão de todos: individual, coletiva, do país e da humanidade. Nas questões ambientais, a educação formal pode ser um fórum privilegiado para as discussões que envolvem reformulações do

conceito de diferentes áreas do conhecimento, do currículo, de método e técnicas de ensino e aprendizagem, de desenvolvimento de habilidades e competências. Essas reformulações exigem mudanças de comportamentos, valores e atitudes.

De acordo com Reigota (1991), para realizar a educação ambiental é necessário conhecer as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas na atividade. Esse autor categorizou o termo em três visões distintas: naturalista, globalizante e antropocêntrica. O quadro N° 02 mostra a tipologia das concepções de meio ambiente conforme Reigota (1991).

QUADRO 02 – Concepções de Meio Ambiente segundo Reigota (1991)

Categorias	Características
Naturalista	Meio ambiente como sinônimo de natureza intocada, evidencia-se apenas os aspectos naturais.
Globalizante	Relações recíprocas entre natureza e sociedade.
Antropocêntrica	Evidencia a utilidade dos recursos naturais para a sobrevivência do homem

Segundo Pedrini e Ribeiro (2008), nem sempre é possível identificar claramente cada uma dessas categorias nos dados coletados dos sujeitos, porque outras possibilidades são possíveis e seus contornos nem sempre são óbvios.

2 MIGRAÇÃO, AGROINDÚSTRIA, TRABALHO

Eu vou partir pra cidade garantida
proibida, arranjar meio de vida, Margarida
Pra você gostar de mim
Essas feridas da vida, Margarida
Essas feridas da vida, amarga vida
Pra você gostar de mim.
(VITAL FARIAS, 1984)

Antes de dominar a agricultura, a migração era a única atividade que o homem exercia para saciar suas necessidades, saindo de uma região onde os recursos tinham se esgotados, para outra onde os recursos ainda poderiam ser explorados. De lá para cá, a migração vem acompanhando a humanidade em seu desenvolvimento, chegando na segunda metade do século XX, a chamada Era da Migração, uma época em que nunca se migrou tanto na história (MILLER e CASTLES, 1993 *apud* RODRIGUES, 2009).

Para esse autor, os estudos sobre migrações brasileiras, seguem a tendência internacional, explicando através da alocação da mão de obra, a maior parte dos fenômenos migratórios pelo qual passou o Brasil.

Para Graham (1970) e Martine (1990 *apud* RODRIGUES, 2009), os maiores salários pagos nas regiões mais industrializadas do país, teriam incentivado a migração de pessoas oriundas das regiões mais pobres do nordeste.

A década de 1930 é pensada como um momento decisivo na formação de um mercado interno e industrial; um dos grandes problemas econômicos da época era a sustentabilidade do setor agro-exportador baseado na produção do café. As principais mudanças demográficas ocorridas foram resultado de intervenções governamentais que buscavam contornar os impactos da quebra da bolsa de Nova Iorque.

A crise de 1929 acentuou as contradições que constituíram o processo de expansão da cafeicultura: a mais importante foi o descompasso entre produção e demanda. Ao adquirir os estoques excedentes e elaborar uma política de desvalorização da moeda nacional, o Estado

tornou-se sócio dos cafeicultores, socializando as perdas do setor com o encarecimento das importações e o endividamento externo (RODRIGUES, 2009).

Depois da crise o governo adotou medidas para manter a viabilidade econômica do setor que foram: queima de parte do estoque do café adquirido pelo Estado e o subsídio para contratar trabalhadores, migrantes nacionais, com o objetivo de sanar a falta de braços nos cafezais paulistas.

Nessa combinação, a princípio contraditória, não se tratava apenas de estabilizar a comercialização do café, mas principalmente de estabelecer um novo padrão de acumulação de capital. Na produção cafeeira, a vinda de trabalhadores serviu para rebaixar os salários nominais e aumentar os lucros dos produtores (FURTADO, 2000 *apud* SILVA, 2008).

Assim, a migração de nordestinos para São Paulo, inicia-se desde a primeira metade do século XIX, quando no início do processo de desenvolvimento capitalista do Brasil, São Paulo se destaca como pólo industrial de repercussão nacional. A partir da década de 1940, com o crescimento da indústria que requer uma quantidade crescente de trabalhadores, esse processo migratório se intensifica. O grande contingente populacional concentrado na região nordeste é marcado pela impossibilidade de sobrevivência no campo (BORGES, 2008).

Muitos foram e continuam sendo, as razões que levaram e levam os habitantes dos estados da região nordeste, a migrarem para a região sudeste, especialmente para o estado de São Paulo, são motivos impulsionados por diferentes fatores conforme citado em BORGES, 2007 p. 34)

Questões econômicas - miséria, fome, desemprego, latifúndio, exploração nas relações de trabalho, de terra para a economia de subsistência, estratégia camponesa para preservação do sítio, implantação da atividade pecuária; questões ambientais- variações climáticas (enchentes e secas), esgotamento dos solos; questões psicossociais- conflitos locais, frustrações, desavenças nas relações familiares, busca do imaginário urbano, vontade de viver outras experiências.

2.1 Migração Temporária

A migração consiste num dos fenômenos mais antigos da história da humanidade. No período anterior à revolução agrícola, a vida do homem era em seu aspecto econômico, totalmente dominada pelo ato de migrar, pois com a falta de domínio sobre a agricultura, mudar de lugar era a única forma de sobrevivência, assim partia de locais onde os recursos já se encontravam exauridos, para outros onde eles ainda existiam.

Depois, com o domínio da agricultura o homem passa a ser mais sedentário, passando a fazer parte de grupos onde encontrava mais afinidades. No entanto esse novo modo de vida não impediu que o ser humano continuasse migrando, para buscar melhoria de bem estar econômico.

Diferentes motivos tais como, problemas econômicos ou ameaças naturais podem levar as pessoas a deixar o seu local de origem e procurar melhores condições de vida para si e para suas famílias. Ao migrar, as pessoas em geral levam consigo, apenas a sua força de trabalho e no final retornam ao seu lugar de origem.

Migrações acontecem de formas variadas e com uma natureza muito diversa, podendo assumir rumos diferenciados ou até mesmo contraditórios e significar, para os indivíduos, famílias e grupos sociais envolvidos, mudança permanente ou transitória de residência ou, ainda deslocamentos com periodicidade sistemática” (SOUZA 1986, *apud* RODRIGUES 2009).

Ao mesmo tempo que a migração é uma busca por novos caminhos, é também a expulsão da terra de origem. Conforme SPÓSITO (*op. cit*), os migrantes e suas famílias lutam para encontrar um destino melhor e veem nos filhos uma possibilidade de realizar esse sonho.

De acordo com Rodrigues (2009), o migrante leva com ele apenas a expectativa de conseguir dar o sustento para sua família. No entanto, muitas vezes ao se deparar com a falta de emprego, moradia inadequada, e a ausência da família, seus objetivos são deixados de lado e até o retorno para o lugar de origem pode se tornar impossível. O migrante pode permanecer definitivamente no lugar para onde se deslocou, mas também pode ocorrer uma migração temporária. Esse mesmo autor acrescenta que:

A sociedade que recebe esse migrante também o vê sob o prisma desta contradição, é a manutenção da ilusão coletiva de um estado que nem é provisório nem permanente. As comunidades de origem dos migrantes, na grande maioria das vezes, agem como se os migrantes fossem simples ausentes, estes enviam um montante significativo de dinheiro para os entes que permanecem no local de origem, sendo importante inclusive para a economia de onde partem (RODRIGUES, 2009 p.54).

O fenômeno da migração sempre foi necessário para a expansão da economia. Para Rodrigues (2009), o migrante gera lucros e despesas nas sociedades que o recebem. Os lucros são de uma remuneração que não estão de acordo o trabalho que ele executa e as despesas são o resultado de custos sociais e culturais que vão tirar dessas sociedades. Ao migrar, com seus costumes e tradições o homem influencia tanto a sociedade onde está inserido como recebe influências dela.

No entanto, para qualquer lugar que ele vá, o migrante sempre vai ser tratado como um problema social. Ele sempre é visto como o migrante e o emprego, o migrante e o desemprego, o migrante e a habitação, os migrantes ou os filhos de migrantes e a escola, os migrantes e a volta para sua terra, entre outros problemas.

Conforme Rodrigues (*op cit*), migrantes e sociedades toleram a migração porque imaginam tratar-se de um acontecimento passageiro. O migrante por sua vez, também aceita como sendo um fenômeno passageiro, para aliviar seu sofrimento pois está em um lugar diferente, com costumes e cultura diferente, para fazer um trabalho que só será realizado por ele.

As migrações são um mecanismo de ajuste, com o objetivo de manter o equilíbrio entre as regiões ou setores econômicos no que se refere ao excedente de mão de obra com aquela onde há falta dessa mão de obra (RUA,1997 *apud* RODRIGUES 2009).

Por esse motivo, todos os anos, centenas de trabalhadores migrantes são contratados pelas usinas da região de Ibaté, para trabalhar durante a safra no corte manual da cana-de-açúcar. De acordo com Moraes *et al* (2008), a população residente nas regiões mais pobres do Brasil, criou uma cultura de vir para São Paulo, trabalhar nos canaviais.

Muitos desses trabalhadores, são migrantes espontâneos, a maioria com baixa escolaridade, sem qualificação para trabalhar em outros tipos de serviços, dificultando o aproveitamento em atividades relacionadas ao corte mecanizado.

Com o aumento da mecanização na colheita da cana, a falta de oportunidade, a pobreza e a desigualdade social nas regiões de origem, muitos trabalhadores ficarão sem o emprego do corte da cana num futuro bem próximo (MORAES *et al*, 2008).

2.2 Agroindústrias no estado de São Paulo

A cana-de-açúcar ocupa lugar de destaque na economia brasileira desde o período colonial, tornando-se do fim do século XVI até início do século XIII, o mais importante produto de exportação brasileiro (MARIOTONI, 2004). Até metade do século XIX, a atividade canavieira no Brasil apresentava-se lucrativa apenas para a região nordeste. A entrada do Estado de São Paulo na produção de açúcar ocorreu somente no final do século XIX (BELIK, 1985 *apud* MARIOTONI, 2004).

A economia brasileira, desde os tempos coloniais até início de 1930, baseava-se num modelo de crescimento voltado ao mercado externo e o setor açucareiro ficava vulnerável aos fatores externos tais como a ruptura de safra e a competição de países produtores e exportadores de açúcar.

No estado de São Paulo, o desenvolvimento do setor sucroalcooleiro paulista teve sua evolução diretamente relacionada ao processo de concentração industrial (CANO, 1983 *apud* MARIOTONI, 2004 p.14). O modelo de desenvolvimento no Brasil até o início dos anos 1930, caracterizou-se pela renda a partir da produção e exportação do café paulista e no nordeste pela produção e exportação do açúcar.

Foi com o declínio da atividade cafeeira que os empresários paulistas passaram a se interessar por outras atividades. No final da primeira grande guerra, São Paulo entra na produção do açúcar, ocasião em que os preços do açúcar encontravam-se elevados no mercado externo (MARIOTONI, 2004).

Para esse autor, a crise de 1929 provocou grande impacto nos importantes estados produtores do nordeste como Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Ainda os anos 1929 e 1930, marcam a Grande Depressão e a crise do complexo exportador cafeeiro e também marcam o início de uma nova etapa no desenvolvimento capitalista, direcionando as atividades para as necessidades no setor interno. Nesse quadro, evolui a produção açucareira de São Paulo,

atraindo capitais que se formavam do setor cafeeiro exportador, como aconteceu com a atividade agroindustrial açucareira no Estado de São Paulo.

O complexo canavieiro compreende basicamente três lugares físicos: o campo, onde se dá a plantação e colheita, a fábrica onde acontece a transformação, e o mercado onde é vendido o produto final. Cada um desses lugares são espaços onde se desenvolvem uma série de atividades, que exigem mão de obra diferenciada para efetuar por exemplo, o plantio da cana no campo, a fabricação na usina e a comercialização do produto no mercado (GOMES, 2010).

Na execução dessas atividades existe um fluxo contínuo de trabalhadores que executam suas respectivas tarefas, mas nunca reduzidos à sua mera funcionalidade. São operários, terceirizados ou sazonais, solteiros e casados, pais de famílias e mulheres que cuidam de seus familiares que ficaram longe dos seus locais de trabalho.

Serão esses trabalhadores que em suas funções trabalhistas falam do seu universo de trabalho, das suas sensações e percepções e sobre o impacto que a busca pela atividade canavieira provoca na vida de cada um.

Conforme Gomes (2010), o termo mais usado no cotidiano, para denominar esses trabalhadores rurais é “bóia fria” referindo-se à comida que esses trabalhadores levam nas marmitas e que na hora de almoçar já estão frias.

Ainda de acordo com Gomes (2010), os critérios para admissão desse trabalhador rural estão baseados na sua produtividade. A seleção dos bóias-frias realiza-se a partir das toneladas de cana que um trabalhador corta por dia e das poucas exigências trabalhistas. Ao ser admitido no trabalho, o trabalhador automaticamente está submetido a imposição de atingir a meta diária de toneladas esperadas, para conseguir permanecer no trabalho daquela usina.

A contratação do cortador de cana em alguns casos, ainda é feita por trabalhadores intermediários, os chamados “gatos”, apesar do Termo de Compromisso assumido em 2008, entre trabalhadores, empresários e Governo Federal -, que prevê a substituição do “gato” pela contratação direta do trabalhador (SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008).

Grande parte dos trabalhadores que atuam nos canaviais do estado de São Paulo, são oriundos do Nordeste e do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, que firmam um contrato de trabalho apenas para o período da safra. A Pastoral dos Migrantes estima que só no setor canavieiro, são aproximadamente 40 mil trabalhadores no período da safra, que ocorre entre os meses de abril e dezembro.

Para Gomes (2010), a estrutura de trabalho no canavial ainda assemelha-se à do período da colonização do Brasil. A diferença é que hoje esse trabalho é realizado de forma livre. A legislação trabalhista garante alguns direitos no entanto, muitas vezes o Ministério Público do Trabalho é convocado para libertar trabalhadores em condições próximas às de escravo.

Em seu trabalho sobre a realidade no canavial, Gomes (op. cit.), chama atenção para a incompreensão e insatisfação dos cortadores de cana diante do fato de que a mecanização do campo, que deveria aliviar o trabalho penoso, apresenta-se como ameaça a seus postos de trabalho. Igualmente não entendem o grande número de cortadores da região que são dispensados enquanto são contratados imigrantes sazonais. Ao procurar explicação para esse fato, com uma representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade de Cosmópolis, obteve a seguinte informação:

Os trabalhadores sazonais, trazidos pela mão do atravessador ou gato, vêm para São Paulo para juntar dinheiro para suas famílias, em geral provenientes da Paraíba, Bahia e do Ceará. Desse modo, eles terão de trabalhar mais para se manterem em São Paulo, pagando alimentação e aluguel nos alojamentos, e ainda juntar dinheiro para enviar à sua terra de origem. Esse fato coloca o trabalhador sazonal em vantagem em face ao trabalhador local (GOMES, 2010 p.29).

Assim, a mecanização não surge para aliviar o peso do trabalho desses cortadores de cana, mas surge para substituir o trabalhador nos locais planos acessíveis pelas máquinas e conseqüentemente aumentar a produção.

2.2.1 Campeões de Produtividade

Para Novaes (2007), a expansão da agroindústria canavieira está relacionada às perspectivas positivas do mercado internacional do álcool, como alternativa de energia renovável e menos poluidora que o petróleo e também ao favorável mercado internacional do açúcar. As restrições aos subsídios para a exportação do açúcar, impostas aos produtores do mercado europeu e a competitividade da produção brasileira no mercado internacional vêm atraindo investimentos de grupos internacionais para a agroindústria brasileira, expandindo as atividades do setor.

Ainda de acordo com esse autor, a modernização e a expansão da lavoura nas safras da cana fizeram com que dois sistemas de corte passassem a coexistir nos canaviais das modernas usinas paulistas: o sistema de corte manual e o sistema mecanizado. O quanto proporcionalmente será utilizado de um ou de outro sistema, vai variar conforme as estratégias de cada unidade de produção e das restrições técnicas das colheitadeiras mecânicas.

Existem usinas como a São Martinho, na região de Ribeirão Preto, que utilizam o sistema mecanizado em 90% da cana e outras como a Ester, na região de Campinas que utiliza esse sistema em apenas 15% da área de cana. Na safra de 2005, o grupo Cosan, dono de catorze usinas no estado de São Paulo, utilizou o sistema de colheita mecânica em 30% da área de cana de suas usinas. A usina Santa Adélia, no município de Jaboticabal, na safra de 2006, usou esse sistema em 50% de sua lavoura, na safra de 2007 – 70% (NOVAES, 2007).

A implantação e a modernização de usinas produzem mudanças na dinâmica do mercado de trabalho da cana. Surge como um dos seus efeitos, a contratação de mão de obra qualificada inclui entre outros, agrônomos, técnicos agrícolas, engenheiros químico e de produção, formados nas tradicionais universidades e centros de pesquisa. No que se refere ao trabalho na área da cana, esse processo impulsiona a constituição de dois universos distintos que correspondem ao sistema de corte mecanizado e manual.

Para trabalhar com o sistema mecanizado, os trabalhadores são selecionados por critérios relacionados à especialização, escolaridade e moradia próximo à usina. São selecionadas diferentes especializações como motoristas, tratoristas, operadores de máquinas, mecânicos entre outros. Esses trabalhadores são contratados diretamente pela usina assinando

um contrato de trabalho por tempo indeterminado, que assegura direitos trabalhistas básicos e seguro desemprego para casos de demissão.

No que se refere ao trabalho com o sistema manual de corte são feitas outras exigências e o contrato de trabalho é safrista, por tempo determinado. Nesse tipo de contrato, por lei, os trabalhadores não recebem seguro desemprego, no término da safra. Na seleção desses trabalhadores para o sistema de corte manual, são priorizados os critérios de habilidade, destreza, a força e a resistência física e moradia distante do local de trabalho.

Em artigo publicado sobre mecanização e trabalho manual na cana, Novaes (2007) faz a seguinte observação:

A força física e a destreza são critérios imprescindíveis para assegurar o aumento da produtividade nesse sistema de corte que supõe a intensificação do ritmo de trabalho. No sistema de corte manual não houve substituição do instrumento de trabalho, o facão continua sendo o instrumento de trabalho. As inovações se limitam a melhorias na lâmina e no cabo.

Os trabalhadores que vêm da região Nordeste possuem exatamente esse perfil que as usinas necessitam para trabalhar no corte manual da cana. Segundo Novaes, esses migrantes nordestinos, não se assustam com o trabalho nos canaviais, por terem sido desde crianças acostumados ao árduo trabalho da agricultura em suas regiões de origem.

Chama atenção o fato desses trabalhadores nordestinos serem os preferidos pelos usineiros por serem mais dedicados ao trabalho e gratos pela oportunidade de trabalho, que não existe no lugar de onde vieram. Também a necessidade de ganhar dinheiro para enviar à família distante, para os usineiros funciona como um freio que no dia a dia torna esses trabalhadores mais tolerantes, quando leis trabalhistas são descumpridas, em situações que ocorrem injustiças ou nas distorções, feitas pelos fiscais no momento das medições da produção do corte da cana.

Num contexto de modernização e intensificação da produção, novas formas de trabalho foram introduzidas dentre elas, o ganho pela produção, pela metragem, pesagem e o tipo da cana cortada. Somando-se todos esses critérios tem-se a referência para calcular o

salário. A lógica para a eficiência do corte manual é determinada pelo lema: “Quanto mais se corta, mais se ganha”.

O sistema de seleção funciona da seguinte forma: os candidatos terão que cortar no mínimo dez toneladas de cana por dia, caso contrário eles serão demitidos. Essa demissão acontece até sessenta dias após a admissão.

Novaes (2007), relata em seu trabalho o caso de uma determinada usina que contratou cinco mil trabalhadores no começo da safra. Foi calculado no primeiro mês o rendimento médio dessa turma. Desse grupo, foram descartados dois mil trabalhadores, que não conseguiram alcançar a média. No segundo mês repetiu-se o mesmo procedimento mas agora demitindo três mil trabalhadores. Nessa etapa ainda foram podados mais mil trabalhadores que não atingiram a produção média da turma.

Assim, os dois mil trabalhadores, selecionados nesse processo, considerados como altamente produtivos, conseguiram realizar o quantum de produção dos cinco mil trabalhadores que iniciaram a safra. Esses trabalhadores que alcançam a meta de produção, chegam a cortar até vinte toneladas de cana por dia e conseguem manter a média mensal entre 12 e 17 toneladas por dia (Novaes, 2007).

Ainda de acordo com Novaes (*op. cit.*), as usinas procuram pôr em prática técnicas motivacionais, para estimular a competição entre os trabalhadores e dessa forma aumentar a produtividade. Um estímulo financeiro é dado ao trabalhador com bonificações quando as metas de produção são alcançadas. Alguns chegam a ser premiados com bicicletas, televisores, rádios, refrigeradores etc. É a figura dos “campeões de produtividade”.

2.2.2 O trabalho no canavial

A cana de açúcar não é nativa do Brasil. Chegou ao continente americano pelo contrabando de algumas mudas, com passagem pelas Ilhas Madeira e São Tomé, e vieram da Índia. No início do século XVI, durante um período de aproximadamente 30 anos, não havia muita preocupação em assegurar as terras recém conquistadas. O Brasil com sua imensa costa litorânea, estava exposto a incursões de outras nações. Os primeiros engenhos

implantados no Brasil por razões políticas, datam da década de 1530, deram ao Brasil o caráter de uma fortaleza e de uma colônia açucareira (GOMES, 2010).

Desde o início, a indústria açucareira favoreceu os latifundiários e a ruptura política não rompeu com a estrutura econômica e social perversa. O modelo de colonização portuguesa, voltado para exportação e com utilização de mão de obra escrava, chegou ao período da república (GOMES, 2010).

A revolução industrial com suas novas tecnologias, alterou os parâmetros de produtividade dos antigos engenhos, que passaram a ser responsáveis apenas pela moagem da cana para a fabricação do açúcar.

Segundo Gomes (2010), a lavoura canavieira imprimiu ao Brasil, as estruturas de um trabalho, latifundiário, monocultural e penoso, voltado para a exportação do açúcar. No início do século XVI, quando Portugal colonizou o Brasil, por um período de aproximadamente 30 anos, havia pouca preocupação em assegurar as terras descobertas. O Brasil, com sua imensa costa litorânea, estava exposto a invasões de piratas, comerciantes e aventureiros de outras nações. O cultivo da cana de açúcar no Brasil, foi um projeto para explorar a terra pela mão de obra escrava, habitá-la com colonos e exportar para Portugal que tinha como objetivo encher os cofres da Coroa Portuguesa (GOMES, 2010).

Segundo Gomes (op. cit.), desde a passagem de Martin Afonso, aos poucos o Brasil foi se tornando uma colônia açucareira. Para trabalhar na indústria açucareira, nas plantações, nos engenhos, nos serviços domésticos na criação de gado e na agricultura, foi a mão de obra indígena que garantiu a sobrevivência dos colonos e logo se tornou mão de obra escrava. Também para os religiosos, a mão de obra indígena, representava um importante fator econômico. As necessidades elementares dos jesuítas eram superadas com a ajuda da Coroa Portuguesa.

Ainda para Gomes (op.cit), desde o início do plantio da cana de açúcar se repete a mesma situação: monocultura extensiva, enriquecimento dos que dominam a exportação, pobreza dos trabalhadores, mão de obra escrava ou semi escrava. E hoje, nas discussões sobre a indústria sucroalcooleira, os peritos apontam a mesma sequência. Do século XVI ao século XXI, o cenário açucareiro no Brasil passou por mudanças significativas. O modelo social que se organizou no Brasil, não mudou muito durante os anos que se seguiram.

Em sua tese sobre o trabalho penoso no canavial, Gomes (*op. cit*), escreve que “o canavial representa para os trabalhadores um beco sem grandes saídas”. Optar pelo canavial é uma necessidade. “ *Ficar na cana é ruim, voltar para a terra de origem é pior*”. A pressão sobre a produtividade no canavial e o pagamento pela produção, são a origem de agravos na saúde e de vidas que terminam antes do tempo. Esse autor faz os seguintes questionamentos:

...É possível romper esse círculo vicioso entre mão de obra barata procedente do Nordeste, de onde foi expulsa de seus poucos alqueires de terra, que sustentavam sua família, e uma produtividade do corte manual de cana, em disputa com as máquinas?” “...É possível viver “dignidade no trabalho” em condições de produção alimentadas por trabalho penoso? A interlocução com os próprios cortadores de cana pode talvez não apontar para grandes soluções, mas, quem sabe, ajuda a delimitar o território de novos enfoques (GOMES, 2010 p.144).

3. A PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS MIGRANTES DE IBATÉ – SP

Durante o período em que se realizaram as entrevistas, o “turmeiro”, que antes havia demonstrado certa resistência em apresentar os trabalhadores, mostrou-se disposto em ajudar depois de algumas conversas e esclarecimentos sobre o objetivo da pesquisa. A resistência apresentada foi devido ao temor de tratar-se de pesquisa que tivesse a intenção de investigar, condutas que envolvesse as atividades do sindicato e da usina empregadora.

Esse senhor mencionou que estava ajudando porque reconhecia a importância de um trabalho dessa natureza e acreditava que os bons resultados chegariam até os filhos dele que estudam em escolas públicas de Ibaté, alguns deles alunos da própria pesquisadora, como também acreditava que tais resultados alcançariam os filhos de outros trabalhadores.

Na ocasião das entrevistas, observamos também que o “turmeiro” é uma espécie de ponte dos migrantes que chegam para trabalhar, orientando e ajudando o necessário para adaptação deles. No bairro em que ele reside no jardim Icaraí, era comum encontrar na calçada pessoas que se aproximavam para conversar e perguntar sobre o início das contratações.

Conforme relatado pelo “turmeiro” a função que exerce atualmente, que é de acompanhar e direcionar os trabalhos durante a safra, surgiu depois de ter participado de uma reivindicação dos trabalhadores por melhores condições de transporte e trabalho. Durante as negociações houve desentendimentos entre os que participavam do movimento, porque alguns não aceitaram a proposta oferecida pelo usineiro, levando à separação do grupo. Percebeu-se nesse trabalhador um líder, que mesmo com o pouco grau de instrução saberia negociar e defender os interesses do “patrão”.

Após reunião e vários contatos por telefone com o “turmeiro”, que relatou o receio dos trabalhadores em participar da pesquisa, foi marcada e realizada a primeira entrevista. A seleção foi feita dentro do perfil solicitado, migrantes sazonais e de acordo com a disponibilidade e aceitação dos trabalhadores em participar. Todos os questionários foram aplicados pela pesquisadora, sempre na residência de cada um dos sujeitos participantes; nove deles moradores do bairro Icaraí e um do Jardim Cruzado.

Durante a primeira entrevista além do participante selecionado, outros migrantes foram se aproximando por curiosidade. Esses não possuíam o perfil solicitado pela pesquisadora, porque não exerciam mais atividades no corte da cana, mas foi oportuno porque apresentaram outras pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

As entrevistas iniciavam-se sempre entre 17:30 e 18:30 horas, horário em que os trabalhadores já haviam retornado do trabalho, tinham tomado banho e estavam iniciando atividades domésticas. A aplicação do questionário durava em média entre duas a três horas, a maioria das vezes foi desenvolvido enquanto o entrevistado (a) estava preparando o jantar para a família, providenciando o almoço que levaria no dia seguinte, lavando a louça acumulada na pia ou cuidando da roupa que havia usado naquele dia.

Descanso? só no domingo. Tem que fazer a comida para o almoço do dia seguinte. É puxado, a gente volta com braço, mão e corpo tudo doído, mas é obrigado a fazer as coisas porque não tem quem faça, porque a roupa que a gente veste lá para trabalhar vem tão suja que se eu deixar ela para em pé” [E08].

3.1 Caracterização dos trabalhadores rurais migrantes

A caracterização dos entrevistados é um dos passos iniciais para identificar a percepção ambiental dos migrantes que trabalharam na safra de 2012, que segundo Schmitt (2005), os resultados obtidos estão diretamente associados a estas características, pois influenciam direta e indiretamente a percepção que os indivíduos têm do ambiente.

Na apresentação dos resultados, optamos por manter a integridade pessoal do entrevistado, divulgando apenas as respostas apresentadas, substituindo os nomes por números correspondentes às entrevistas.

Assim, a partir dos resultados obtidos na pesquisa de campo e para facilitar a compreensão desses, primeiramente foi elaborada a tabela nº 01 que contém a caracterização dos 10 sujeitos entrevistados.

As informações que compõem a tabela 01 que apresentaremos a seguir, mostram os dados pessoais dos entrevistados como, idade, sexo, cidade de origem, estado civil, número

de filhos, nível de escolaridade, tempo de residência na cidade de destino, função, tempo de trabalho nessa atividade, renda média mensal e previsão de retorno à cidade natal.

Tabela Nº 01- Caracterização dos entrevistados

CARACTERIZAÇÃO ENTREVISTADOS	IDADE (anos)	SEXO	LOCAL DE ORIGEM	ESTADO CIVIL	Nº DE FILHOS	ESCOLARIDADE	FUNÇÃO	TEMPO EM IBATÉ	TEMPO NO CORTE DA CANA	RENDA MÉDIA MENSAL (R\$)	RETORNAR À CIDADE DE ORIGEM
E 01	30	F	Sítio Macaúba - Barbalha- Ce	Casada	1	E.M. Completo	Trab. rural	04 anos	03 anos	950,00	DEZ. 2012
E-02	30	M	Terezinha -Pe	Solteiro	0	E.F. incompleto	Trab. rural	08 meses	03 anos	1.150,00	DEZ. 2012
E-03	33	M	Pé de Serra - Ba	Solteiro	0	E.F. incompleto	Trab. rural	08 meses	09 anos	1.300,00	Dez. 2012
E-04	33	F	Barbalha - Ce	Casada	2	E. M Completo	Trab. rural	04 anos	03 anos	900,00	Dez. 2012
E-05	25	F	Barbalha-Ce	Casada	0	E. M. Completo	Trab. rural	04 anos	02 anos	900,00	Não sabe
E-06	30	M	Pé de Serra- Ba	Casado	2	E.F. Completo	Fiscal	08 anos	05 anos	1.500,00	Não sabe
E-07	26	F	Pé de Serra-Ba	Casada	2	E.M. Completo	Trab. rural	08 anos	05 anos	950,00	Não sabe
E-08	28	M	Pé de Serra-Ba	Casado	0	E.M. Completo	Ajudante de Fiscal	05 anos	05 anos	1.200,00	Só a passeio
E-09	23	M	Iaçu-Ba	Solteiro	0	E. M Completo	Trab. rural	08 meses	05 anos	1.200,00	Dez.2012
E-10	44	M	Brejão - Pe	Solteiro	1	Não tem	Trab. rural	08 meses	15 anos	1.250,00	Dez.2013

Conforme nos demonstra a tabela 01, a faixa etária dos trabalhadores migrantes entrevistados está entre 23 e 33 anos sendo que apenas um sujeito encontra-se acima dessa faixa, com 44 anos de idade. Dentre os dez trabalhadores quatro homens e quatro mulheres trabalham diretamente no corte manual e os outros dois homens, mudaram de função passando a exercer suas atividades como fiscal e ajudante de fiscal depois de trabalhar alguns anos no corte manual. Apesar da preocupação em equilibrar a pesquisa no que se refere ao sexo, a maioria dos trabalhadores entrevistados são do sexo masculino.

Buscando conciliar a teoria com a pesquisa de campo, seguiremos a partir dessa etapa apresentando os resultados obtidos para as questões levantadas nas entrevistas e que serão analisadas segundo o esquema teórico do processo perceptivo de Rio (1999), que apresenta os seguintes elementos para análise: Realidade, Sensações, Motivação, Cognição, Avaliação e Conduta.

Na concepção de Vicente Del Rio (1999), o conhecimento da realidade de cada indivíduo passa por filtros culturais e individuais: as sensações experimentadas, a motivação sentida, a cognição enquanto capacidade de processar informações, a avaliação e julgamento, a conduta que provoca ações e comportamentos que volta a realimentar a realidade, em um processo contínuo de experiências pelo qual cada indivíduo passa e que vai evoluindo com o tempo em um processo de retroalimentação.

3.1.1 A realidade dos entrevistados

No esquema teórico do processo perceptivo, Rio (1999) como já citamos, o primeiro elemento apresentado é a **realidade** que por intermédio das sensações produz uma seleção instantânea de imagens e dados, motivados por interesses e necessidades individuais que por sua vez são organizados ou processados por um processo cognitivo que posteriormente remete-se à avaliação e pode ser baseada em julgamentos e valores e esses em sua vez produzem uma conduta ou modelo de comportamento que novamente realimenta a realidade, todos funcionando numa relação sistêmica.

Ao entrar em contato com o meio ambiente, os sujeitos participantes fazem uso dos cinco sentidos em um processo associado com os mecanismos cognitivos, ou seja, cada

indivíduo vai perceber, reagir e responder diferentemente frente às ações sobre o meio e do meio sobre ele.

No caso de nossos entrevistados os fatores ligados à **realidade** poderão ser identificados nas experiências únicas que serão apresentadas no desenvolvimento dessa etapa.

Os resultados dessa pesquisa nos mostram que a atividade no canavial é exercida por trabalhadores jovens porque somente esses conseguem suportar a rotina de trabalho árduo no corte da cana. Atingir uma meta diária de produtividade é uma exigência para o trabalhador rural permanecer no trabalho da usina. Entre os entrevistados apenas um tinha 44 anos, trabalhador com a peculiaridade de não ser alfabetizado, e que ainda se mantém nessa atividade por possuir uma longa experiência no corte de cana, não apenas em Ibaté mas também fazendo safras em outras cidades da região.

Quanto ao fator sexo dos participantes, a diferença entre a quantidade de entrevistados do sexo masculino e feminino se deve à indisponibilidade das mulheres em participar da entrevista na data combinada. Algumas dessas trabalhadoras justificaram que ao retornar do trabalho, o final do dia estava reservado para fazer a limpeza da casa, acertar pagamentos no comércio, lavar roupa e uma das entrevistadas adiou justificando ter vergonha e medo de não conseguir responder. Essa trabalhadora, que após uma certa resistência concordou em participar, emocionada apresentou o seguinte relato:

“ Amei participar dessa entrevista. No começo falei que não queria, porque tinha medo de pensar em tudo isso... Mas depois pensei que precisava falar isso que estou sentindo para alguém... Isso de que cidade é bom, é maravilhoso, é onde tem dinheiro, mas não é tudo. Gostei porque pensei na vida, voltei ao meu passado, lembrei de tudo, até das comidas que o pai trazia só de segunda-feira” [E01]

Da análise desses depoimentos concluímos que não pensar na real situação em que vivem atualmente é uma forma que esses jovens trabalhadores encontraram para enfrentar a dura realidade em que se encontram (FIGURA Nº 05). Apesar da pouca idade, é notório que lhes falta perspectiva de um futuro melhor, com mais qualidade de vida como identificamos no seguinte depoimento:

“Se pudesse ia embora. Para mim mesmo não tem mais futuro. Meu futuro é trabalhar e trabalhar e procurar dar um futuro melhor para os meus filhos. Trabalhar e pagar faculdade para eles. Falo para eles estudarem porque daqui a algum tempo vai ser mais difícil ainda. Vai procurar trabalho e eles perguntam – tem cursos? Se não tiver faculdade vai ter que trabalhar na roça. Isso se tiver... o pessoal fala que o corte da cana manual vai acabar. Para trabalhar nas máquinas, não vai pegar qualquer pessoa.”[E04]

Conforme observamos no depoimento, embora ela diga que não tem mais futuro, constrói sua realidade através dessa experiência e reage à situação afirmando que precisa continuar trabalhando e deposita o próprio futuro no sucesso dos filhos. Entende que a realidade no canavial mudando sua própria realidade e com isso terá que buscar outra alternativa para sobreviver.

Figura Nº 05: Trabalhador no corte da cana (E10)



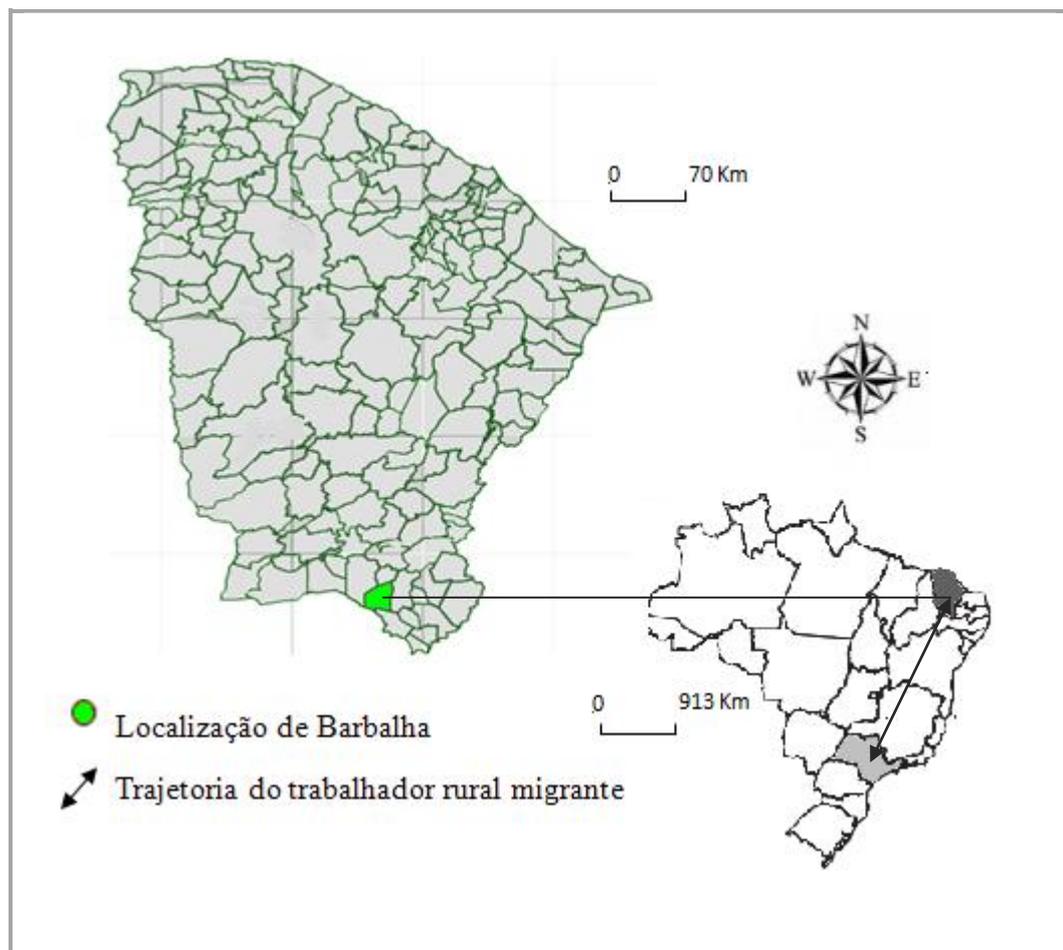
Em relação à cidade de origem dos entrevistados, os resultados obtidos mostraram que todos os migrantes vieram da região nordeste. Dentre esses trabalhadores, três vieram do estado do Ceará, dois entrevistados são do estado de Pernambuco e cinco são oriundos do estado da Bahia. Os entrevistados do Ceará são nascidos na mesma cidade e no mesmo

povoado – Sítio Macaúba- Barbalha; entre os quatro da Bahia três são da cidade Pé de Serra e um de Iaçú; os dois de Pernambuco são da cidade de Terezinha e Brejão.

Nesse contexto, buscando compreender os espaços vividos por esses migrantes no lugar de origem, apresentaremos alguns aspectos característicos dos municípios de onde partiram como parte da realidade desses trabalhadores.

A cidade de Barbalha no Ceará (FIGURA 06) é um município localizado na região Metropolitana do Cariri, sul do Ceará, coordenadas: - 07° 18' 18" Latitude Sul e 39° 18' 07" Longitude Oeste, com uma população de 55.323 habitantes, sendo que o maior número é de jovens entre 20 e 24 anos (CENSO 2010). Possui uma área 570 Km² (IBGE), distante 405 Km em linha reta da capital Fortaleza. Em divisão territorial datada de 2007, o município é constituído de 04 distritos: Barbalha, Arajara, Caldas e Estrela.

Figura 06 : Mapa de localização do Município de Barbalha- Ceará
Fonte : IBGE



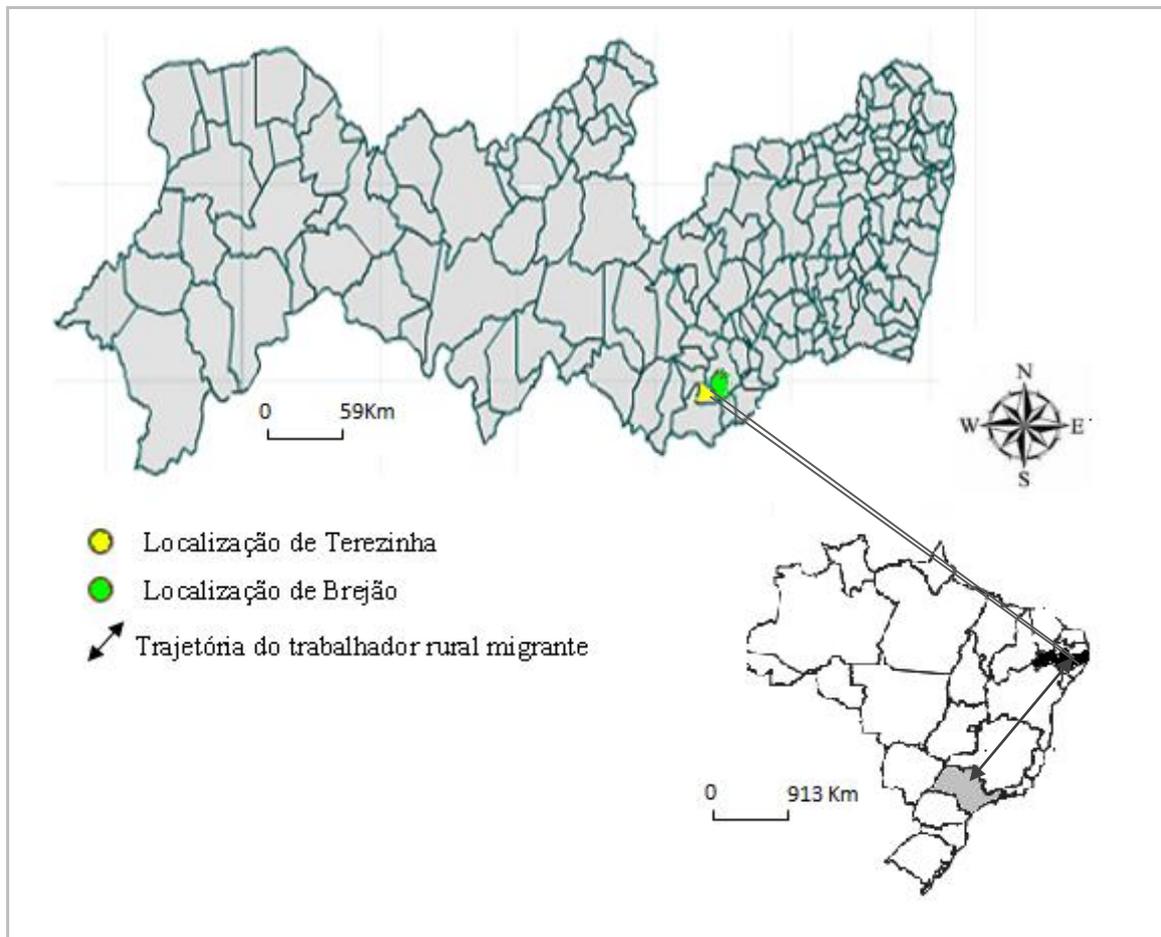
Situada ao sopé da Chapada do Araripe, as principais elevações são as serras: Serra do Araripe, existindo várias fontes de água espalhadas por toda a área da chapada. É reconhecida por ter a única estância hidromineral, contendo águas termais, do Estado do Ceará. É interessante ressaltar que Barbalha tenha esse clima mesmo sendo reconhecido como Bioma Caatinga. Na bacia hidrográfica em questão insere-se o rio Salgado.

A cidade possui clima Tropical quente semi-árido brando, tendo uma temperatura agradável em relação a outros municípios da região. Por sua situação geográfica privilegiada, no alto da Chapada do Araripe o clima fica mais frio e úmido, caracterizando o clima de Serra. A precipitação média é de 1.153 mm, sendo mais chuvosos os meses de Janeiro a Abril (IPECE 2012).

Em Barbalha 64,61% do Produto Interno Bruto (PIB) corresponde à prestação de serviços, 32,33% a indústria e 3,05% referente a agropecuária (IBGE ECONOMIA). Há também a atividade econômica ligada ao turismo e ao atendimento a pessoas em tratamento de saúde que abrange todo nordeste. A cidade possui um importante pólo de medicina e devido sua importância para o município a Universidade Federal do Ceará abriga a sua Faculdade de Medicina do Cariri. A cidade é uma opção tranquila para moradia de profissionais que trabalham em municípios vizinhos, ajudando a esquentar o setor da construção civil (PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA, 2013).

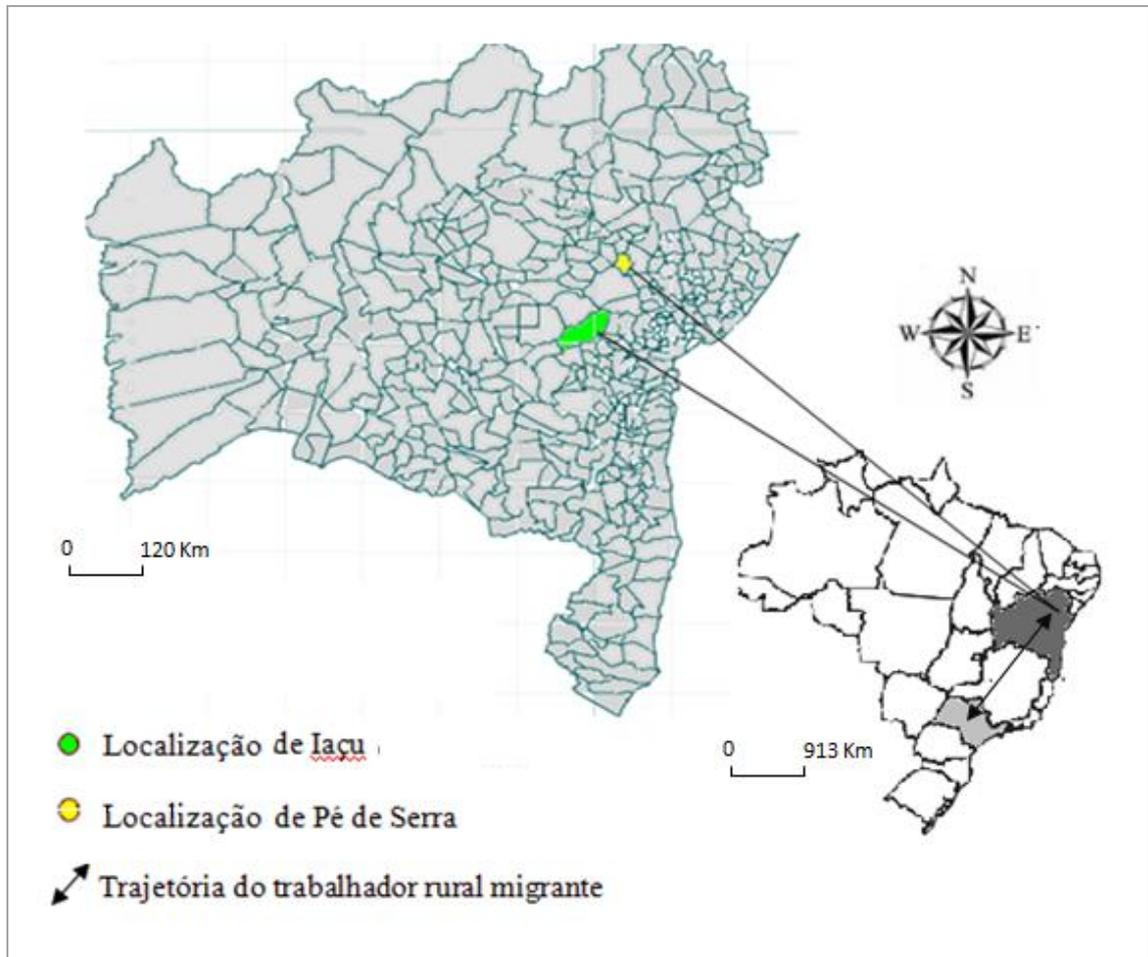
Terezinha no estado de Pernambuco é outro município de origem dos entrevistados com população de 6.737 habitantes e uma área de 151 Km². Localizada na mesorregião do agreste pernambucano, na região do semi-árido do estado a: 9° 3' 28" Latitude Sul 36° 37' 17" Longitude Oeste. No que se refere à economia do município 77,35% do PIB corresponde a prestação de serviços, 14,1% a agropecuária e apenas 8,54% à indústria (IBGE ECONOMIA). Possui Bioma característico de Caatinga e Mata Atlântica (IBGE CIDADES). O mapa a seguir (FIGURA 07), mostra a localização dos municípios de Terezinha e Brejão no estado de Pernambuco.

Figura 07 – Mapa de localização dos Municípios de Terezinha e Brejão-Pernambuco
Base cartográfica - Fonte: IBGE-2013



Seguindo com a caracterização do lugar de origem dos migrantes, Pé de Serra é um município localizado na região de planejamento do Paraguaçu do Estado da Bahia. A área territorial é de 616 Km² e a sede municipal tem como coordenadas geográficas: 11° 49' 24" Latitude Sul, 39° 36' 37" Longitude Oeste (IBGE). A população total é de 13.752 habitantes (CENSO 2010). Possuindo clima semi-árido e sofrendo com longos períodos de estiagem ou escassez de chuvas, o município está inserido no denominado “Polígono das Secas”. A vegetação é essencialmente constituída pelo Bioma Caatinga. O município pertence à bacia hidrográfica do rio Paraguaçu (DIAGNÓSTICO DO MUNICÍPIO DE PÉ DE SERRA, 2005).

Figura 08: Localização dos municípios de Iaçú e Pé de Serra- Bahia
Base cartográfica: IBGE Maio-2013



Iaçú é um município do estado da Bahia, localizado a $12^{\circ} 46' 01''$ Latitude Sul e $40^{\circ} 12' 43''$ Longitude Oeste, zona Sul da Chapada Diamantina, com área territorial de 2.451 Km² e população de 25.736 habitantes. O clima é semi-árido e a vegetação característica é a Caatinga. O risco de seca na cidade é alto, já que está totalmente inserida no “polígono das secas”. Pertence à bacia hidrográfica do rio Paraguaçu e segundo dados da Prefeitura Municipal de Iaçú (2013), o município tem 17 poços perfurados salitrosos. A economia desse município se baseia na prestação de serviços com 68,28% da arrecadação, enquanto que 19% corresponde a agropecuária e o restante 12,8% destinado à indústria.

No que se refere ao nível de escolaridade, que faz parte a realidade dos participantes, os resultados chamam atenção, pois as quatro entrevistadas possuem o Ensino Médio Completo, enquanto que um entrevistado tem o Ensino Fundamental Completo, dois com

Ensino Fundamental incompleto e um é analfabeto. Com exceção do não alfabetizado que apresentou dificuldades para entender as questões apresentadas, as quais respondia “*não entendi*” ou “*não sei o que é isso*”, os demais se expressavam com uma certa desenvoltura e com poucos erros.

Considerando o fato de que a maioria dos trabalhadores possuem o Ensino Médio completo e o Ensino Fundamental completo, dados que favoreceram a compreensão das questões apresentadas durante a pesquisa, concluímos que os trabalhadores rurais migrantes nordestinos, migram pela escassez de recursos em suas cidades de origem para buscar melhores condições de vida.

O tempo de permanência em Ibaté dos trabalhadores, varia entre oito meses e cinco anos. Os que fazem a safra há mais tempo, relatam que não conseguem continuar morando na cidade de origem pela dificuldade em conseguir um emprego com boa remuneração, mas no período que estão na região sudeste sentem saudade dos parentes e querem voltar. As mulheres relatam que permanecem em Ibaté pela necessidade de acompanhar o marido, enquanto os homens manifestaram o desejo de continuar trabalhando para economizar e conseguir comprar bens na terra natal.

Essa questão sobre renda mensal dos trabalhadores foi informada cercada de muito constrangimento e os resultados obtidos mostraram que os homens ganham em média dois salários mínimos e as mulheres ficam entre um salário e meio mais ou menos. Identificamos que no caso das mulheres, a remuneração é inferior a dos homens e a explicação para isso reside no fato de se tratar de um trabalho pesado e exaustivo, assim os homens conseguem ganhar mais pelos índices de produtividade que alcançam.

Algumas dessas jovens mulheres, relataram que ao retornar do trabalho para casa muitas vezes tomam algum tipo de analgésico, para aliviar as dores que surgem no final do dia, não só pela atividade que exige o uso dos braços, mas também pela necessidade de pular valetas para mudar de um lugar para outro, no desenvolvimento das atividades de plantio e corte da cana (FIGURA N° 09).

Figura Nº 09: Trabalhadores entrevistados no plantio da cana



Quanto ao estado civil dos migrantes entrevistados, seis são casados e quatro solteiros. Neste número de casados estão incluídas todas as mulheres, sendo os solteiros apenas do sexo masculino. Dos seis casados, quatro vieram comprometidos de sua cidade natal e as esposas e namoradas chegaram alguns anos depois que os maridos passaram a fazer as safras. Os outros dois migrantes casaram com companheiras que conheceram em Ibaté, também de origem nordestina.

Sobre o número de filhos dos entrevistados, três casados declararam ter dois filhos e entre esses um deles relata que um dos filhos é da companheira. Um casado tem um filho, dois casados não tem filhos, três solteiros não têm filhos e um solteiro tem um filho.

Durante as entrevistas, percebemos que a distância da terra natal e a ausência dos familiares favoreceu a união dessas pessoas que estavam sozinhas numa cidade considerada estranha.

Os resultados nos mostram que esses trabalhadores possuem um reduzido número de filhos, e durante as entrevistas identificamos que existe uma grande preocupação em usar métodos para evitar a gravidez, tanto pelas dificuldades financeiras que se encontram, como pelas condições precárias de moradia e pela incerteza de conseguir um trabalho no futuro.

Em uma das ocasiões ao chegar à moradia do entrevistado, nesse caso o de 44 anos, esse estava com a companheira e um bebê recém nascido. Segundo relato desse senhor, a

criança tinha apenas um mês, o mesmo tempo que ele estava morando com a mãe da criança. Relatou que fizeram uma troca. Ele estava precisando de uma pessoa para cuidar da alimentação, limpeza da casa e lavar as roupas e ela teria um lugar para ficar com o filho.

Para chegar à moradia desse trabalhador, passamos por um portão que leva a um corredor que faz parte de um quintal e nesse percurso encontramos varias portas que dão acesso a outras pequenas moradias, como a de nosso entrevistado. É um quarto pequeno com uma cozinha improvisada, que antes era uma pequena lavanderia, onde cabe apertado apenas um fogão, a geladeira e uma pia.

Dentre os entrevistados apenas dois tinham uma casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Os outros se acomodam em pequenos quartos construídos no corredor e no fundo do quintal (FIGURA N° 10).

Figura N° 10: Moradia de um dos trabalhadores



Sobre a previsão de retorno ao local de origem, seis dos migrantes retornam sempre no início de cada safra, um dado considerado importante para os objetivos de nosso trabalho, já que trata-se de migrantes sazonais. Os demais declararam que ficam em Ibaté durante dois anos, guardam dinheiro e voltam para a cidade natal onde permanecem alguns meses retornando ao trabalho no período de safra da cana.

Quase todos querem retornar definitivamente para a cidade de origem, mas não sabem se conseguem realizar essa mudança pelas dificuldades financeiras em que ainda se encontram. Outra dificuldade citada nessa questão diz respeito à escassez de água em suas

regiões que impede o trabalho na agricultura familiar e a falta de opção de emprego. Também receiam não conseguir mais adaptar-se na cidade de origem.

Apenas um migrante que conseguiu mudar de função desde que iniciou a atividade na cana, adaptou-se ao trabalho e à cidade e por esses motivos decidiu ficar morando definitivamente em Ibaté. Decidiu ainda que só voltará à cidade onde nasceu apenas para passear e visitar a família. Percebemos uma motivação nesse trabalhador em continuar trabalhando na empresa pela possibilidade de passar de ajudante para fiscal. Quando mudar de função, irá fiscalizar o trabalho dos colegas cuidando para que a produção se mantenha nos níveis desejados, acompanhando o trabalho para que não aconteçam acidentes que possam provocar prejuízos para a empresa e o empregador.

O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza ou feiúra – cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo (TUAN, 1980 p.75).

A **realidade** dos sujeitos participantes continuará sendo identificada nos depoimentos que apresentaremos na sequência desse trabalho. As falas foram apresentadas na íntegra, tanto pela dificuldade em fragmentar os discursos sem que houvesse perda no verdadeiro sentido da informação, como também porque esse sentido é uma manifestação dos sentimentos topofílicos ou topofóbicos dos atores em relação aos ambientes vividos.

A palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão (TUAN, 1980 p. 107).

Sempre no início de cada entrevista, alguns participantes mostravam-se tensos, antecipando seus receios sobre a possibilidade de dar respostas erradas que prejudicassem a pesquisa e outros, além disso, preocupavam-se também em dar respostas comprometedoras que fossem tornadas públicas e que pudessem prejudicá-los junto ao local de trabalho.

Mas com os devidos esclarecimentos, estabelecia-se um clima de confiança, e mesmo após essas pessoas terem enfrentado um exaustivo dia de trabalho, a entrevista dava prosseguimento. Ao mesmo tempo em que respondiam às questões, cuidavam dos filhos, que

por sua vez, chamavam pela mãe ou pai a todo o momento. Também lavavam a louça acumulada na pia, atendiam ao chamado da vizinha que se debruçava no muro ao lado, enfim, enquanto realizavam diferentes atividades. Todos procuravam buscar as melhores palavras para suas respostas.

Embora todos tenham concordado em participar da pesquisa, apenas alguns participantes permitiram ser fotografados. As mulheres alegaram estar com a aparência muito cansada, sem arrumar o cabelo, sem maquiagem. Pediram também que, caso fosse necessário fotografar o local de trabalho, não gostariam de aparecer de forma nítida, porque tinham vergonha da forma como se vestem para trabalhar. Alguns depoimentos foram acompanhados de emoção, sendo algumas vezes interrompidos por alguns minutos, porque o entrevistado (a) à medida que buscava as respostas nas lembranças, começava a chorar.

Para iniciar as análises pontuais dos processos perceptivos dos migrantes entrevistados, sentimos a necessidade de entender melhor a **vida pregressa** dos participantes, trazendo informações do ambiente vivido no lugar de origem, com quem moravam, o que faziam, tipo de vida, se era boa ou ruim, para em seguida aproximá-los e inseri-los no universo da pesquisa. Essa questão que parte da realidade e que produz sensações abre um canal de comunicação entre os atores e o estudo.

[E02] *“Trabalhava na roça plantando feijão, milho, mandioca. Morava com meu pai, mãe e dois irmãos solteiros, mais jovens. A vida era ruim. O dinheiro era pouco para cobrir os gastos, me manter. Lá é seco demais, a água é longe, 10Km...Volto para lá em dezembro e venho para cá em abril.”*

[E06] *“Morava lá com a esposa e os filhos. Trabalhei um tempo com um fazendeiro, depois estava prestando serviço para a prefeitura como guarda municipal. Tinha dificuldades financeiras. Tinha que cortar bastante gastos. Coisas que precisava comprar tinha que adiar”.*

[E07] *“Morava com o marido e os filhos, casei com 16 anos. Trabalhava no mercado só nos sábados. A vida lá é difícil porque não tem serviço e quando tem o dinheiro que pagam é pouquinho, o salário é baixo. E também quando aperta a seca ficamos sem água. E para comprar um caminhão cheio de água que dava para quinze dias estava agora custando R\$ 300,00 (trezentos reais).*

[E08] *“Morava com pai e mãe, mexia com o gado e plantava mandioca. (Vida) Era boa, mas a questão é que o ganho era fraco”.*

[E09] *“Morava com meus pais. Era boa, trabalhava numa lanchonete, mas ganhava pouco. Vou ficar até dezembro... vou e quando chego lá, dá vontade de voltar”.*

[E10] *“Morava com a Mãe, trabalhava na roça. Era bom, mas não tem serviço”.*

Analisando as respostas observamos que todos os entrevistados moravam com os pais em área rural e a maioria desenvolvia algum tipo de trabalho em pequena propriedade (roça) da família:

[E03] *“Morava com meus pais. Trabalhava na roça na estoca do mato. A vida era mais ou menos boa porque estava no meio da família. O problema era financeiro. Só ganhava para sobreviver”.*

E, no caso das mulheres, ajudavam a mãe nos afazeres domésticos, algumas vezes trabalhavam como empregada doméstica ou cuidavam de crianças em residências na área urbana da cidade.

[E01] *“Morava com meus pais. Às vezes ajudava o pai na roça. E às vezes trabalhava de doméstica ou trabalhava de babá e dormia lá. De quinze em quinze dias ia embora para casa e ganhava R\$80,00(oitenta reais) por mês. Eu sai de lá fui pra Fortaleza e trabalhei só um mês de babá, porque estava com intenção no meu marido que já estava em Ibaté. A vida era maravilhosa. Lá andava descalça...”;*

[E04] *“Morava com meus pais e com o marido em um sítio. Trabalhei como ajudante de cozinha. Cuidava da casa ajudando a mãe. A dificuldade era o emprego que não tem”.*

Percebemos na fala desses trabalhadores, um modelo familiar muito unido. Para eles a família recebe um lugar de destaque em suas vidas, as boas lembranças do lar e de seus familiares estão sempre presentes como mostra a seguinte fala:

[E01] *“Eu quero ficar lá, arrumar um serviço e morar perto do meu pai, cuidar dele. Quero ver meu pai todo dia... Quero criar o meu filho lá do jeito que eu fui criada...”*

O melhor lugar para eles é a cidade natal, a casa dos pais é o invólucro que os protege das desigualdades e injustiças do mundo. O desejo de uma casa mobiliada, de uma boa alimentação para os filhos, aos poucos vai se transformando em apenas um sonho, mas com esperança de vê-los realizados através dos filhos.

Mesmo com as dificuldades apresentadas no lugar de origem dos trabalhadores, falta de água, baixos salários, poucas opções de emprego, o afeto pelo lugar, pela cidade natal, o amor ao lar está acima dessas dificuldades e das lembranças consideradas negativas.

[E05]. *“Era uma vida boa, só quando era criança que era ruim. O pai não trabalhava e a gente vivia do sustento da avó aposentada”.*

São situações vividas na intimidade do lar, que embora algumas vezes possam surgir como experiência sofrida ao ser trazida com carinho pela memória, provocam sensações agradáveis como aparece na fala de uma das entrevistadas:

[E01] *“sinto falta dos meus pais...meu pai sofreu demais...criou a gente fazendo farinha, catando pequi para fazer óleo. Quando era pequena, só comia carne de segunda-feira. Não sei porque, estava dormindo e ele ia chegar só tarde com a carne para preparar e a gente acordava depois para comer...era muito bom..”.*

Sobre esse afeto Tuan (1980), explica que *“ a afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes”* . Para esse autor a casa funciona como um invólucro e a sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. *“ A lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso. Sangue é derramado em sua defesa”* (op.cit. p. 117).

Com exceção dos três entrevistados nascidos em Barbalha no Ceará, os demais queixam-se que o lugar de origem é muito seco e que falta água. Esses são de regiões que estão totalmente inseridas no denominado “Polígono das Secas”, que sofre constantemente

com longos períodos de estiagem e escassez de chuvas, com temperaturas bastante elevadas, acima de 30 graus centígrados.

Quando retornam da safra da cana, até mesmo as mulheres, exercem atividades nas pequenas propriedades da família plantando feijão, milho, mandioca. Alguns queixaram-se que essa atividade também está ficando escassa porque as áreas reservadas à plantação estão dando lugar aos pastos, à criação de rebanhos.

Entendemos assim, que esses trabalhadores saem de seu lugar de origem onde os recursos estão exauridos e migram para outro lugar onde esses recursos ainda existem, privando-se do convívio familiar, lutando para encontrar um destino melhor.

Também aceitam a situação, como sendo um momento passageiro, dessa forma, conseguem aliviar o sofrimento por estar distante dos parentes, convivendo com pessoas e costumes diferentes.

3.1.2 Sensações dos trabalhadores

Conforme Rio (1999) a percepção vale-se das sensações provocadas pelas diferentes experiências vividas. Dessa forma, as sensações são interpretadas pelo cérebro e impressas na memória através dos sentimentos topofilicos e topofóbicos que são evocados pelos mecanismos dos sentidos, principalmente a visão.

As reminiscências dos migrantes entrevistados demonstram que o lugar de origem deixou muitas marcas indeléveis em suas mentes. Seja em relação ao lar dos pais, ambiente protegido e acolhedor como em relação a sensação de paz que a paisagem dos ambientes vividos lhes trazem.

Seguindo o raciocínio de Rio (1999) a Percepção Ambiental se deve a sensações construídas e organizadas pela inteligência do indivíduo como consequência da realidade.

A percepção dos ambientes naturais ou paisagens é entendida por Tuan (1980), como uma das formas de se obter o conhecimento geográfico e assim destaca sua importância para a construção de topofilias e topofobias.

Esses sentimentos são a resposta mecânica dos sentidos aos estímulos externos, onde determinados fenômenos são ressaltados e registrados, enquanto outros são totalmente preteridos. Para a questão que levou os entrevistados a selecionar os ambientes naturais ou paisagens na Terra Natal mais agradáveis, apresentaram as seguintes respostas:

[E02] *“A mata, porque gosto de andar na mata.”*

[E04] *“As serras. Para passear é tão bom. É tão calmo, um clima gostoso. É a Serra do Araripe. É frio, não como aqui, mas é gostoso. Porque tem muitas árvores, muitas mangueiras para ficar embaixo... Tem também muitas nascentes de água. E é bom porque a gente não paga água, só paga força”.*

Os resultados nos mostram, que essa questão despertou os sentimentos topofílicos nos participantes. Citaram como primeira opção a preferência pelas serras, depois os parques aquáticos, em seguida responderam preferir o terreno onde nasceram e foram criados e também responderam as matas. Vejamos relatos:

[E05] *“O Arajara Parque, porque a gente vai para tomar banho. Tem muitos pássaros, muitas flores e é sossegado”.*

[E07] *“A serra; a cidade fica dentro da serra. Como é turística, o pessoal de Salvador vai lá para visitar. É a serra do Leão”*

[E08] *“A Serra do Leão”.*

[E09] *“O balneário aos domingos”.*

Como já mencionamos anteriormente, os entrevistados de Barbalha 01, 04 e 05 são de cidades onde tem variação de temperatura nos meses de maio a julho, quando o clima apresenta-se ameno. As principais fontes de água são as serras que suprem as necessidades da cidade e dos sítios, por esse motivo, esses participantes comentam que não precisam pagar pelo consumo de água, e em suas falas identificamos a presença desse elemento, assim como destacam as árvores e a serra. Como situa-se na área de preservação ambiental, a Chapada do Araripe, a cidade conta com várias trilhas ecológicas.

O citado Arajara Park é um parque temático com piscinas, toboáguas e equipamentos de lazer que ficam à disposição dos turistas e da população local.

A Serra do Leão, citada por alguns entrevistados, é uma montanha que deu origem ao nome da cidade que fica situada ao pé da Serra, sendo considerada ponto turístico da região e cartão postal do município Pé de Serra.

Também é citado o Balneário e nesse caso refere-se ao “ Três Gamelas” (FIGURA 11) em Iaçú-Ba, um ponto turístico da cidade que se destaca pela presença do Rio Paraguaçu.

Figura 11: Balneário das Três Gamelas, Iaçú – Bahia
Paisagem preferida do entrevistado E09
Fonte: imagem fornecida pelo E09



Cada indivíduo trouxe imagens que foram selecionadas pela inteligência e organizadas na memória de acordo com a experiência de vida desses sujeitos. A maioria dos entrevistados têm consciência da importância da preservação do meio ambiente e dos efeitos prejudiciais da degradação da natureza. Percebem também que a vegetação nos diferentes espaços está sendo derrubada para dar lugar à construção de casas.

[E06] *“a Serra do Leão e a roça, um sítio na casa da minha mãe, porque é um lugar que transmite paz interior.*

A fala desse participante também pode ser entendida através do pensamento de Tuan quando diz que:

de tempos em tempos nos sentimos impregnados com tão forte sensação de bem estar físico, que transborda e nos envolve como se fora uma parte do mundo” (op. cit. 1980, p. 113).

Ainda nessa questão solicitamos ao entrevistado mencionar mais de um ambiente ou paisagem os quais são considerados como preferidos na cidade natal e os espaços registrados pela percepção dos entrevistados foram os seguintes: as nascentes, os rios na época da enchente, árvores e mangueiras no terreno onde moram.

[E06] *“O barulho dos rios em tempo de enchente e os sapos cantando”.*

[E01] *“tinha uma mangueira enorme, acordava, almoçava e jantava na mangueira. E quando morre uma mangueira? Minha mãe liga contando e eu choro...”*

A maioria dos ambientes naturais e paisagens citadas, estão relacionadas a ambientes onde existe a presença de água e de vegetação, seguido da preferência pelas serras e pequenos povoados próximo ao local de moradia. Também foi identificada a preferência de um participante com o próprio terreno onde está construída a moradia desse trabalhador.

[E03] *“A fazenda Bom Mistério onde eu moro. Porque é onde eu nasci e me criei. Eles estão velhinhos, mas é onde eu gosto mais de ficar é lá”.*

[E01] *“É uma nascente onde lavava roupa. Sabe o que é você está no maior sol quente do Ceará e você chegar numa nascente, tá aquela água transparente, branquinha que mergulha e a gente vê a pessoa?”*

[E08] *“Um povoado chamado Aroeira”*

As sensações apresentadas nas respostas estão relacionadas às experiências agradáveis e podem ser entendidas através do pensamento de Tuan (1980), quando diz que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. Mesmo que o meio ambiente não seja a causa direta da topofilia, fornece estímulo sensorial que percebe a imagem e dá forma às alegrias e ideais.

[E01] “Lembro da entrada da minha casa que na entrada eu plantei um pé de eucalipto enorme. E ficava lá fofocando com minhas primas. Não vejo a hora de chegar lá. Lembro de quando não tinha mistura pegava os coquinhos, pisava e comia com comida, arroz, feijão”.

De acordo com alguns desses trabalhadores a falta de água em sua região é a causa principal das dificuldades que enfrentam no lugar onde nasceram. Segundo Tuan (1980) é preciso estar consciente de que um valor ambiental requer sua antítese para defini-lo. “Água é ensinada pela sede” (op. cit. p. 117).

Para definir o sentimento rural em sua obra, Tuan cita um poema escrito por Horácio em 65 a.C.:

Esta era uma das minhas orações: um pequeno pedaço de terra com jardim, perto da casa, uma fonte de água corrente e ao lado, um pequeno bosque. O céu me concedeu isto e muito mais do que eu esperava. É bom. O único que peço agora...é: que isto seja meu para sempre (op.cit p. 117).

No que se refere às respostas para essa questão, observamos que apenas as duas primeiras paisagens eram citadas rapidamente e que antes de citar a terceira opção eles precisavam de alguns minutos para responder. Entendemos que somente as duas primeiras chamam mais atenção e a terceira preferência era dita para atender à solicitação. Temos como exemplo o entrevistado E06 que menciona como terceira preferência a represa, mas na condição dessa represa estar cheia.

[E06] “As represas **quando** estão cheias”

[E01] “A cachoeira perto da minha casa onde tomava banho escondido porque a mãe não deixava, mas é só verde”.

As imagens dos ambientes onde ficam a praça e a igreja no lugar de origem, registradas nas respostas de apenas dois entrevistados, durante conversa alguns relataram sentir falta das festas que acontecem na praça da cidade e das rezas na igreja. Ao perguntar por que sentem falta desses lugares responderam que é um local onde os moradores do município encontram os parentes e amigos aos domingos.

E01] “Aqui tem festa, lá tem reza, renovação no domingo”

Ao procurar justificativa para o motivo da preferência por esses ambientes naturais, encontramos respostas em “topofilia”. Quando a memória traz a imagem das pessoas andando pelas matas, ou traz a lembrança das sombras das árvores, provoca a sensação agradável de liberdade que as serras passam para esses sujeitos. A identificação com essas áreas acontece mais facilmente, quando a área em questão parece ser uma unidade natural (TUAN op. cit.).

As lembranças do sítio onde moram, identificam o amor do trabalhador rural à sua terra, e entendemos que o apego do agricultor à terra é grande porque ganham a vida com ela.

Através dos relatos há indícios de que não existe separação entre natureza e sujeito, pois eles se complementam e se tornam uma única pessoa. “para o trabalhador rural a natureza forma parte deles – e a beleza como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica” (TUAN, 1980 p.111).

Solicitamos aos migrantes que citassem os **ambientes naturais ou paisagens menos agradáveis no lugar de origem**. Essa questão procurou identificar a percepção dos entrevistados sobre os ambientes que mais lhes causavam sensações desagradáveis- topofobia – no lugar onde nasceram e obtivemos as seguintes falas:

[E01] *“Acho que não tem lugar lá que não me agrada. Mas eu não gosto de cidade”*

Esses sentimentos que podem ser entendidos a partir do termo topofobia, na obra de Tuan (1980), está intrínseco aos sentimentos de desafeto e aversão que uma pessoa ou determinado grupo social tem para com determinados espaços, lugares ou paisagens.

Analisando as respostas identificamos que apenas alguns entrevistados citaram ambientes desagradáveis, no entanto encontramos a justificativa para a percepção desses ambientes quando responderam o motivo de não gostar desses lugares. Tais motivos estão relacionados a problemas ambientais como desmatamento e destino final do lixo.

[E02] *“ O cercado para o gado. Porque os fazendeiros derrubam a mata para fazer o cercado”.*

[E07] *“É um brejo que não me agrada porque é muito sujo de lixo”.*

Também foi citada a seca e a falta de água como mencionado por um dos entrevistados que relatou ser a água o maior problema de todos porque tem que andar 10 Km para buscar água potável e para as atividades domésticas.

[E02] *“Lá é seco demais, a água é longe, 10 Km ...”*.

Alguns dos entrevistados, são advindos das regiões naturais do sertão nordestino, que segundo Melo (2008), trata-se de lugares assolados pelas difíceis condições de clima e pelo problema do abastecimento de água. Nas localidades onde há falta de tecnologia para armazenamento de água, como cisternas e açudes, os trabalhadores rurais ficam aguardando a chegada da chuva para irrigar a plantação.

Quando não ocorre chuva, transcorre um longo período de seca, fazendo com que grandes contingentes de trabalhadores migrantes, procurem outras regiões agrícolas do país, como é o caso de nossos entrevistados.

[E06] *“É o sítio na estiagem, seca, falta de água”*.

Observamos que os migrantes que citaram lugares desagradáveis, antes de responder, fizeram um esforço para encontrar esse lugar na memória. Percebemos assim que não falaram de sentimentos topofóbicos, mas falaram da relação com esses lugares em determinados períodos do tempo.

Há uma relação tênue entre amizade e inimizade com o ambiente natural da terra de origem do migrante, sentimento esse explicado na obra de Tuan (1980) quando escreve sobre a relação de um pequeno proprietário rural com a sua terra, que a considera como parte integrante de seu ser *“é tão minha como meus braços e pernas”* e *“a terra é amiga e inimiga ; é as duas coisas. A terra dirige meu tempo e meus estados de ânimo; se a colheita vai bem, eu me sinto bem, se há problemas com ela, há problemas comigo”*.

Assim, para esses trabalhadores em alguns períodos do ano manifestam-se sentimentos de afetividade – topofílicos pela Terra Natal em outros momentos manifestam sentimentos de aversão, topofóbicos, ambos atrelados de certa forma, aos ciclos da natureza.

Alguns entrevistados relataram não existir nada desagradável. De acordo com Tuan(1980), os residentes locais tendem a afastar de si uma realidade desagradável, porque ignoram o que eles não podem controlar eficazmente.

[E03] “*Difícil porque gosto de todos os lugares de lá. Se não fosse pelo custo de vida não estaria por aqui não*”.

[E04] [E05] [E08] [E09] [E10] “*Todo lugar lá eu gosto. Lá não tem nada que não me agrada*”.

Percebemos então nesses casos, poucos sentimentos topofóbicos e conforme Tuan em sua obra *Topofilia*, o apego a um lugar pode também paradoxalmente, aparecer da experiência com a intransigência da natureza.

A topofobia provocada pelos problemas é menor se comparada às muitas sensações agradáveis quando falam no lugar de origem, nos familiares, na convivência com eles e quando lembram os ambientes naturais.

Figura 12: Lugar citado como agradável pelo E09
Fazenda Monte Alto - Iaçú Bahia
Imagem fornecida pelo E09



As informações selecionadas e percebidas pelos entrevistados identificam que eles têm consciência da importância da preservação do meio ambiente. Têm consciência dos efeitos prejudiciais da degradação da natureza, quando percebem também que a vegetação nos diferentes espaços está sendo derrubada para dar lugar à construção de casas. A mente dos

sujeitos participantes organizou essa realidade percebida através de um processo perceptivo. A percepção sofreu variações de acordo com os filtros culturais e individuais.

3.1.3 Motivação para migrar

Como já explicitado em Rio (1999), os diferentes significados e valores adquiridos por cada indivíduo são distintos e têm valor psicossocial (interesse e necessidade), sejam eles ecológicos, econômicos ou estéticos o que acaba influenciando na ação, isto é, motivando o indivíduo em relação a topofilia, topofobia ou atitude passiva.

A maioria dos entrevistados deixou seu lugar de origem, principalmente devido às necessidades econômicas e aos longos períodos de estiagem que assolam o semiárido nordestino, fato muito bem retratado no livro *Vidas Secas* do escritor nordestino, Graciliano Ramos. Como os entrevistados possuem uma grande ligação com o local de origem conforme já citamos anteriormente, o fator que os leva a migração é a **necessidade**.

Quando ficam interessados e motivados a migrar pela necessidade, passa a existir a concepção dos entrevistados a respeito da cidade de Ibaté, que segue uma coerência desde o primeiro momento da decisão pela migração. Com os mesmos objetivos, influências, expectativas e sonhos, que se refazem à medida que vão vivenciando o trabalho e a cidade. Seguem relatos abaixo que exemplificam esses argumentos:

[E04] *“Vim para cá atrás de emprego. A gente tem ilusão: “ vamos para São Paulo” pensando que é uma coisa e quando chega aqui é outra. Meu marido quando era solteiro vinha para cá fazer safra. “E se eu não gostar? Eu perguntava... Ele falava que era bom. No começo pensava em comprar uma casa aqui, mas hoje prefiro lá na minha terra. A opção que tinha era essa por causa do meu marido que já vinha para cá. Pensava que aqui era só cana. Só canavial ao redor das casas. Aqui tem mais oportunidade de emprego e por isso realizar um sonho é mais fácil. Ter uma casa, um carro acho que isso é o sonho de todo mundo ter a primeira casa”.*

Os participantes desta pesquisa que decidiram migrar para Ibaté, o fizeram por influência de parentes ou amigos que tinham vindo antes para esse trabalho e retornavam

contando suas experiências de sucesso por ter conseguido guardar algum dinheiro, às custas de muitos sacrifícios e privações, conforme relatos:

[E06] *“Fui influenciado pelas conversas de alguns amigos que chegaram daqui e conseguiram alcançar alguma coisa”.*

[E07] *“Primeiro o marido veio, depois eu vim. No primeiro ano quando chegou o mês de dezembro as condições financeiras não permitiam voltar. Aí ficamos aqui dois anos seguidos para depois voltar”.*

[E08] *“Tinha um amigo que veio para cá, deu certo e me chamaram. Foi difícil porque deixar pai e mãe não é fácil, mas para melhorar a situação fui obrigado a vir. Sobre a cidade não imaginava muito, só que era um lugar grande. Minha preocupação era mais com o serviço, se eu iria aguentar, principalmente se eles iriam pegar uma carteira branca. Disseram que não me arrependeria. Medo de não dar certo, porque comecei a dividir as contas com os colegas. Demorei um pouco para trabalhar porque as usinas ainda não estavam pegando gente. Mas aconteceu que deu certo”.*

[E03]” *Já tinha amigos aqui. Queria ganhar um dinheirinho para fazer uma casa e morar”.*

[E06] *“Tinha minha irmã que já estava aqui. Tinha uma imagem diferente. Uma cidade muito movimentada, fechada de prédios de apartamento, quando cheguei aqui vi que era diferente. Queria trabalhar para conseguir uma casa própria, ter uma vida estável, um dinheirinho sobrando, para quando quiser levar as crianças para passear em algum lugar, no shopping, em uma área de lazer”.*

[E09] *“Quero ajudar a família. Um tio que vinha para cá me incentivou. Mandeí uma ficha para a usina e me chamaram. Pensava que aqui era um lugar que tinha trabalho. Queria juntar dinheiro para ajudar a família, fazer uma casa”.*

[E10] *“ Lá é fraco de serviço. Já tinha ido para Dobrada durante três safras. Aqui é melhor do ponto de vista da organização, tem ônibus e é mais organizado. Só pensava que tudo desse certo no serviço e está dando”.*

Em suas cidades de origem, não conseguem trabalho, mas a vontade de ajudar a família é um elemento motivador para que consigam enfrentar as dificuldades pela separação

dos familiares que estão distantes. Sentem-se motivados porque com o resultado do trabalho na cana, economizam e conseguem enviar dinheiro para a família, alguns reservam o dinheiro e ao retornar investem na compra de pequenos terrenos na cidade natal.

[E01] *“primeiro vieram meus irmãos, meus tios e meu marido que naquele tempo era namorado, vieram para cortar cana. Eles falavam pra mim como era porque todo ano vinham. Pensava que Ibaté era um lugar bom, muito bom. Pensava em vir trabalhar, arrumar serviço, casar e mandar dinheiro pros meus pais.*

Percebemos que o grande sonho de todos os entrevistados é adquirir um bem, em primeiro lugar uma casa própria, depois um terreno para plantar, sonham com uma casa mobiliada, com um trabalho de acordo com o seu próprio grau de escolaridade, com uma vida menos sacrificada e com o mínimo de conforto desejado pelos seres humanos.

As experiências de sucesso relatadas pelos amigos ou parentes, é uma motivação para que deixem a terra natal para procurar emprego em outro lugar, e através desse trabalho conseguir realizar os sonhos materiais.

[E02] *“Foi um tio que deu força para vir para cá. Ele já mora aqui. Foi difícil, porque deixar a família não é fácil. Tem que vir para ver se a gente consegue alguma coisa melhor. Com o sonho de trabalhar aqui uns quatro anos para ganhar um dinheiro a mais e comprar uma casinha”.*

[E07] *“Imaginava que aqui fosse como São Bernardo do Campo. No começo só vim para acompanhar o marido, não pensava em trabalhar na cana. Meus filhos eram todos pequeninhos. Pensava que eu ia morar numa casa bonita, espaçosa, com tudo dentro”.*

Assim, motivados pelo interesse em ganhar algum dinheiro para suprir suas necessidades, os trabalhadores rurais fazem a mesma trajetória todos os anos em determinada época, retornando a maioria das vezes para a mesma cidade onde trabalhou na safra anterior sempre trazendo um novo parente ou amigo.

Quando trata-se do local para onde migram, “os migrantes sazonais normalmente migram para os mesmos locais” (Rodrigues, 2009). Retornam para enfrentar nova safra,

alcançar novos objetivos, motivados pelas aquisições que já fizeram através desse trabalho, como é possível identificar no próximo relato:

[E08] *“desde que comecei a trabalhar na cana muita coisa mudou: primeiro consegui comprar uns terrenos lá; na época paguei R\$ 8.000,00 mil reais. Uns terrenos de 10x25 metros. Depois vendi quando valia muito mais e comprei uma casa aqui e um carro palio 2008. Casei de uns três anos para cá. O serviço era puxado, chegava com braço e mão doendo, mas era obrigado a fazer as coisas, lavar a roupa porque não tinha ninguém para fazer. Pretendo ficar por aqui e comprar mais casa. Ir lá na Bahia agora só a passeio para visitar a família. Quero crescer mais. Tenho que pensar no filho que vem aí”*

No relato desse trabalhador (E08) constatamos que a falta de emprego no lugar de origem, somada às conquistas alcançadas através do trabalho no canavial, fazem com que ele se identifique com o local para onde migrou, Esse migrante recria o local de origem, que confirma-se a partir do nascimento do filho no novo lugar. No entanto, volta com frequência à terra Natal, contando as boas experiências, motivando novos colegas a tomar a mesma decisão.

Durante as entrevistas fomos informados que uma boa parte desses trabalhadores que hoje exercem a atividade no canavial, a princípio migraram não para trabalhar de imediato no corte da cana, mas para acompanhar o cônjuge e nesses casos a **motivação** para a migração se deu pela oportunidade de trabalho do companheiro.

[E05] *“O marido me influenciou vir para cá. Dizia que a gente ia casar e ter uma vida melhor e depois voltar para lá. Sonhava em casar na igreja e ter uma casa, mas casei só no civil. Ele conhecia uns meninos aqui. Meu marido veio primeiro e depois voltou casamos e voltou comigo. Pensava que Ibaté era uma cidade grande, cheia de prédios, muita gente. Mas quando cheguei aqui não tinha nada disso. Pensava em vir para ser dona de casa, não passava pela cabeça que também ia trabalhar lá na cana. Pensava em trabalhar não lá, mas em outro canto”.*

Portanto, houve nessa situação um caso de migração provocada pelo sentimento que a entrevistada mantém pelo marido. E para esse tipo de migrante, as dificuldades que enfrentarão na nova cidade será maior pela falta de parentes e amigos na nova cidade.

Para Carvalho (2008), um fato que é sempre levado em conta pelo migrante na escolha do local de destino é a presença ou não de uma rede social. Pesará bastante se houver familiares ou conhecidos que possam servir como suporte inicial.

Alguns entrevistados demonstraram existir uma cobrança interna no que se refere a proporcionar uma vida melhor para os pais que ficaram e sentem-se aliviados quando enviam algum dinheiro para eles.

[E01] *”Agora consigo mandar dinheiro com o trabalho da cana. Sabe, é tão bom quando consegue mandar dinheiro...”*

Esses depoimentos deixaram evidentes que embora os valores dos indivíduos sejam distintos, o principal motivo da migração no caso desses atores é principalmente por fatores econômicos, mesmo nos casos que migraram para ficar junto do companheiro. Quando chegam ao novo lugar e começam a enfrentar a dura rotina de trabalho, percebem que as expectativas iniciais não são mais as mesmas.

Migram porque o problema do desemprego é grande em sua terra natal e pela necessidade de usar essa estratégia como sobrevivência.

Esses trabalhadores migrantes que chegam a Ibaté interessam-se pela cidade por influência de parentes ou amigos, que vieram trabalhar no corte da cana e quando retornam à terra natal levam o dinheiro que economizaram durante os meses da safra. No final de cada ano retornam para suas famílias e procuram esquecer as dificuldades e privações que passaram durante o período de exaustivo trabalho,

3.1.4 As manifestações cognitivas

Cognição, é um processo mental onde estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações que foram percebidas, em seguida armazenando e dando-lhes significado (Oliveira *et al*, 2009). Portanto, as respostas ou manifestações cognitivas não podem ser entendidas como processos separados, pois são

resultado das percepções, julgamentos, expectativas de cada indivíduo e de sua experiência de vida.

Também como parte da Cognição, procuramos identificar um pouco dos conhecimentos dos entrevistados referentes à temática ambiental. A maioria respondeu que sabem o significado de meio ambiente.

Existem diversas formas de apreensão do conhecimento acerca do mundo vivido, seja pelos métodos da ciência ou pela simples observação de acontecimentos sobre os quais se criam teorias que, apesar de não terem os rigores das teorias científicas, são tão verdadeiras quanto tais (CORRÊA, 2008 p.158).

[E02] *“É as florestas”*

[E04] *“Para mim meio ambiente é a natureza com a água”*

Esse conhecimento comentado em Corrêa (op.cit), denominado conhecimento popular atribuído a grupos específicos, juntamente com o senso comum que tem um caráter universalizado, constituem o conhecimento cotidiano.

[E08] *“É comer um lanche e não jogar o saco na rua”.*

[E09] *“É não desmatar”*

[E10] *“É natureza”*

Os trabalhadores entrevistados possuem conhecimentos básicos relacionados ao meio ambiente e sobre a necessidade de preservação, manifestados individualmente de forma pessoal conforme experiência vivida. Esse entendimento é um dos elementos da percepção acerca dos acontecimentos que os cercam e dependendo do seu teor, pode despertar ações que podem levar à preservação do meio ambiente.

[E03] *“Meio Ambiente é preservar, é trazer tudo limpo”*

E06] *“Significa vida no futuro. Sem o meio ambiente a gente não consegue viver”*

Nesses relatos, identificamos uma preocupação com a necessidade de preservação das áreas verdes, em função dos impactos provocados pelo processo de urbanização em suas regiões de origem.

No entanto, nas principais respostas relacionadas ao meio ambiente, constatamos que essas estão limitadas principalmente aos componentes bióticos e abióticos, restritos à dimensão ecológica, em termos de conservação da natureza ou da contaminação e degradação

dos ecossistemas. Foram mais citados: água, natureza, ar, preservação, flora e fauna. Também foram citados poluição, sobrevivência dos seres humanos, desmatamento e lixo.

Existe uma noção predominante de ambiente como natureza “pura”, excluindo o ser humano como parte integrante do ecossistema (SAUVÉ *et al* 2000 *apud* FIORI, 2006), privilegiando-se os aspectos naturais, como a água, o ar, a vegetação e a fauna. O ser humano, enquanto ser social, transformador, vivendo em comunidades, aparece de maneira pouco significativa como elemento constitutivo do meio.

[E01] *“Meio ambiente é água, é nascente, é os animais, é cuidar das matas para não acabar. É o ar gostoso da natureza..Por mim, ali onde eu moro não construía mais casa. Para não parecer cidade, ficar só algumas casas. Ficar aquele ar de natureza”*.

[E07] *“É preservar para o futuro. É não derrubar as árvores”*

Essa posição conscientizada segundo Corrêa (2008), está relacionada aos seus conhecimentos sobre os elementos da natureza e suas inter-relações.

[E05] *“Que devemos ter consciência, que não devemos jogar lixo na natureza”*.

Perguntamos também dentro dessa questão as fontes de informações sobre os temas ambientais e as principais fontes citadas foram em primeiro lugar a televisão, depois a escola, as palestras no local de trabalho e as revistas.

[E02] *“A televisão”*

[E03] *“As palestras no trabalho porque eles exigem que não jogue nada que prejudique a natureza”*.

[E04] *“Através da televisão... e há muito tempo na escola”*

[E07] *“Televisão, revistas na usina que sempre tem uma folhinha ou duas que fala sobre meio ambiente”*.

[E09] *“A televisão, a escola, o serviço na usina...”*

Esses trabalhadores, embora levando uma vida sacrificada, estão conectados com o mundo, acompanhando na medida do possível a evolução dos meios de comunicação e os

fluxos de informações. Durante as entrevistas, observamos que todos tinham um aparelho de televisão moderno, a maioria deles tinha um celular conectado à internet, outros usavam o computador/notebook para mostrar as imagens da cidade natal, ou para apresentar os parentes e amigos conectados ao facebook.

Esses meios de comunicação segundo Dornelles (2006), contribuem para o estabelecimento de suas concepções e devem ser utilizado para democratizar os pensamentos.

Assim, essas fontes de informações citadas, seriam as de maior alcance aos entrevistados, que mostraram interesse e preocupação em receber mais dados sobre os temas ambientais.

Sobre esse assunto Reigota (2002), escreve que a televisão conecta as pessoas ao mundo, traz os temas, problemas, assuntos e opiniões, alguns distantes geograficamente, para fazer parte das preocupações cotidianas. Esse autor em sua obra comenta que é importante enfatizar como a televisão, difusora de imagens que adentram no cotidiano das pessoas com muita força, alimenta a difusão das representações sociais sobre temas diversos. Entendemos assim que a Educação não pode ficar alheia à influência que esses meios de comunicação, principalmente a televisão, exercem na vida das pessoas.

Considerando que a Educação Ambiental é uma forma de se trabalhar com as questões ambientais junto à sociedade (DORNELLES, 2006), perguntamos aos entrevistados se sabiam o significado do termo e o que eles entendiam como **Educação ambiental** e quase todos responderam que sabem o que é educação ambiental. Apresentaram as seguintes falas:

[E07] “*É não poluir, preservar as árvores*”.

[E03] “*É, a gente tem que respeitar a natureza*”.

Porém alguns participantes disseram que desconhecem ou não entendem o significado de educação ambiental.

[E02] “*Não sei*”

[E09] “*Não entendo o que é educação ambiental*”

[E10] “*Não sei o que é*”.

Para Reigota (2002), a educação ambiental não pretende dar respostas prontas e definitivas, mas deve instigar questionamento sobre as nossas relações com a natureza e com a sociedade em que vivemos.

Observamos de acordo com as respostas que os entrevistados relacionam Educação Ambiental com conscientização:

[E05] “*É ter consciência, é tratar bem o meio ambiente, é não jogar lixo na rua*”.

[E04] “*Educação Ambiental é ter consciência que não devemos jogar lixo na natureza*”

Outros deram respostas que associam meio ambiente à natureza e a necessidade de preservação; um deles define Educação Ambiental como apenas um estudo:

[E01] “*É ter um pouco de estudo sobre os ambientes*”.

Porém, observamos que um dos entrevistados relaciona educação ambiental à boas maneiras, quando retomamos a pergunta esse confirmou:

[E08] “*É chegar num lugar e tratar as pessoas bem....*” “*acho que é*”

As respostas foram confusas e a maioria não conseguiu definir Educação ambiental. No entanto, o meio ambiente é uma realidade tão complexa que se torna difícil qualquer definição precisa, global e consensual. O objeto de estudo da educação ambiental é a rede de relações entre as pessoas, grupo social e o meio ambiente. Assim, antes de encontrar uma definição de meio ambiente e educação ambiental, é necessário explorar suas diversas representações (FIORI, 2006).

Segundo Reigota (1991), Meio Ambiente e Educação Ambiental, são termos utilizados constantemente nos livros didáticos, meios de comunicação, músicas e outras fontes, demonstrando uma grande diversidade de conceitos, possibilitando interpretações diferentes. Essas interpretações são influenciadas pela vivência pessoal e profissional e por informações veiculadas na mídia.

[E04] “*É não jogar o lixo na natureza e retirar o lixo dela. Tem gente que faz piquenique e deixa o lixo lá. Não tem consciência*”.

[E06] “*Preservar as árvores, os rios, não cortar árvores e não sujar também*”

Para este autor, apesar de mais de vinte anos de conceitos definidos e reafirmados em diferentes fóruns, as discussões não se ampliam para ações efetivas. De um lado são encontradas uma série de práticas que se autodenominam de Educação Ambiental, demonstrando a sua criatividade e importância para a escola e sociedade, em outro lado, a Educação Ambiental não-formal tem-se mostrado na prática, simplista e ingênua, demonstrando pouco esclarecimento no que se refere ao embasamento teórico, refletindo ingenuidade, oportunismo e confusão teórica, conceitual e política (REIGOTA,1995 *apud* FIORI 2006).

3.1.5 Julgamento, expectativa, avaliação

A avaliação também não é um processo isolado, ela está vinculada a vivência do indivíduo e ao seu processo cognitivo e julgamento de valores. As sensações produzidas nos indivíduos são avaliadas através da seleção, dos julgamentos e expectativas.

Na questão sobre a percepção ambiental dos participantes da cidade de Ibaté, que procurou identificar como eles avaliam a cidade, do que gostam e do que não gostam, os costumes, as pessoas, as expectativas em relação ao trabalho e à cidade. Obtivemos as seguintes respostas:

[E01] *“Eu nem sei o que eu gosto daqui. É ruim a distância daqui pra lá. Aqui se quer comprar uma coisa a gente vai no mercadinho. Lá é sítio, fica mais longe. Aqui tem festa, lá tem reza, renovação. Lá a gente acorda com os pássaros cantando..... E o milho verde? Que delícia! Aqui você vai comprar o milho verde e não tem gosto...Sinto falta de quando passava a manhã penteando as espigas com um pente e a tesoura fazendo pastinha nas espigas. Lá se tivesse com fome e não tivesse nada pra comer, ia lá no pé de coco, pisava no pilão e colocava rapadura e comia”.*

[E02] *“Levanto as 04:30 da manhã, lá era as 06 horas. Fiz muitos amigos...só sinto falta da farinha”.*

[E05] *“Em relação à cidade não sei. Acho que a minha cidade ainda era maior e melhor que aqui e mais bonita. Em relação às pessoas, são educadas quando conhecem falam com a gente. Tinha pessoas de lá mesmo que eu não conhecia mas que aos poucos fui*

fazendo amizade. Na alimentação sinto falta do toucinho, da tripa cheia, pipoca, cajuína, ceriguela, macaúba, babaçu. Lá a gente tirava do pé, aqui compra no supermercado”.

[E09] *“Sofro com o frio e para mexer com a água no período de frio. Venho todo ano desde 2008. Com o passar dos anos a convivência com as pessoas foi melhorando”.*

Nessa questão a maioria dos entrevistados fez uma avaliação referindo-se à relação dos migrantes com a população de Ibaté e ao acolhimento por parte dos moradores da cidade. Alguns relataram ter passado por situações de constrangimento por ser cortador de cana e por ser nordestino.

[E03] *“O povo tem preconceito que a gente vem. Uma vez ouvi no mercado um falar que deveriam proibir a gente de entrar na cidade.*

Uma das entrevistadas mesmo sem saber explicar corretamente o motivo, comparou o sabor do frango criado no quintal, com o frango criado nas granjas. A maioria falou sobre o relacionamento com as pessoas da cidade, os costumes e os estranhamentos. Enquanto um falou da insegurança e do medo que os moradores passam por ficarem isolados em suas casas, outro já referiu-se à cidade como um lugar tranquilo, que não oferece preocupações sobre a segurança pessoal.

[E04] *“Eu gosto do meu trabalho agora. A cidade me acolheu bem. As pessoas não se incomodam com a vida de ninguém. No começo me sentia só. Depois me adaptei e comecei a sair, comecei a falar com os vizinhos. Sair para a missa nos sábados na igreja de São Francisco. A única opção é essa. E saindo vai conhecendo mais gente. Tenho saudade da minha terra. Penso em ficar morando lá mas tenho medo de não me adaptar mais. Lá não tem nem luz. Mas sinto falta dos familiares, das pessoas de lá. A comida? A carne de frango que a gente chama de caipira é mais gostosa. Não sei explicar. Aqui vai cozinhar frango, coloca todo tempero, mas fica sem gosto. O pessoal fala que é porque eles aplicam injeçãozinha para crescer mais rápido”.*

No entanto, percebemos pelas respostas apresentadas para essa questão, que embora alguns tenham mencionado estar acostumados com a cidade, indicaram decepção e

insatisfação por diferentes motivos. Uma queixa comum entre os entrevistados foi sobre a frieza e distância entre as pessoas observada por eles nas pessoas de Ibaté.

[E07] *“O que eu gosto em Ibaté é só da água. Aqui é muito parado, não tem festa. Mas também não tem muita opção de emprego, só a roça. Quando cheguei morava no bairro Mariana e lá as pessoas não são muito amigáveis não. Estranhei tudo: o lugar, o jeito que as pessoas vivem aqui, dentro de casa trancadas, acho que é porque é um bairro com mais paulistas. Não sabem quem é o vizinho. Aqui no Icarai é mais fácil pegar amizade. Nordestino quando chega do trabalho toma banho e vai para a calçada ver quem passa e fica conversando. Aqui nesse bairro tem bastante nordestinos”.*

Alguns se sentem humilhados quando ouvem falar que migram porque estão passando fome. Esses não se sentem parte da cidade e menos ainda consideram a importância de suas atividades para a região. Os amigos são somente aqueles que vieram do mesmo estado.

[E03] *“Aqui na cidade eles acham que a gente vem para cá porque estamos passando fome. Na cidade não tem quase nada de bom, só o trabalho. Tenho poucos amigos. Amizade mesmo só dos que vem de lá”.*

Mesmo os que julgaram que a cidade é acolhedora, deixam evidente que a convivência social desses sujeitos fica restrita aos moradores conterrâneos que compartilham as mesmas dificuldades do processo de migração. Outros atribuem o distanciamento das pessoas ao medo presente nas cidades mais desenvolvidas.

[E06] *“O que eu gosto é a facilidade e o acesso ao trabalho e o que não gosto é a mudança repentina de tempo. Das pessoas o que eu gosto é a educação. Não gosto do convívio fechado, da falta de amizade entre os vizinhos. Chegam em casa fecham as portas. Estão sempre inseguros com medo de alguma coisa... Na alimentação é tudo diferente, aqui tem mais oportunidade de ter uma alimentação melhor”.*

Alguns desses trabalhadores adotaram uma postura mais acomodada, mas ainda percebem um estranhamento nas relações e nos valores dos moradores do lugar para onde migraram. A cidade tem vantagens apenas do ponto de vista financeiro e profissional.

Pedimos aos entrevistados que selecionassem (avaliassem) os ambientes naturais ou paisagens que consideram mais agradáveis e os que eles consideram menos agradáveis na cidade em que estão morando e trabalhando atualmente. Os ambientes foram selecionados pelos participantes e agrupamos conforme respostas repetidas:

[E04] *“É um lago que tem um monte de patinhos. Porque lá a gente fica dando pão para os peixes, as crianças brincam... O que menos me agrada é bar porque atrai brigas e má influência.”*

[E09] *“... Gosto muito da mata aí para traz, tudo verde. Não sei o nome, lá a mata é caatinga aqui não sei o nome... gosto da mata do alemão...Não gosto do lixo que as pessoas jogam na rua”*.

[E10] *“A vista iluminada da cidade é muito bonita”*.

De modo geral, os ambientes naturais tiveram preferência predominante em relação às áreas urbanas pelos trabalhadores rurais estudados. Os ambientes que mais se destacaram foram àqueles relacionados à presença de áreas verdes, seguido pela preferência por lugares que apresentam corpos d’água, - rios, lagos, cachoeiras, represas.

[E01],[E02] *“São as cachoeiras. Porque é como se fosse a Serra lá onde nasci tem muito mato e parece as nascentes das serras de lá e o que menos me agrada é o lixo jogado na rua”*.

A presença dos corpos d’água possui grande significado para os entrevistados, conforme identificamos no decorrer das entrevistas, pois em quase todos os depoimentos fizeram queixas sobre a falta de água nas localidades de origem, como também existe grande preocupação com o destino final do lixo em Ibaté e na cidade de origem.

[E06] *“Os rios, porque a gente sente necessidade de ter isso em outros lugares. Os lugares poluídos por caminhões me agradam menos”*.

A construção de locais para armazenar água é importante porque segundo Melo (2008), a chegada de cisternas no sertão nordestino, impede que os animais morram de fome

e sede e que as famílias fiquem sem água para as necessidades domésticas tais como cozinhar, lavar as roupas e a louça, tomar banho.

Um dos entrevistados mencionou um dos poucos lugares da cidade onde encontramos na vegetação características de áreas de Cerrado. Embora não tenha conseguido nomear a vegetação, ao ser questionado sobre o local mencionou também outro lugar conhecido como Mata do Alemão.

[E03], [E05], [E07] ,[E08] *“A Mata do Alemão e a praça central são os lugares mais bonitos da cidade. Porque tem árvores e são bem cuidados. Não gosto do lixo jogado na rua”*

A mata do alemão é uma área de reserva nativa preservada próxima ao centro da cidade de Ibaté, onde também encontramos vegetação característica de Cerrado. A praça central foi um lugar também citado em outras questões. Ao perguntar sobre os motivos para as respostas apresentadas encontramos diferentes justificativas, entre elas a identificação com a cidade Natal, a lembrança da necessidade de rios perenes em sua terra natal, as árvores que lembram a vegetação próxima às suas casas.

Figura 13: Imagens da Mata do alemão em Ibaté -SP



As imagens da toponímia são derivadas da realidade que os cerca. As pessoas são mais atentas para aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas (TUAN, 1980).

Quando perguntamos sobre os ambientes que menos agradam o mais citado foi o lixo jogado nas ruas. Ainda sobre os problemas identificados, responderam que o problema do lixo se agrava quando chove e esses resíduos vêm parar na porta das casas. Relataram que a prefeitura passa fazendo a coleta, mas que não consegue resolver a questão porque segundo os entrevistados, falta consciência nas pessoas para jogar o lixo no lugar certo (FIGURA Nº 14).

Figura Nº 14- Imagens do lixo jogado na rua próximo à entrada das casas.
Ibaté - SP



Uma das entrevistadas queixou-se dessa situação contando que em certa ocasião a forte chuva que ocorreu em Ibaté, trouxe muita sujeira na enxurrada, entupindo bueiros e alagando a casa em que mora.

Outra preocupação citada foi com os bares apontados como ambientes que menos agrada e ao ser questionada o motivo, a entrevistada respondeu que nesses lugares as pessoas se encontram e que geram muitas brigas. Relatou que nem todos os migrantes que vem para trabalhar no corte da cana se dão bem na cidade. Comentou que, infelizmente alguns são influenciados por algumas amizades e acabam fazendo opção por caminhos diferentes e que “terminam se perdendo”.

FIGURA Nº 15 – Imagem de alguns moradores conversando na calçada do bairro Icaraí



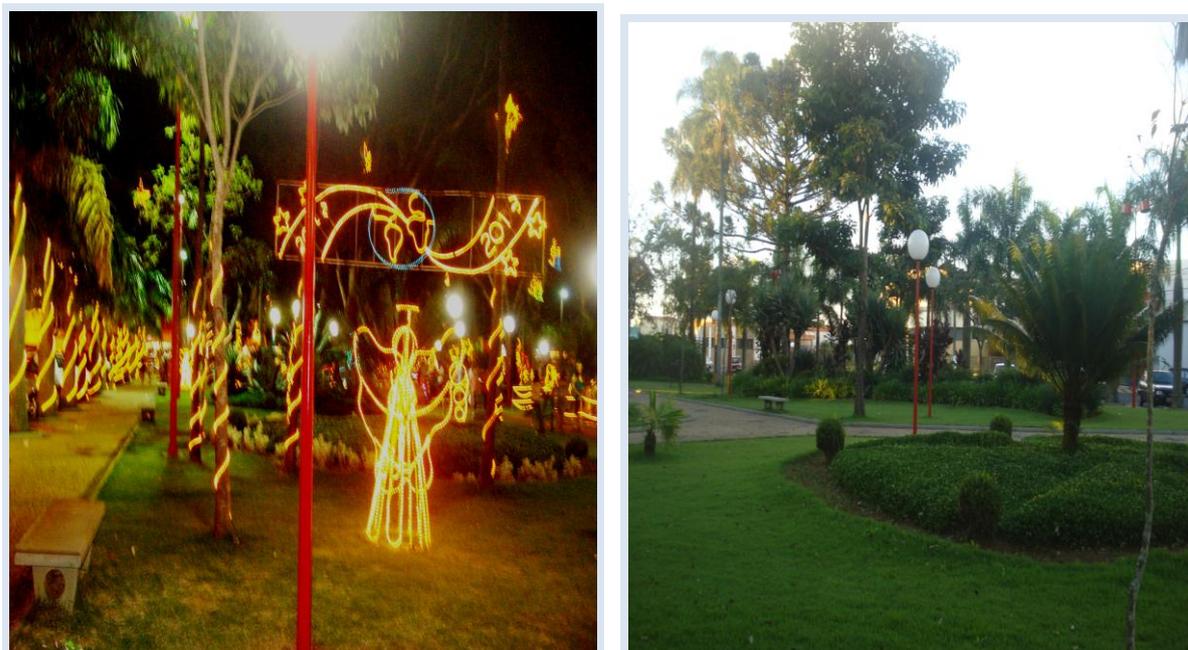
Para entender melhor a percepção dos nossos participantes e a preferência pelos ambientes naturais citados nessa questão, procuramos conversar informalmente com vários habitantes da cidade de Ibaté e a maioria informou que sabiam da existência de cachoeiras e rios que pertencem à cidade, no entanto jamais foram até esses locais.

Sobre essa diferença de interesses entre migrantes e nascidos no lugar Marin (2004), escreve que é esperado que as pessoas que vêm de outras realidades tenham interesses diferentes daqueles que vivem naquele lugar a maior parte da vida.

Percebemos que as preferências dos entrevistados por ambientes naturais, são os mesmos ambientes preferidos, admirados e desejados por eles em sua terra natal. Os ambientes escolhidos na cidade de destino são aqueles que lembram o lugar onde nasceram, como as praças, as cachoeiras e as matas.

No que se refere a percepção dos sujeitos a respeito dos ambientes que lembram a Terra natal, Chauí (2009) escreve que “o percebido é dotado de sentido e tem sentido em nossa história de vida, fazendo parte de nosso mundo e de nossas vivências” (*op. cit* p.135).

Figura Nº 16: Imagens da Praça central de Ibaté em momentos distintos



Identificamos em suas falas que conseguem avaliar o que a cidade oferece de positivo - belas praças para o lazer, a oferta de emprego, a expectativa de conseguir construir um sonho, o desejo de sobrevivência.

Os Problemas ambientais percebidos pelo participante nos ambientes vividos também serão incluídos dentro do elemento avaliação, lembrando que são filtros culturais e individuais e que fazem parte do mesmo processo.

Quando indagados sobre problemas ambientais na cidade de origem e de destino, metade dos entrevistados citou o desmatamento e as queimadas, em seguida falaram na ausência de lugar para armazenar a água em período de seca, falta de saneamento, o problema do lixo jogado na rua. Nas palavras dos trabalhadores:

[E06] [E07] [E08] [E09] [E10]” ... *o desmatamento e as queimadas*”.

A entrevistada 01 desde o primeiro momento da entrevista mostrou que as árvores tem um grande valor na sua vida e na da família. Percebeu as árvores caídas no caminho do trabalho porque em sua Terra Natal esse problema é constante. Preocupou-se em mostrar fotografias das árvores em volta de sua casa no lugar de origem, mostrou imagens das brincadeiras que fazia com os familiares e amigos. Falou da expectativa de voltar para seu lar e reviver os bons momentos quando ainda não pensava em mudar de cidade.

[E01] *“Eu acho que estão fazendo muita casa e estão derrubando as árvores. Um lugar que era da natureza e estão fazendo cidade... Nas matas daqui eu percebo que eles estão derrubando muita árvore. Eu vou trabalhar e vejo elas caídas.*

[E04] *Lá eles cortam as árvores. Aqui é o lixo que o pessoal joga nas ruas. Mesmo tendo lixeiro o pessoal joga garrafa, lata de cerveja e outros tipos de lixo.” Quando chove, entope o esgoto e a água trás o lixo de volta”.* [E05]

Uma das maiores preocupações desses trabalhadores está relacionada à destruição da vegetação natural pela ocupação antrópica dos lugares, como relatou a entrevistada 01.

Também outros problemas ambientais percebidos pelos entrevistados, estão relacionados à falta de infra-estrutura e saneamento.

[E03] *“Não tem esgoto... o lixo é jogado na rua... Em Ibaté, lixo na rua”.*

[E02] *“precisa construir cisternas para não ter que andar tanto para carregar água. São as queimadas” (Ibaté).*

Com exceção dos migrantes que vieram de Barbalha no Ceará, observamos pelos resultados que a falta de água é a grande preocupação sendo esse assunto muito comentado de forma direta ou indireta quando apresentaram os problemas ambientais ou suas preferências por ambientes onde a presença de água é abundante. Os que citaram o elemento água, são oriundos de regiões onde a seca é um dos principais motivos das dificuldades enfrentadas pelos moradores desses lugares.

A preocupação com os problemas ambientais destacados leva esses migrantes a adotar determinados comportamentos, ações e a emitir opiniões que fazem parte de um dos itens do processo perceptivo e que será apresentado em seguida: a conduta.

3.1.6 Condutas individuais ou coletivas

A conduta de um indivíduo depende de todos os elementos já elencados e que formam o processo perceptivo, que é subjetivo, assim os sentimentos, as emoções, os interesses pessoais, as expectativas e outros estados mentais influenciam no que nossos sujeitos

migrantes percebem e que produz uma conduta que inclui, opiniões, ações ou modelos de comportamentos que novamente realimentam a realidade, numa relação sistêmica.

Procuramos identificar a percepção dos sujeitos sobre a responsabilidade pelos problemas ambientais em sua cidade de origem e na cidade que escolheram para trabalhar. Identificar se eles se isentam da responsabilidade, se ela é compartilhada ou atribuída a outro segmento social.

[E01] *É do povo do lugar mesmo. Por exemplo, o povo do Juazeiro compra um pedaço de terra e faz umas casonas grandes... Aí leva outros. Vai falando que é gostoso e eles vão comprando os terrenos.. Eu não queria isso. Em Ibaté eu acho que é dos habitantes daqui. O pessoal que é criado na cidade não tem importância com a natureza.*

[E05] [E06] [E07] [E09] [E10] *Das pessoas, do órgão que cuida da fiscalização, do IBAMA, da polícia federal.*

Apenas dois trabalhadores se incluem também como responsáveis pelos problemas ambientais. Mas existe uma consciência dos impactos negativos provocados pela destruição dos ambientes naturais.

[E03] [E04] *“A responsabilidade é nossa”*

Os demais entrevistados, atribuem a responsabilidade dos problemas à população, mas não se incluem como parte dela, e atribuem também aos órgãos públicos.

[E08] *“Não tem culpado é que o pessoal passa e joga cigarro e pega fogo”.*

[E02] *“Do governo, da Dilma, do prefeito”.*

A entrevistada E01 lamenta que a vegetação está sendo derrubada para dar lugar a construção de mansões, Tuan (1980) cita que *“Thomas Cole, o paisagista, lamentou o destino da natureza porque cada colina e cada vale está se transformando em um altar ao dinheiro”* (op. cit. p. 127).

Ao isentar-se da responsabilidade pelos problemas ambientais percebidos, os entrevistados atribuem ao poder público a tarefa de estimular a população ao senso de responsabilidade e de novos valores que influenciem atitudes e comportamentos pró-ativos.

A partir das respostas apresentadas, procuramos identificar as **ações individuais ou coletivas dos migrantes** a favor do meio ambiente. Sobre os problemas ambientais que poderiam ser resolvidos ou diminuídos com a participação deles ou das pessoas em geral, foram dadas as respostas:

[E10] *“Os que eu puder ajudar... as pessoas deveriam não derrubar árvore”.*

As principais propostas de ação apresentadas pelos entrevistados, para resolver ou diminuir os problemas ambientais, estão relacionadas a conscientização sobre o uso racional da água e destino correto do lixo, replantio de árvores e preservação.

[E01] [E07] [E08] *“Economizar água, plantar árvores”*

[E02] *“Posso ajudar plantando árvores”*

[E03] [E04] [E05][E06][E09] *“O problema do lixo, jogando no lugar certo”.*

Para Tuan (1980 p. 04),

a atitude é primariamente uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. (...) A visão do mundo é uma experiência contextualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social.

Com relação à participação do entrevistado na pesquisa, assuntos abordados e a importância deste tipo de trabalho, a maioria dos participantes considerou importante, conforme relatos:

[E01] *“Amei participar dessa pesquisa. Nem vi o tempo passar. A gente aprende”.*

[E06] *“Achei importante ter participado. Algumas perguntas, a gente tem que colocar a mente para funcionar antes de responder. E acabei descobrindo coisas que não sabia sobre o meio ambiente”.*

[E05] *Achei interessante participar dessa pesquisa porque mesmo sem saber responder eu aprendi. Não vi o tempo passar. As perguntas não são fáceis nem difíceis de responder.*

[E08], [E10] *Achei importante participar porque a gente aprende.*

[E09] *Achei muito bom participar dessa pesquisa porque me lembrou de coisas que eu tinha esquecido e porque me deixou mais informado.*

Além de importante, acreditam ser necessário que as questões desenvolvidas nesse trabalho sejam divulgadas:

[E07] *Achei bem importante, um tempo bom e fácil de responder. Mas precisa girar essas perguntas por aí... do mesmo jeito que manda conta de luz, de água pra casa, podia girar essas perguntas... Na escola podia girar...”*

E02] *“podia informar para separar o lixo”*

[E04] *“Não prestei atenção se durou muito tempo. Eu acho importante porque você traz informação e eu te dou informação. As perguntas não são muito difíceis de responder. Você faz perguntas que eu tenho capacidade de responder”.*

E03] *A entrevista me deixou mais informado. Aprendi o que é coleta seletiva de lixo.*

Conforme apresentado nas falas de alguns participantes, a entrevista além de levar informações, também provocou nos entrevistados a preocupação com a utilização mais consciente dos recursos naturais.

Através dessas questões, identificamos que um roteiro de entrevistas sobre a percepção dos ambientes vividos, pode ser aplicado nas escolas, ou seja, é passível de aplicação pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Na sala de aula o professor orientará os alunos sobre o tema abordado, e esses de posse do roteiro de questões poderão envolver os pais e familiares. Essas questões levarão os sujeitos envolvidos a reflexão, compreensão e aprendizagem dos assuntos abordados no tema.

Levando em conta que a Geografia é uma ciência que estuda as relações do homem com o meio ambiente, não deve ser negligenciado o compromisso e a responsabilidade de devolver à sociedade, as respostas para as questões sócio ambientais provenientes das ações dos seres humanos (NEHME 2008).

Para Nehme (2008), o desafio da ciência geográfica é atuar como ciência mediadora e esclarecedora para despertar na sociedade, a sensibilização para a preservação da natureza e sua utilização com responsabilidade.

Todo o processo de sensibilização, conscientização e conhecimento que envolve um estudo sobre percepção ambiental, também poderá provocar uma ação positiva que levará tanto professores quanto alunos à reintegração com o seu meio, estabelecendo com ele novas relações, procurando preservar os recursos naturais, caminhando rumo à sustentabilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios que nortearam este trabalho foram: a teoria subjacente à percepção da topofilia e da topofobia inculcadas no ser humano e suas relações com a realidade dos ambientes vividos por migrantes nordestinos, em especial, da cidade de Ibaté. Portanto, no presente trabalho, buscou-se identificar o processo de percepção do meio ambiente, com base principalmente nos aportes teóricos do geógrafo Yi Fu Tuan e do arquiteto Vicente del Rio.

De acordo com o pensamento de Tuan (1983), experiências íntimas são difíceis, mas não impossíveis de expressar. A cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, faltar elegância arquitetônica e encanto histórico, no entanto pode ser ofensivo quando um estranho a critica. Segundo Rio (1999) embora as percepções sejam inerentes a cada indivíduo existem recorrências comuns entre elas.

O objetivo principal dessa pesquisa foi descrever e interpretar a percepção ambiental de migrantes nordestinos, a fim de compreender a sua relação com o meio ambiente do lugar de origem e de destino. Para alcançar esses objetivos, procurou-se conciliar a teoria com a prática, isto é, se as referências científicas nas áreas de Geografia, Sociologia, Psicologia e Filosofia e, que relacionam a topofilia e a topofobia do lugar de origem e de destino, estavam em consonância com a realidade dos migrantes sazonais nordestinos de Ibaté.

Para verificar a correlação entre a teoria e prática, também foram feitas pesquisas no município de Ibaté, visitando os locais mais citados pelos entrevistados, Praça Central, Mata do Alemão e bairros periféricos onde estão localizadas as casas dos entrevistados.

Houve também a preocupação em familiarizar o leitor com as implicações que a mudança de meio ambiente, a partir da migração e na busca pela atividade canavieira, provocam na vida de cada um. A abordagem do tema migração é muito importante para a compreensão do modo de viver e pensar dos trabalhadores rurais em questão.

As respostas obtidas no presente estudo permitem salientar que a maioria dos trabalhadores entrevistados “percebe”, de forma quase plena e intensa o meio ambiente natural e a paisagem do lugar de origem. Já no lugar de destino os ambientes selecionados pela percepção dos participantes são aqueles que direcionam a memória perceptiva dos entrevistados aos ambientes naturais do local de origem. Esse tipo de memória ou

reconhecimento, que segundo Chauí (2009), “ *nos permite reconhecer coisas, pessoas, lugares, etc. e que é indispensável para a nossa vida cotidiana*”.

A Terra Natal é um lugar muito valorizado onde os elementos que mais despertam sentimentos de afetividade – topofílicos - são aqueles que compõem a paisagem natural e vão ao encontro das necessidades dos trabalhadores.

Os sentimentos de aversão – topofóbicos - estão presentes nos atributos negativos, relacionados na maioria das vezes as áreas com os problemas ambientais e que de algum modo não atendem às necessidades de sobrevivência dos habitantes. Os entrevistados demonstraram ter estabelecido poucas relações afetivas com o município de destino, o que torna mais difícil a convivência nesse lugar refletindo na conduta ou seja nas ações a favor do meio ambiente.

A maioria dos entrevistados “percebe” o ambiente tanto do lugar de origem quanto do lugar de destino como natureza “pura” restrito aos componentes bióticos e abióticos, onde o ser humano é apenas um observador, dissociado do ambiente. Esses trabalhadores têm um grande senso ecológico e uma forte ligação com a terra, e com localidades que contenham água. Vale ressaltar que a maioria dos migrantes nordestinos são oriundos de localidades onde a água é escassa. Embora tenham uma forte afeição com os ambientes naturais, poucos apresentaram uma visão globalizante, quando há uma relação recíproca entre ser humano e natureza.

Assim como identificado no conceito de meio ambiente, os participantes não apresentam com clareza a definição de educação ambiental; a percepção do conceito de educação ambiental se aproxima da visão ecológico-preservacionista, onde a EA é voltada somente para preservação e conservação da natureza, sem uma análise das causas econômicas e sociais dos problemas ambientais. .

Os principais problemas ambientais percebidos no lugar de origem, referem-se ao desmatamento e principalmente ao destino final dos resíduos sólidos, que incomoda a maioria dos trabalhadores entrevistados. No entanto os resultados demonstraram que estão um pouco alheios aos problemas ambientais da cidade de destino.

Percepção Ambiental e Educação Ambiental devem ser aliadas na transmissão de conhecimentos, na compreensão dos problemas ambientais, provocando a sensibilização das

peças para preservação dos recursos naturais e principalmente, fortalecendo as relações interpessoais com a natureza. E para que isso aconteça será necessário que nossas escolas trabalhem com a ideia de percepção e de conceitos ambientais em todas as áreas do conhecimento.

Identificamos através dos resultados a falta de eventos que promovam ações ambientais, que sejam divulgadas e que envolvam a participação popular, sugerida pelos entrevistados. As ações poderão ser promovidas através das escolas e da televisão como meios de divulgação.

Uma pesquisa em percepção ambiental pode ser utilizada em diferentes áreas do conhecimento, pois a partir da análise, pode-se determinar quais são as necessidades de uma determinada população e a partir dos resultados alcançados, propor melhorias.

O estudo da percepção ambiental através de relatos poderá ser utilizado como um instrumento de ensino, ou como parte dos recursos didáticos para que com o envolvimento dos pais e familiares, os alunos sintam-se motivados a estudar temas que incluam questões ambientais.

Fica evidente a necessidade da realização de mais pesquisas que promovam discussões sobre um tema tão importante e de tanta abrangência como a percepção ambiental. Apesar de toda dificuldade que a temática desse trabalho envolve, podemos dizer que a conservação ambiental só poderá ser efetiva quando for levada em consideração a percepção ambiental dos sujeitos envolvidos.

O que deve ser considerado seria não apenas a produção do conhecimento e do saber científico, mas sim a utilização a posteriori desses resultados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.P. **A Percepção da Paisagem urbana de Santa Maria/RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores.** Mestrado em Geografia. UFSM-RS, Santa Maria-RS, 2007.

ARANHA, M.L. MARTINS, M.H. **Filosofando- Introdução à Filosofia.** Moderna. São Paulo, 1992.

BARAÚNA, A. **A Percepção da variável ambiental de algumas agroindústrias de Santa Catarina.** Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 1999.

BORGES, G.M. et al. **Interpretando a Paisagem de Migrantes : uma leitura da relação do lugar desde uma abordagem geracional.** Universidade Federal do Rio Grande. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v.24, 2010.

BORGES, S.S. **O nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade.** Dissertação. Mestrado em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** Cia das Letras, São Paulo, 1994.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, 5ª a 8ª séries.** Geografia, 1998.

BRASIL. Lei Federal 9.795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de educação ambiental.

CARVALHO, A.R.C. **Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília, 2008.

CORRÊA, S.A. **Percepção Ambiental nos históricos de mudança de paisagem no entorno do Parque Estadual da Serra de Caldas – Caldas Novas – Goiás.** Tese de Doutorado em Ciências Ambientais, Univ. Federal de Goiás. Goiania – 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** Ática, São Paulo. 2009.

DAY, R.H. **Psicologia da Percepção.** Livraria José Olímpio. São Paulo, 1979.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 2000.

DORNELLES, T.A. **Percepção Ambiental: uma análise na bacia hidrográfica do rio Monjolinho São Carlos, SP.** Dissertação, Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental, USP – São Carlos, 2006.

Folha de Ibaté. Edição especial 102 aniversário, 24/junho/1995

_____ Edição especial, Junho/2007

_____ Região, maio de 2012.

FERREIRA, C.P. **Percepção Ambiental na estação ecológica de Juréia- Itatins.** – dissertação de mestrado em Ciência Ambiental. USP, SP. 2005.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** Editora UNESP. São Paulo, 1991

GOMES, J.A. **O CANAVIAL COMO REALIDADE E METÁFORA: Leitura estratégica do trabalho penoso e da dignidade no trabalho dos canavieiros de Cosmópolis.** Tese de Doutorado em Psicologia. USP-SP, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo 2010.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, 2012

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. Edusp, 2001.

LIMA, R. T. **Percepção Ambiental e participação pública na gestão dos recursos hídricos: perfil dos moradores da cidade de São Carlos, SP (Bacia hidrográfica do rio Monjolinho)**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental, USP – São Carlos, 2003.

MARCZWSKI, M. **Avaliação da Percepção Ambiental em uma população de estudantes do Ensino Fundamental de uma escola municipal rural: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Ecologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

MAGNI, C. A. **Discurso da paisagem em Luís Martins: imaginário geográfico nas crônicas de São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Departamento de Geografia da FFLCH. USP, 2008.

MARIN, A.A. **Reconstituição histórica como instrumento de resgate cultural e de educação ambiental**. Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, V.13, julho a dezembro de 2004.

_____ **Pesquisa em educação ambiental e percepção**. Revista Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 3, n. 1 – pp. 203-222, Usp, 2008

MARCOMIN, F.E. BRAGA, R. N. **Percepção Ambiental: uma análise junto a moradores do entorno da Lagoa Arroio Corrente em Jaguaruna, Santa Catarina**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – FURG-RS, 2008.

MARIOTONI, M.A. **O Desenvolvimento do setor tecnológico do setor sucroalcooleiro no Estado de São Paulo (1975-1985)**. Dissertação - Mestrado em Planejamento de Sistemas Energéticos. Faculdade de Engenharia Mecânica. Unicamp. Campinas, 2004.

MATOS, M.P. **A Sensibilidade do Lugar: uma proposta metodológica para aplicação da percepção ambiental nos planos de emergência a derrames de óleo.** Tese de doutorado em Geografia. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Unesp, Rio Claro-SP, 2010.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa.** São Paulo, Atlas, 2007.

Metodologia Científica. São Paulo, Atlas, 2011

MELAZO, G.C. **Percepção Ambiental e Educação Ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano.** Revista Olhares E Trilhas. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005

MELO, B.M. **Migração, Memória e Território: o trabalhador rural nordestino na Ibaté paulista.** Mestrado em Geografia. Unesp, Presidente Prudente, SP, 2008.

MENDES, A.A. **A Percepção Ambiental dos resíduos de serviços de saúde- RSS da equipe de enfermagem de um hospital filantrópico de Araraquara-Sp.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – UNIARA - Centro Universitário de Araraquara. 2005.

Ministério de Minas e Energia. Diagnóstico do município de Pé de Serra. Salvador, 2005.

MORAES, M. A. at all. **Migração Espontânea de Trabalhadores no Setor Sucroalcooleiro.** XLVI Congresso da SOBER – ESALQ/USP. 2008.

MORAES, P. R. **As áreas tropicais úmidas e as febres hemorrágicas virais – uma abordagem geográfica na área ambiental e na de saúde .** Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP – SP, 2007.

MORET, A.S; SANTOS, F. B. **Implantação de energia na Resex do rio Ouro Preto: usos de energia, percepção ambiental e desafios à implementação.** Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho – Rondônia. V ENANPPAS, 2010.

NEHME, V.G.F. **Os laços topo-biofílicos que transformam espaços em lugares para servidores e estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Uberlândia (MG): Abordagem Perceptiva em Geografia.** Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. 2008.

NOVAES, J. R.P. **Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas.** Estudos avançados, São Paulo, v. 21, n. 59, abr. 2007.

OLIVEIRA, K.A. **Estudo da Percepção Ambiental em torno das entidades gestoras e dos sujeitos envolvidos com políticas e programas de interesse público para o desenvolvimento rural sustentável da bacia do rio Corumbataí.** Dissertação de Mestrado em Ciências. USP – Piracicaba, 2012.

OLIVEIRA, D. V. at all. **As Percepções Ambientais voltadas à Educação para o Desenvolvimento Sustentável em Itajaí/SC.** Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS, 2009.

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental.** Dissertação de Mestrado em Engenharia – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Pinheiro, J.Q. **Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI. Sustentável?** In O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Orgs.). Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2003.

PEDRINI, A.G. RIBEIRO,G. **Educação Ambiental X Meio Ambiente: conceitos em construção?** Anais da Conferência da Terra, 21-24.05.2008, João Pessoa-PB.

Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 27abril de 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA, 2013. Disponível em:
<http://www.barbalha.ce.gov.br>

PREFEITURA MUNICIPAL DE IAÇU – BAHIA. 2013. Disponível em: <http://www.iacu.ba.gov.br/informacoesGeograficas>

PREFEITURA MUNICIPAL DE IBATÉ, 2012. disponível em: <http://www.imate.sp.gov.br>

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo - Brasiliense, 1991.

_____ **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós moderna**. São Paulo, Cortez, 2002.

RODRIGUES, D.S. **Uma análise dos determinantes da migração entre estados do trabalhador informal brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Economia Aplicada – Faculdade de economia e Administração, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

RIO, V. D. org. **Percepção Ambiental: a experiência Brasileira**. Nobel, EDUFSCAR, São Carlos-SP, 1999.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. Hucitec, São Paulo, 1991.

_____ **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Edusp, São Paulo, 2002.

SANTOS, R.I.C. **A Terra Prometida- emigração italiana: mito e realidade**. Univali - Itajaí, 1999.

SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – **Compromisso nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho na cana de açúcar**. Brasília, 2008.

SCHMITT, J. **Estudo da Percepção ambiental na Represa do Lobo: subsídios à educação e ao planejamento ambiental**. Mestrado em Ciência da Engenharia Ambiental. USP, São Carlos, 2005.

SILVA, U.V. **Velhos Caminhos, Novos destinos: migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo.** Dissertação – Mestrado em Sociologia – Programa de Pós Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

TERAMUSSI, T.M. Percepção ambiental de estudantes sobre o Parque ecológico do Tietê, São Paulo-SP. Mestrado em Ciência Ambiental, USP- São Paulo, 2008.

TORRES, D.F; OLIVEIRA, E.S. **Percepção Ambiental: instrumento para educação ambiental em unidades de conservação.** Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, FURG-RS, 2008.

TROLL, C. **A paisagem geográfica e sua investigação.** *In:* Espaço e cultura v. 04, UERJ, Rio de Janeiro, 1997.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Trad. Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar. A perspectiva da experiência.** São Paulo Difel, 1983.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Pesquisa: ABORDAGEM PERCEPTIVA EM GEOGRAFIA DOS AMBIENTES VIVIDOS POR MIGRANTES: o caso de Ibaté - SP

A sua contribuição ao responder essas perguntas é indispensável, pois este questionário faz parte de uma coleta de dados para uma dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara-Uniara, cujos resultados serão divulgados a partir de 2013.

ENQUADRAMENTO SOCIAL DA ENTREVISTA

Nome: _____ **Data** ____/____/_2012

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____anos **Estado civil:** _____

Numero de filhos:

Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo ()

Ensino médio completo () Ensino médio incompleto ()

Profissão: _____

Local de trabalho: _____ **Renda mensal:** _____

Cidade de origem: _____

A- VIDA PREGRESSA

1. Com quem morava, quanto tempo, o que fazia, antes de vir para Ibaté?
2. Como era sua vida lá? boa, ruim, quais eram as dificuldades?
3. Quanto tempo pretende permanecer em Ibaté?

B - DECISÃO

4. O que/quem influenciou na decisão de vir trabalhar em Ibaté (explorar a influência de outros, família, promessas, sonhos).
5. Qual o motivo da escolha por Ibaté (motivos, outras alternativas?)
6. Concepção a respeito de Ibaté antes da viagem?
7. Expectativas, desejos e sonhos em relação a essa viagem/trabalho?

C – PERCEPÇÃO AMBIENTAL (local de origem)

8. Para você, qual é o ambiente/paisagem em sua Terra Natal que MAIS lhe agrada?
Motivo?
9. No lugar onde você nasceu, qual ambiente/paisagem MENOS lhe agrada? Motivo?
10. Enumere em sequência de preferências três paisagens que lhe chame mais atenção no lugar onde você nasceu:
 - 1.
 - 2.
 - 3.

Cidade de destino

11. O que gosta e o que não gosta em relação à cidade e as pessoas (acolhimento, adaptação, forma de comunicação, costumes, estranhamentos)

12. Para você, qual é o ambiente/paisagem em Ibaté que MAIS lhe agrada? Por que?

13. Aqui em Ibaté, qual ambiente/paisagem MENOS lhe agrada? E por que?

14. Enumere em sequência de preferências três ambientes/paisagens que lhe chame MAIS atenção aqui em Ibaté:

- 1.
- 2.
- 3.

D- ASPECTOS CONCEITUAIS

15. Você sabe o que significa Meio Ambiente?

() sim () não

15a- O que você entende por Meio Ambiente?

16. Quais são as fontes de informação que você teve ou tem sobre os temas ambientais?

17. Você sabe o que é Educação Ambiental?

() sim () não

18. O que você entende como Educação Ambiental?

19. Quais são os principais problemas ambientais percebidos por você na sua cidade Natal?

20. Para você, de quem é a responsabilidade por estes problemas ambientais apresentados?

21. Quais são os principais problemas ambientais percebidos por você na cidade de Ibaté?

